BIBLIOTHECA UNIVERSAL
De Lucas & Filho
A PORTA
DO
PARAISO
CHRONICA
DO
REINADO DE D. PEDRO V
Romance original
DE
ALBERTO PIMENTEL
Lith. de Lopes R. N. dos M.es 2 a 4

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

A PORTA DO PARAISO

BIBLIOTHECA UNIVERSAL No. 8

Dedicada ao Visconde de Castilho

A PORTA
DO
PARAISO

CHRONICA DO REINADO DE D. PEDRO V

ROMANCE ORIGINAL

DE

ALBERTO PIMENTEL

(Edição illustrada)

LISBOA

LUCAS & FILHO — EDITORES

Rua dos Calafates, 93

1873

... comecei a gozar no seio da familia uma felicidade até alli desconhecida.

(D. Pedro v. — *Resposta á camara municipal de Lisboa em* 1859).

AO EX.^MO SR.

BENTO DE FREITAS SOARES

ACTUAL GOVERNADOR CIVIL DO PORTO

BACHAREL FORMADO EM MEDICINA
PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIGO DEPUTADO DA NAÇÃO,
DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA,
DIGNITARIO DA ORDEM DA ROSA DO BRAZIL, GRAN OFFICIAL
DA CORÔA DE ITALIA, ETC.

Off.

O autor.

A Porta do Paraiso

I

UM SERÃO EM ALCOBAÇA

Um talento delicado como o de Garrett escreveria formosas paginas para acompanhar o leitor até onde o quizesse levar. Faria outro livro de viagens, contaria o romance d'outra janella, phantasiaria rouxinoes no bosque, amores no coração, suavidade no céo, harmonia na natureza... Tudo isso era bello! se fosse possivel haver outro Garrett. Aquelle notavel talento que brincava com as idéas e com as palavras, que tinha o condão de fazer com que as alegrias e as magoas lhe sorrissem sob a penna, de pôr em tudo um raio de sol, que nem a saudade lhe escapou,

e ficou parecendo mais formosa poetisada por elle, fugiu com as suas *azas brancas* a esconder-se no mysterio da eternidade, e não deixou á terra o segredo do seu pensar e dizer. Portanto, leitor amigo, vamos para Alcobaça, sem conversarmos a historia do seu famoso mosteiro de bernardos, das regalias prelaticias dos seus abbades, das largas mercês que lhe fizeram os primeiros reis portuguezes, de tudo o que anda nas chronicas e podia ser colorido no romance. Entremos sem detença ao lar que nos espera. João Vaz, o velho camponez, está avisado da visita e sente-se ancioso de nos mostrar a sobrinha e o sobrinho. Clarinha, uns meigos vinte e quatro annos, está costurando e olhando d'esconso para o primo. Alvaro Vaz, mettido entre rumas de livros, não faz senão folheal-os, annotal-os, esquecido de que tem vinte annos e de que a prima está alli perto. O velho, cansado d'ouvir ranger os livros e a agulha, começa a apertar com o sobrinho para que deixe os in-folios, e a sobrinha de boa vontade corrobora os piques do tio. Não basta dizer boa vontade; da melhor vontade é que se devia ter dito. Essa é a que vem do coração; essa era a de Clarinha.

— Deixa os alfarrabios, rapaz! Pareces um frade, no tempo em que Alcobaça os teve, com o nariz mettido nos latins da livraria! Como vaes a Lisboa assistir ás festas da acclamação do sr. D. Pedro v,

queres fazer pasmar esse Tejo com a tua sabença. Tó carocha! Ha por lá sabios d'arregalar o olho! És criança; estás muito verde...

— E não é com o trabalho de todos os dias que o tio faz amadurecer os fructos dos pomares? replicou um pouco enfadado Alvaro Vaz sem despregar os olhos de cima d'uma chronica e escrevendo á margem uma nota.

— Ahi me vens tu com as tuas philosophias! Não sou eu que faço tudo; mais do que eu faz a terra, — esta boa terra d'Alcobaça que não a ha melhor para fructa e vinho. Se eu tomasse a freima de querer ter uvas em maio, dava commigo no hospital de doidos ou no cemiterio, tanto monta!

— O tio tem razão! objectou timida e docemente Clarinha. Eu tenho pena de não saber ler, mas que soubesse, não me havia de afadigar como o primo que parece um moinho que não descança todo o dia!

— A prima é rica! atalhou com desdem Alvaro Vaz d'entre os seus livros.

— Isso é, respondeu o camponez. Falaste ha pouco de pomares; de Clarinha são. Eu, seu tutor e seu tio, tu, seu primo, da sua generosidade vivemos.

Clarinha, sobremodo afogueada das faces, e sem levantar olhos da costura, murmurou com voz tremula:

— Meu tio! Que mal me faz ouvil-o! O tio é meu pae, Alvaro é meu irmão, somos todos uma familia.

— Teu pae sou, porque te amo como se fôras minha filha, e Alvaro, que só vive a remexer nos livros que manda vir de Lisboa, tambem te estima, a final de contas. Quando tua mãe morreu, Clarinha, pouco me faltava resolver para ir por esses mares fóra até o Brazil. Tua mãe sabia-o e disse-me poucos dias antes de passar: «Não vás, João. Eu pouco posso viver. Quem havia de olhar por Clarinha? Cuidarás das suas terras, e tirarás do teu trabalho com que viver. Se nosso irmão José, que está tisico, succumbir, leva para casa a infeliz criança, e faze de conta que é irmão de Clarinha.» Aqui está o que me disse tua mãe. Que boa alma a sua! Já vê, meu sr. Alvaro, que não ha aqui prima nem primo, ricos nem pobres. Ora então não torne a offender Clarinha, que lh'o não merece.

— Eu não quiz offender Clarinha! exclamou Alvaro Vaz, que levantou os olhos e viu chorosa a prima. Bem sabe como eu a estimo. Tenho porém este invencivel amor aos livros. É uma febre, bem sei, mas o doente não se cura quando quer. Muitas vezes tenho contado a Clarinha os meus sonhos, as minhas visões, as minhas phantasias. Queima-me o peito esta ancia de saber. Sou como a

salamandra: quero viver no fogo das idéas. Ha quem viva contente n'um palmo de terra; eu desejo o mundo para mim. Comprehendo que o sol da ambição me póde derreter as azas como a Icaro, mas que querem? É assim. Vivo entre os livros melhor do que em parte alguma. Ás vezes tenho delirios! Queria poder resolver todos os grandes problemas da sciencia, rasgar as trevas que ainda cingem a cabeça do homem. É a anciedade de Fausto e, assim como elle despertou no mundo real ouvindo o côro das camponezas, acórdo eu muitas vezes escutando a voz de Clarinha...

— Que estiveste tu ahi a dizer? interrogou com jovial physionomia João Vaz. Razão tens, Clarinha, quando me dizes que teu primo é poeta. Em Alcobaça conheci eu um frade a quem chamavam poeta, porque fazia todas as lôas para a festa da Nazareth. Tu sabes fazer lôas, ó Alvaro?

— Não sei, meu tio! respondeu o moço com sorriso meiado de altivez e benevolencia.

— O primo tambem escreve coisas muito bonitas! acrescentou Clarinha.

— Eu, prima!

— Mas não lhe chama lôas; chama-lhe versos. Eu bem lhe ouvi dizer outro dia ao seu amigo de Coimbra, que esteve em Alcobaça nas ferias: « Anda ouvir uns versos que eu fiz. » E foram para debaixo da ramada. Eu, confesso o meu crime, fiquei

na janella a escutar. O primo disse então coisas muito bonitas, e muito doces tambem... Mas — que pena eu tive! — não as entendi bem! Falava d'uma folha e d'um coração... Pois não era? Quem me dera adivinhar o que tudo aquillo queria dizer! Pareceu-me que o primo escreveu aquillo com algum sentido. Lá o mais não sei...

João Vaz ouvia sorrindo machinalmente com os labios e os olhos, ora fitando Clarinha ora fitando Alvaro.

— Bravo! sim, senhor! disse elle quando a sobrinha se calou. Temos aqui um João Nepomuceno!

— Um quê, meu tio? perguntou Alvaro por lhe ser inteiramente desconhecida a pessoa que João Vaz citava.

— Frei João Nepomuceno se chamava o frade d'Alcobaça que fazia as lôas para a Nazareth.

— Ah! exclamou Alvaro.

— Não te sabia da prenda! continuou bondosamente o lavrador. Então que estavas tu dizendo ao teu amigo de Coimbra?

— Eram versos, meu tio.

— Que eram versos sabemos nós. O que queremos saber é o que elles diziam.

— O primo não quer dizel-os... atalhou Clarinha com manifesta reserva.

— Não está para gastar cêra com ruins defun-

tos. Tem razão, o senhor frade novo! Nós cá somos uns pobres camponezes. A culpa de o fazer sabio tiveste-a tu, Clarinha, que o deixaste andar lá por essa Lisboa com livros vae e livros vem! Agora não quer elle gastar comnosco a sua mestrança...

Alvaro Vaz ouvia encantado a linguagem rude e sincera do tio. As palavras do camponez fizeram-n'o por momentos deslembrar a faina dos livros. *Vale a alma o que a intelligencia valer*, disse uma vez D. Pedro V, cinco annos depois, aos academicos de Coimbra. Esta phrase, que deixa entrever o homem no monarcha, é uma profunda verdade. A intelligencia d'Alvaro Vaz tinha quilates de subido valor e a alma valia tanto como a intelligencia. O coração, que era irmão do espirito, usou da palavra que o irmão lhe concedia. Alvaro Vaz disse:

— Eu faço versos por distracção. Gosto de ler poesia, e muita tenho lido. Ás vezes, se estou triste, escrevo no papel alguma coisa. Foi o que outro dia me aconteceu. Fui para o meu quarto e comecei a rabiscar. Ao outro dia lembrei-me de dizer os versos ao Montenegro. Disse-os. A prima ouviu ás escondidas. Ora eu autoriso Clarinha, sempre que saiba que eu fiz versos, a ordenar-me que lh'os recite.

— Bondade do primo! respondeu Clarinha pur-

purejando-se. Que direito tem a essa honra uma pobre camponeza? As senhoras de Lisboa, aonde o primo vae agora, melhor devem entender os versos do que eu. Guarde-os o primo para ellas. Eu fico muito agradecida, mas não posso aceitar um sacrificio.

Alvaro Vaz ia falar, mas o camponez deteve-o:

— Ó Clarinha! Se tu queres ir a Lisboa com teu primo, vamo-nos lá todos tres com mil venturas. Ora deixa ver... Estamos em 1855. Eu fui a Lisboa em 47 levar o Alvaro ao collegio. Já lá vão oito annos na paz de Deus. Que novidades hei de achar agora por lá! Ó Clarinha, fala com franqueza: se queres ir, basta-te dizer que queres.

— Não, meu tio, não, muito obrigada, atalhou com vivacidade Clarinha cujas faces mais pareciam afogueadas de rubor. — Nós iremos para outra vez. Deixemos ir agora o primo. Temos muito tempo, meu tio.

O colorido, que abrazava as faces de Clarinha, era traiçoeiro. Conhecia-se a boa alma sem coragem e competencia para se nivelar com as mulheres que o primo veria em Lisboa, agora que estava homem, e preferia viver recolhida na sua dôr a ver-se esquecida a par d'outra que o amasse menos. Lia-se-lhe no rosto este secreto pensamento.

João Vaz, apezar de rude, comprehendeu-o e

não insistiu. Entendel-o-ia Alvaro? Entendeu de certo, porque se deu pressa em replicar:

— Peza-me que a prima não vá. Eu tinha muito gosto de lhe mostrar Lisboa, e não haveria de envergonhar-me de apresentar a formosa camponeza d'Alcobaça ao lado das mais bellas senhoras da capital. Visto porém que a prima recusa dar-me esse prazer, não me recusará de certo o d'ouvir os meus versos. Elles ahi vão:

Aquella folha cortada,
Que vae rolando no chão
Varrida pela nortada,
Faz lembrar o coração.
Nasceu, cresceu, vicejou,
Interposta ao céo e á terra,
A ver do alto da serra
A planicie onde estou.
O ar, o solo, o calor
Conservavam-lhe a verdura.
Estava n'aquella altura
A ver a mundo em redor.

Coração que sente e crê
É como a folha, não é?

Eu sinto, eu espero, eu creio.
Encontra-me o somno exhausto
Da febre que tinha o Fausto
De saber. E leio, e leio.

Quero a luz! Em luz immerso
Quero ter azas, voar.
É da nossa alma o universo,
Da aguia a amplidão do ar.
Espero e creio na gloria
Dos que legam ao futuro
A eternidade da historia,
Que é o alicerce seguro
Da estatua da victoria.
Sou a folha vicejante
Interposta ao céo e á terra.
Estou no topo da serra
A olhar o céo anhelante.

Coração que sente e crê
É como a folha, não é?

Mas se caír como a folha
Na onda do vento inquieta,
— Que o vento tudo desfolha,
Cedro, rosa e violeta —
Tal como a folha é guardada
Dentro d'um livro querido,
Guardae o coração ferido
Se o não quereis dar ao nada.

Clarinha e João Vaz entre-olharam-se como se mutuamente se confessassem não haver comprehendido o sentido dos versos.

— Eu bem dizia, observou desconsolada Clarinha, que falava d'uma folha e d'um coração!

— Sim, isso entendi eu, respondeu João Vaz. Mas, para dizer a verdade, não entendi o mais lá muito bem!

Alvaro olhava com expansiva physionomia para os dois e, ao mesmo passo que o coração se dilatava, exaltava-se o espirito com o legitimo orgulho de abranger um horisonte fechado para os dois unicos ouvintes. D'este duplo sentimento proveio a benevolencia com que Alvaro Vaz se propoz quebrar a concha para extraír a perola.

— Quero eu dizer, observou elle, que amo muito os meus livros, que tenho muita vontade de saber, mas que se a sorte me fôr adversa, e eu não poder chegar até onde desejo ir, só algum bom coração, que se condôa da minha sina, me poderá salvar da morte. É que a gente, quando vive sósinha e ralada de desgostos, parece soffrer duas vezes: soffre por si proprio e soffre pelo amigo que lhe falta. Eu conheci em Lisboa um rapaz que ficou indevidamente reprovado um anno. Oh! mas era um grande espirito! Não quiz voltar para a familia. Ficou sósinho com o seu desgosto. Lembrei-me d'elle quando escrevi os versos...

— Coitado! murmurou Clarinha. E então não dizem mais nada os versos? perguntou passando subitamente da compaixão ao jubilo, que não pôde dissimular, porque lhe ria nos olhos.

Jubilo de não serem aquelles versos escriptos a

outra mulher, e da convicção de não deixar morrer o primo se por acaso a sorte lhe fosse adversa! Não pedia elle um coração para a desgraça? Pois bem. Teria o seu coração, que já lhe pertencia. Elle queria voar para as alturas em que o espirito se libra. Ella estava alli para o ver partir. Se subisse muito alto, morreria contente de saber que era feliz. Se voltasse ferido nas azas da esperança, encontral-a-ia como na hora em que partiu e a esqueceu pelos seus livros. Esta idéa, explicado o sentido dos versos, deu-lhe alvoroços d'alegria.

— Mais nada? respondeu Alvaro. Pois a prima póde duvidar de mim! O que elles dizem, disse-o eu.

— Perdão! murmurou Clarinha confundida. Eu não pensei o que disse.

— Já sabes, acrescentou João Vaz, que tua prima nunca tem a idéa de te offender. Estima-te muito, que eu bem a comprehendo, e está sempre receiosa de que tu a estimes menos. Ora, sim senhor! O que tu sabias fazer! O que é a differença de se saber dizer as coisas! Ao teu amigo de Coimbra disseste essas coisas bonitas; a nós, para t'as entendermos, falaste como a camponezes. O rouxinol canta, o melro assobia, o mocho não faz senão piar, e só o homem, Deus louvado! póde ter tantas vozes quantas são as pessoas com quem fala! Bem se diz que somos feitos á imagem e similhança do Creador!

— É verdade! exclamou Alvaro subitamente impressionado de vêr luzir aquelle lampejo de sã philosophia na alma inculta do tio. É verdade! O homem póde exprimir os seus pensamentos por mil maneiras differentes. Para elle não ha gamma que o obrigue a conter-se dentro de certo numero de sons. Basta dizer que a escala da musica a tiraram os antigos da linguagem do homem. Quantas melodias estarão ainda desconhecidas na palavra do mais obscuro orador! É preciso provocar as vibrações, roubar á materia todos os segredos da musica, desvelar á humanidade as harmonias ignotas...

Subitamente, lembrando-se de que estava falando a Clarinha e seu tio, deu-se pressa em atalhar o que bem se podia chamar monologo, porque elles ouviam e não comprehendiam.

— Pois estuda, rapaz, estuda, visto que esse é o teu desejo e tua prima t'o concede. Eu quero o que quizerem. Se não vaes a Coimbra é porque não queres; tua prima bem vezes t'o tem lembrado.

— E eu outras tantas o tenho agradecido e recusado. Bem sei como Clarinha é boa para mim. Mas eu do fundo do coração regeito a idéa de me fazerem sabio em cinco annos; de medirem os homens, talentosos ou ineptos, pela mesma bitola; de galardoarem o inepto porque elle leu melhor um livro lido por centenas de gerações, ao passo que

o talentoso, fazendo do gabinete Universidade, reparte o seu espirito pelas provincias do saber, acompanha de longe os progressos da sciencia, não se prende a um livro, a um assumpto, a um professor! Aprende em todos os livros, trata de todos os assumptos, ouve de todos os professores. O espirito não póde voar sem liberdade. Deixem-me ser livre, guiar os meus estudos como eu quizer. Aprendo mais e melhor aqui, emquanto Clarinha costura e o tio fala, do que se estivesse na Universidade. O meu espirito está desopprimido, liberrimo. A aula é uma prisão, e n'uma prisão vive-se sempre agitado.

— Faze o que quizeres, Alvaro! repetiu o tio. Vae lá para onde te apetecer, visto que tua prima quer que se te façam todas as vontades, mas não te esqueças de Clarinha, que é tua prima, nem de mim, que sou teu tio, nem te faças mação lá por essa Lisboa. Ora por hoje basta de ler e palrar. Dá cá o meu beijo, Clarinha, e vae dormir. Olá, frei João Nepomuceno, basta de latins e livraria.

Acabava o serão de familia, sereno como principiára. Essa é a grande felicidade do lar, até mesmo quando não se é feliz!

II

TRISTESAS NO LAR

É-nos já conhecida a familia d'Alcobaça.

Retiramos admirados de que se conciliem na serena harmonia do lar condições tão oppostas, genios tão distanciados, aptidões e almas que vivem juntas e não são inteiramente irmãs. Falamos com especialidade dos primos. Clarinha e Alvaro são a antithese um do outro. Elle é louco pela gloria; ella amantissima da obscuridade. Elle tem ambições, sonhos, esperanças; ella só ambiciona e sonha e espera possuir-lhe o coração. Elle aspira a crear-se nome pelo desenvolvimento da sua em verdade robusta intelligencia; ella nem siquer sabe lêr, porque nunca se lembraram de a instruir, se bem que a sua linguagem, quasi sempre corrente, denuncie um espirito apto para enriquecer-se, e uma clara intuição. Elle tem aspirações e é pobre; ella não as tem e é rica. Notavel antagonismo da sorte, que só o amor poderia compensar! E amar-se-hão? Oh! se se amam, não haverá differenças que valham! O amor alhana todas as difficuldades; vae lentamente botando rasoura a todas as divergencias da natureza. Até me parece que o amor o

creou Deus para completal-a. Nasce ás vezes um coração aspero e malevolo. Chove n'elle o amor as primeiras lagrimas do seu balsamo divino: fica outro. É pouco luminosa a razão em muitos homens. Recebe um raio do amor, e aclara-se. Não raro cede a natureza os seus direitos de propriedade á sociedade; deixa que lhe perverta um coração que era seu e era puro. Já quando, dado mais um passo, seria impossivel a rehabilitação, surde o amor, e realisa subitamente a cura que todos os outros medicos da alma presumiam irrealisavel. São bastantes os exemplos. O que importa saber é se Clarinha e Alvaro se amam. Oh! que ella o idolatra conheceu-o o leitor desde o primeiro capitulo; que elle, sem a desestimar, a esquece pelos livros, tambem cuido que ficou sabendo. Isto não é o verdadeiro amor, que, para o ser, cumpre estar representado n'uma balança. É preciso que as duas conchas pesem o mesmo. Para que o amor seja verdadeiro, é mister que os corações fiquem ouro e fio. Não importa que sejam as mesmas as indoles; se o amor não nivelasse não seria prodigio. O que importa é que collaborem em partes eguaes, que dê um o que do outro recebe, para que se não desconcerte o equilibrio.

Alvaro Vaz, obcecado pelos sonhos de gloria, não lia bem na alma da prima. Não se julgava tão extremosamente amado. Que ella lhe queria, era

manifesto; bastava, para acredital-o, a liberalidade de facultar-lhe recursos para estudar. O resentimento que mostrára Clarinha por elle querer ir ás festas de Lisboa, e por lhe occultar os versos, tomára-o Alvaro á conta de orgulho ferido, por isso que era bonita e nova. Não lhe comprehendeu bem o coração, elle. Dava-se pouco a estudar a alma na mulher; toda a sua ancia era estudal-a na humanidade. A analyse é o meio de conhecer os corações; o espirito d'elle fugia para as alturas da synthese, e queria ver o mundo á roda de si, como a folha dos versos. Tinha as doidas chimeras dos poetas aos vinte annos. Aos doze, foi para Lisboa estudar por seu proprio desejo e annuencia da prima, que contava então dezeseis. Aprendera as linguas e disciplinas que se estudam nos collegios. Fez exames no lyceu e saíu distincto em todos. No collegio lia-se muita litteratura; elle leu quanta lhe chegava ás mãos, como já disse. Nos ultimos dois annos, voltou-se para a sciencia. Tinha visto o céo e a terra como poeta; quiz vêr como astronomo e geologo. Estudava discutindo comsigo mesmo, e com alguns condiscipulos. A discussão, embora não saiamos para fóra de nós a procurar interlocutor, pareceu-lhe um methodo preferivel ás interrogações academicas, e ás prelecções em que não é licito replicar. Á superficie da terra pullulava um sem numero de sciencias: a botanica, a zoologia,

a phisiologia, a mineralogia, todas quantas evidenceiam que Deus é grande e o homem pequeno. Entrou de estudar um pouco de tudo isso. Nas sciencias, que são os banquetes do espirito, em se provando o primeiro prato logo apparece o desejo de conhecer todas as cobertas. Não tinha quem lhe regulasse as horas e os livros de estudo. Lia sempre e lia tudo. D'ahi proveio uma exaltação nervosa que precisava de ser reprimida com prudente conselho. As palavras de Clarinha eram brandas, as de João Vaz sempre benevolas; pouco peso lhes dava. Convidou-o a prima a ir graduar-se a Coimbra. Recusou. Achava, como já lhe ouvimos dizer, que o bacharelado era apenas uma habilitação official. Não se queria conter dentro dos limites academicos. Era aguia: precisava de que o deixassem voar livremente. Chegou á exaltação constante da monomania. Não falava senão das suas fantasias, das suas visões, dos seus sonhos.

Clarinha ouvia-o resignada. Queria chorar, por se ver tão esquecida, e lograva, por esforço dolorosissimo, retrair-se. Bastára-lhe a triste lição d'uma só tarde para aprender a resignar-se. Iam uma vez passeando ambos, seguidos por João Vaz. Fôra isto dois annos antes. Alvaro tinha dezoito. A prima, que já o ficou estimando quando elle partiu para Lisboa, sentiu que o amava, mal que elle voltou. Desde pequeno lhe conhecia o coração: era de fino

ouro. Sentiu pejo de ser rica ao pé de seu primo, que era pobre. Havia uma solução para equiparar as fortunas: era casarem. Antes que Alvaro Vaz tivesse tempo de aborrecer n'ella a superioridade que lhe déra a sorte, perguntou-lhe Clarinha docemente o que destinava fazer. Foi n'essa tarde. O moço respondeu com altivez:

— Trabalhar para indemnisar a prima das muitas quantias que tem desembolsado em meu beneficio.

Alvaro comprehendera mal a pergunta. Suppoz que a prima, receiosa de sustentar-lhe uma ociosidade dissipadora, iria aconselhal-o a procurar trabalho.

Calou-se Clarinha, afogueada do rosto, com os olhos postos no chão para esconder as lagrimas.

O moço, um pouco embaraçado, replicou:

— Pois não era sentido da prima perguntar-me se eu estava disposto a trabalhar?

— Não era! murmurou Clarinha.

— Perdoe-me então, se entendi mal, e explique-me o que queria dizer.

— Lembrava-me que o primo poderia ir formar-se a Coimbra... aventou ella com timidez encantadora.

— Não, prima, não, muito obrigado. Já lhe devo muito. A sua generosidade é infatigavel, é certo, mas eu...

Clarinha tregeitou procurando mostrar-lhe que elle estava em erro. Alvaro Vaz comprehendeu-a e concluiu a phrase:

— Mas eu entendo de mim para mim que em nada enriqueceria o espirito com a pouca e pesada sciencia que se digere em Coimbra. Muito lhe agradeço, prima, e do fundo do coração. Eu contava com demorar-me em Alcobaça algum tempo a concluir uns estudos que em Lisboa principiei. Depois tencionava ir procurar trabalho á capital. A instrucção publica está por lá uma lastima. É de suppôr que o Senhor D. Pedro v, que toda a gente considera principe muito estudioso, a reforme. Poderei então concorrer a qualquer logar. Muitos devem ser elles, e chegarão para todos, protegidos e desprotegidos. Não valem compadrios politicos quando o concurso affirma eloquentemente a mais brilhante superioridade d'um espirito sobre outros. As batalhas campaes são hoje um absurdo, porque os direitos individuaes e os direitos collectivos principiam a ser respeitados. As unicas lutas permittidas ao homem n'este seculo são as do espirito, e o concurso é a victoria por excellencia em todas as lutas do espirito. Quem quer vencer, arma, prepara, robustece a sua intelligencia. Defronta-se com o seu contendor, esgrime, combate lealmente, e ou vence ou é vencido. No primeiro caso não póde haver fomento que se atreva a empanar a superioridade

do espirito laureado; no segundo, deve recomeçar a campanha para o soldado bisonho, que mais tarde voltará ao campo. Aqui tem a prima a rasão por que eu me preparo para qualquer concurso ao magisterio. Logares publicos, d'outro genero, não os quero, que entorpecem corpo e alma. Restava-me o commercio, mas quem nem para as idéas quer tarifas não se póde resignar ás pautas das alfandegas e aos preços reguladores dos mercados. Um guarda-livros é um criado do patrão e da Bolsa; eu só se fosse rico negociaria, unicamente para me confiar ás alternativas do cambio.

Clarinha apenas entendera a summa do que dissera o primo; o mais, que era sabor litterario, não o podia avaliar. Ainda assim tinha entendido o bastante para dizer:

— Mas para que anda o primo a pensar em modo de vida? Quem o manda trabalhar? Tudo o que ha n'esta casa nos pertence a nós e ao tio. Façamos o contracto — animou-se ella a dizer — de ficarmos aqui de vez. Viveremos aqui tão bem, tão bem! A mim não se me dá de saber do mundo. Em eu estando em Alcobaça, e com quem estimo, já não penso em nada mais. Fique o primo comnosco. Ficará sendo o que quizer ser. Terá livros para ler, muitos livros...

— Muito obrigado, Clarinha, — atalhou Alvaro Vaz com vivacidade — mas Alcobaça é muito pe-

quena para mim. Bem sabe a prima que se respira melhor no topo d'uma grande serra do que n'uma planicie muito amena e muito sadia. Comprehendo o nobre coração da prima. Vejo que me estima, e eu tambem a estimo, Clarinha, acredite. Mas Lisboa é a montanha, e Alcobaça a planicie de que lhe falo. Aqui adormece o espirito; lá acorda todos os dias para contemplar o azul luminoso do Tejo e do céo, e para se baloiçar nos reflexos do formoso sol que parece brincarem no ar interposto ás duas margens. Lá ha o ruido, o movimento, a animação que provocam ao trabalho, porque são, para assim dizer, o rumor da grande officina das ruas em que todos labutam. Lá é que os homens combatem e porfiam para supplantar-se uns aos outros. A ambição do poder é uma luta perpetua, auxiliada pela quotidiana discussão do parlamento. A camara é o Circo; o poder é o Capitolio. O athleta que sae victorioso dos combates da palavra, dos pugilatos da eloquencia, das tempestades do parlamento vae sentar-se na cadeira curul seguido pela cohorte dos seus altivos correligionarios. Em Lisboa o individuo deixa de viver em si para viver na sociedade. Póde-se portanto ir para lá sem coração; sem espirito é que não. A vida de luta é dispendiosa; d'aqui procede ser Lisboa uma cidade pobre. Á noite, quando se illuminam as ruas e a casaria, e a cidade se corôa da aureola phospho-

rescente do gaz, resplendem os letreiros que em letras sanguineas convidam a empenhar a casaca e o relogio para não morrer de fome essa noite. Quantos ministros que foram e quantos ministros que hão de ser não sobem a escada acompanhados pelo criado que leva a empenhar a baixella da casa! E para quê? Para triumpharem unicamente, para sustentarem o apparente prestigio da sua posição, porque estão empenhados ha muitos annos na luta politica, que é a mais voraz de todas as lutas. Todos lá teem a sua idéa fixa. Vivem para ella e com ella. Apenas conhecem os homens que lhes hão de servir de degraus. Sabem quem está no ministerio, porque em torno do ministerio giram todos os negocios publicos, mas não sabem quem habita o primeiro andar da casa em que moram. Passam na rua uns pelos outros, e não se cortejam, porque não se conhecem. Lá tudo é grande: a intriga, a miseria, a devassidão. Precisa um homem d'estudar-se para tirar de si recursos que lhe permittam resistir á grande devassidão, á grande miseria e á grande intriga. Tudo isto obriga a um trabalho intellectual que auxilia o desenvolvimento do espirito. Em Alcobaça, na nossa casa, já que a prima me permitte que eu diga assim, tudo é paz, serenidade, amor. Eu avalio qualquer d'esses bens, que fazem cortejo á alma da prima. Mas a prima nasceu violeta para o seu canteiro d'Alcobaça; a mim

fadaram-me para ludibrio da onda, que eu bem o conheço. Pois bem, deixe-me ir na onda, Clarinha, e peça a Deus, como eu dizia nos versos, que não tenha de naufragar. Viva um homem na independencia da miseria, mas viva independente.

Da longa dissertação do primo, apenas desculpavel, dirigida a Clarinha, pela habitual exaltação de Alvaro, o que ella julgou entender melhor foi a ultima phrase. Já a esperava, como vimos, e desejava prevenil-a convidando o primo a ficar, até como seu marido, se elle mostrasse querer entender a indirecta proposta.

Clarinha viu n'essa tarde desabar o castello encantado que o seu coração architectára emquanto o primo vivera em Lisboa. Não havia remedio senão deixal-o partir outra vez, adormentar a esperança que estava á espera da manhã da felicidade, e dos que hão de ler este livro muitos saberão quanto custa acalentar a alma depois que as afflicções a espertaram.

A ella muito lhe custou. Não perdia hora de espreitar o primo. Andava contemplando-o ás escondidas, e muitas vezes o via com difficuldade, porque as lagrimas esbatiam a vizão. Se elle ía sentar-se no banco sotoposto á ramada, lá se pendurava ella da janella sobranceira a affastar de mansinho as folhas para vel-o. Se elle passeava em frente da casa, mirava-o por uma nesga de cortina, que lhe

permittia ver e não ser vista... Era como se, flôr da sombra, vivesse condemnada a namorar de longe o sol.

A ambição é a loucura dos felizes. Teem muito e querem mais; dá-se-lhes o mais e querem tudo. O coração de Clarinha seria um thesouro para outro homem, que, orphão na infancia, entrasse no mundo pela porta dos desamparados. Para Alvaro era apenas um lago crystallino, cavado entre as alterosas montanhas a que elle desejava subir. Um viajante menos affoito não iria mais além. Ficar-se-ía para sempre embellesado na superficie limpida e mansa das aguas. Contemplando os alcantis, que se erguiam em redor, não teria a coragem de os vencer. Olhando para os cimos penhascosos dir-se-ía: «Não vou lá; n'aquella altura só as aguias poderão fazer o ninho. Que as aguias estejam no seu throno baloiçado pelos vendavaes; eu cá me ficarei á beira do meu lago em que as brisas poisam beijos.» Elle não era assim. Viu, muito novo, o mundo. Familiarisou-se com as grandes distancias; acabou por querer medil-as. «Lá em cima — dizia-se elle, é que o tufão dedilha o hymno temeroso da tempestade na harpa granitica da serra. Quero ir ouvir de mais perto o concerto formidavel do mar, do céo e da terra. Bem sei que me não aconteceria perigo na serenidade d'este lago, que é o coração de Clarinha, dentro da gondola

segura do seu amor. Mas Clarinha, cujo espirito é inculto, chamar-me-ia louco quando eu lhe apontasse para as agulhas da serrania e lhe dissesse: Tinha vontade de vêr o mundo d'acolá.»

Os espiritos vulgares não desculpam estes caprichos aos espiritos superiores. Olham para a flôr: não querem saber d'onde nasce. Ouvem o mar: não querem saber porque sôa. Firmam-se na terra: não querem saber onde a terra se firma.

Alvaro Vaz estimava Clarinha, sabia mesmo que ella o amava, comprehendera-a, mas sabia que não era Clarinha a mulher que o comprehendesse, e, porque lhe não desculpava as ambições, maguava-se com aceitar-lhe os beneficios, que a elle se lhe affiguravam esmola.

Então era o revoltar-se o orgulho peculiar aos espiritos sonhadores. Procurára a principio o pretexto da acclamação de D. Pedro V para saír d'Alcobaça. Dizia ao tio que ia assistir ás grandes festas que se preparavam, e tinha assente o proposito de ficar para sempre em Lisboa. Revelára o seu designio a Clarinha porque a entendera, e comprehendera que só com a maxima sinceridade se devem tirar os homens nobres dos apertos decisivos. O que lhe não disse claramente, mas só lh'o deixára perceber, era que não podia continuar a aceitar os beneficios com que ella o obrigava. Achava aviltante que um homem novo e intelligente se

dispensasse de trabalhar para aceitar o immerecido salario d'uma ociosidade affectuosa. Estava no proposito de recambiar a Clarinha a primeira mesada que seu tio lhe enviasse para Lisboa. Recebera o beneficio emquanto lhe era absolutamente indispensavel, porque não se reputava apto para trabalhar.

Os seus planos íam mais longe.

Pediria meigamente licença a Clarinha para indemnisal-a das quantias que ella havia dispendido.

Aproximava-se o dia 16 de setembro, destinado para a acclamação solemne do principe, e cada vez se sentia elle mais arreigado aos seus pensamentos, se bem que o contristassem o silencio e melancolia de Clarinha. Estimava-a de mais para deixar de sentir o vel-a triste; amava-a pouco para impedir que se entristecesse.

A pobre menina, nos ultimos dias, não despregava olhos da cambraia em que errava o bordado.

João Vaz, santa alma que se sentia confrangida no meio das correntes oppostas em que mareavam sobrinha e sobrinho, e se julgava invalido para norteal-os em demanda do porto de commum salvamento, ficava-se a olhar para Clarinha, com a voz embargada, o olhar torvo, a alma escurecida.

— Oh! Clarinha! que não dizes nada! Censuravas teu primo por viver curvado sobre os livros, e tu vives agora curvada sobre a costura! Se teu

primo vae ás festas, deixal-o ir, que se vae divertir. Tu se não vaes é porque não queres. Se reconsideraste, olha que ainda estamos a tempo de metter a roupa nos bahús. Nem tanta é ella precisa! Quando ha dinheiro, apparece tudo...

— Menos a alegria, meu tio! murmurou ternamente Clarinha.

— Sim, essa não se compra nem se vende. Se se pagasse a dinheiro, aposto que se te não dava de ficares pobre para compral-a...

— É verdade, meu tio! respondeu Clarinha com certa resolução.

— Pódes falar com franqueza, que teu primo não está presente. Eu bem te entendo a tristeza, Clarinha; bem sei que amas teu primo, e que o doido do rapaz te troca pelos livros. Não te afadigues, Clarinha. Elle ha de acabar de os ler. Olha que eu sei mais do mundo do que tu. Sou velho duas vezes: tenho edade e experiencia. Tudo conheço na terra. Até já vi a pobreza. Foi tua mãe, que Deus haja em gloria, que poz a mão de permeio para eu não continuar a vel-a. Deixa ir o Alvaro com as suas idéas. O homem põe e Deus dispõe. Nem só o que elle disser se ha de fazer. As folhas dos livros não hão de ser tantas que não tenham conta. Alguma vez se ha de lembrar de ti, que t'o digo eu.

— O tio diz-me isso? interrogou Clarinha abrindo desmesuradamente os seus bonitos olhos.

— Agora não digo mais nada, que elle vem ahi! exclamou João Vaz.

E pondo a cabeça fóra da janella accrescentou:

— Olá, senhor poeta! Pensei que já estivesse de botas de montar para se metter a caminho!

E falando para dentro:

— Socega o teu coração, Clarinha. Pede a Deus que te soccorra.

Entrava Alvaro á sala, e dizia-lhe jovialmente o camponez:

— Então quando é a ida, Alvaro?

— Tenciono partir ámanhã, que são quatorze. Vou de madrugada.

— Ora Deus vá comtigo!

Clarinha interrompeu murmurando:

— Eu queria pedir-lhe um favor, primo. Era o de me dar uma copia d'aquelles versos.

Alvaro fez um gesto de surpreza.

— Não se admire, primo, — tornou Clarinha — bem sabe que eu não aprendi a ler. São para uma menina minha amiga. Posso contar com elles?

— Logo lh'os darei, prima.

III

COMO A ALMA DE CLARINHA QUER TER AZAS!

Partiu Alvaro Vaz para Lisboa, como dissera, na manhã seguinte.

A conselho do tio, não se despediu de Clarinha, que esperava vel-o ainda, como lhe haviam promettido. Quando ella despertou d'um somno de brevas horas, porque as outras as desvelou chorando, já lhe não foi possivel ver o primo, que partira ao romper do dia.

— O menino já lá vae há muito! respondeu uma criada velha, que desde meninos os tratava.

— Enganaram-me! exclamou Clarinha rompendo em lastimoso chôro.

Acudiu solicito João Vaz a confortar a sobrinha por quem se morria d'amores. Nada valeu a principio a consolação das palavras. Longo tempo chorou Clarinha até que, exhaurida de forças, se foi sentar a uma janella cujo horisonte era a estrada que o primo devia seguir. Ahi, já sem voz para soluçar, caíam-lhe em silencio as formosas lagrimas, que derivavam dos olhos fixos no saudoso horisonte.

João Vaz passeava a largos passos na sala pro-

xima, com o coração dilacerado, frenetico, impaciente, espreitando, de instante a instante, a sobrinha, sempre que passava em frente da porta. Via-a chorosa e anciada, e segredava-se apostrophes que despeitoravam em parcellas o amoroso odio com que n'esse momento estava pensando no sobrinho.

— Que ingrato aquelle! dizia-se baixinho o velho camponez, caminhando afadigadamente contra a parede fronteira, como se quizesse aggredir um retrato d'Alvaro, que lhe ficava á altura dos braços.

Retrocedia, espreitava para dentro da sala, via ainda Clarinha lacrimosa, e, tomando a mesma direcção, apostrophava ao approximar-se do retrato:

— O que te perdeu, bem sei eu: foram os versos. Frei João Nepomuceno tambem era de manias.

E, descripto identico movimento, novo monologo:

— Meu pateta! Como diabo se te metteu na cabeça essa diabrura de querer saber mundos e fundos!

E depois:

— Anda que nem tu sabes o preço do coração de tua prima! Que, diga-se a verdade, o teu tambem não vale pouco; a cabeça é que te perde...

Ao passar de novo em frente da porta, como se já houvesse esgotado o vocabulario das apostrophes, poz a cabeça dentro da sala e disse amoravelmente:

— Clarinha! Ó Clarinha!

— Meu tio! respondeu a menina com voz flebil voltando-se para vel-o.

Animado por tão bondosa recepção, entrou, e vivamente instou com a sobrinha para que fosse almoçar. Escuzou-se a menina a principio com falta d'appetite, mas o tio colheu-a docemente nos braços e pediu-lhe que se erguesse.

Clarinha annuiu e foi, apoiada no braço do tio, sentar-se á mesa.

Deitou elle mesmo o chá, poz em torno da sobrinha quantos pratos havia na mesa, e sentou-se na cadeira immediata instando para que comesse.

A menina levou a chavena á bocca e bebeu o primeiro gole, poisando-a outra vez.

— Olha que te esqueceu o assucar! exclamou João Vaz.

— É verdade! disse ella sem saber o que respondia.

Temperado o chá pelo tio, bebeu Clarinha segundo gole, e affastou a chavena.

— Não queres mais?

— Não quero, meu tio; não posso engulir. Do que eu preciso é de tomar ar. Quer o tio fazer-me um favor que bem poucas vezes lhe costumo pedir? Quer ir dar um passeio commigo?

— Vamos lá, Clarinha. Pois não havemos d'ir!

O que tu quizeres é o que se faz. Mas para que lado havemos d'ir?

— Para o da escóla.

— E que queres tu ir fazer á escóla?

— Por ora é segredo, respondeu Clarinha procurando compôr um sorriso que expirou n'um geito doloroso. — O tio logo saberá.

— Pois muito bem: logo saberei.

Prepararam-se e saíram. Dados alguns passos, volta-se de repente o camponez para a sobrinha e diz-lhe:

— Ó Clarinha, faz mingua levar dinheiro para o que tu queres?

— Ha de fazer, meu tio, mas hoje não. Muito obrigada..

E seguiram ambos silenciosos pela estrada onde estavam ainda patentes as pégadas do cavallo em que Alvaro partíra, até que se afastaram do caminho publico mettendo por um atalho que ía dar á escóla.

E Alvaro Vaz?

Alvaro Vaz jornadeava, estrada de Lisboa, mais absorto em esperanças do futuro que em saudades da prima. Lembrava-se d'ella, porque sempre lembra, quando se está só, uma pessoa que nos estima. Depois, quando a phantasia desvaira em arrojados projectos, não ha fortaleza de espirito que a espaços se não sinta accommettida de vagos receios.

N'essas breves intermittencias sombrias, lembrava-se Alvaro da serenidade que lhe ficava na casa d'Alcobaça, do amor da prima e da benevolencia do tio. Todavia acudia a imaginação a soccorrer as tibiezas do animo. Fiava muito do novo rei, e concebia o destemido projecto de solicitar uma audiencia, e expôr ao principe as circumstancias que embaraçavam a realisação dos seus planos. Portugal inteiro punha extrema confiança no senhor D. Pedro V, não obstante subir ao throno no verdor dos dezoito annos. Era notoria a esmerada educação que a rainha D. Maria II dera aos principes seus filhos. A rainha, que teve de dirigir os negocios publicos n'uma epoca politicamente accidentada de torvos episodios, não deslembrou, ao pensar no paiz, os deveres da maternidade, que a chamavam para ao pé dos berços. Soubera conciliar por exemplar prudencia as obrigações que a corôa impunha com a escabrosa missão de educar os principes. Repartia-se entre o throno e o lar, de modo a não deixar vacuo em nenhum dos dois logares. Ácerca dos sentimentos e indole do principe real, docil, estudioso e delicado, diziam de sobra as informações dos mestres do paço. Desde tenros annos antepunha o senhor D. Pedro as praticas frias mas reflectidas dos velhos fidalgos, que o cercavam, ás alegres mas frivolas conversações da nobreza moça.

Fez-lhe d'uma vez este reparo o seu professor de latim, Francisco Antonio Martins Bastos.

O principe respondeu com modesta convicção:

— Que proveito ou que instrucção posso eu tirar de conversas com rapazes?

Aos doze annos d'edade já o principe era sobremodo entendedor de lingua latina; aos treze escrevia de Cintra ao nomeado professor uma eloquente epistola na lingua que estudava. Ao mesmo passo maravilhavam-se dos progressos do disciplulo os professores de inglez, desenho e musica. Introduziu-se no paço o costume de serem os principes mais velhos chamados a dar provas do seu aproveitamento perante a côrte. Era o senhor D. Pedro v pasmo de seus mestres e auditorio, não só pela firmeza da palavra como pela justeza com que reproduzia os conhecimentos assimilados. Desde meninos, que o senhor D. Pedro e seu irmão o senhor D. Luiz, hoje rei de Portugal, se davam a trabalhos agricolas e botanicos na real quinta das Necessidades, onde lhes eram destinados alguns talhões de terra para que por suas proprias mãos os cultivassem. A rainha, impellida por sua clara intuição, e aconselhada pelos mestres e medicos do paço, queria equiparar em seus filhos o desenvolvimento das forças intellectuaes e physicas para que não viesse a florecer o espirito, esmeradamente cultivado, em corpos doentios e unicamente propensos aos rega-

los da côrte. Parece que foi assim que os principes se entraram de amor pela historia natural, que mais tarde melhor poderam estudar praticamente em muzeu; principiaram a colleccionar com tão boa vontade e ardente afan, que dentro em pouco foi preciso transportar as *vitrines* para mais espaçosa sala. Era manifesta a humildade e sentimento religioso do herdeiro da corôa. Convém apresentar provas. Para exemplo de submissão bastará dizer que, depois de lida uma lição de latinidade, se queixára o principe de violentas dôres de cabeça ao respectivo professor, e, sobraçando os livros inglezes, se dispunha a recolher-se ao seu quarto, onde, desopprimido de etiqueta, mais commodamente poderia estudar os poetas bretões. Encontrou-se porem á saída com seu aio, o velho visconde da Carreira, que lhe perguntou aonde ia:

— Vou estudar para o meu quarto, porque me sinto doente da cabeça.

O visconde da Carreira limitou-se a apontar para a mesa das lições, e a dizer:

— Aqui é que se estuda.

O principe retrocedeu e, poisando os livros, correu a enleiar-se no seu velho aio, pedindo-lhe meigamente perdão d'uma involuntaria falta de respeito.

Depois sentou-se, e começou a estudar.

Era o senhor D. Pedro v sobremodo religioso, e

desde os primeiros annos dera edificantes mostras de sua piedade. Momentos antes de fazer o seu primeiro exame de latim, perante a côrte, composta dos reis, damas de honor e camaristas, acercou-se do professor Bastos e consultou-o sobre o desejo de ir fazer as suas orações á capella do paço, onde havia lausperenne, para invocar o auxilio divino. Jámais se deitou ou levantou o principe sem orar na presença do aio; se elle não estava presente, esperava que viesse, para certificar-se de que o não illudia. De anno para anno se tornavam mais brilhantes os exames dos principes. Como porém estamos escrevendo uma chronica do reinado do senhor D. Pedro v, só d'este principe falaremos. Era merecida a approvação unanime do auditorio em todas as disciplinas. O principe revelava egual vocação para as letras e artes. O professor de musica, Manuel Innocencio dos Santos, licitamente se orgulhava da aptidão do discipulo; o mesmo acontecia ao professor de desenho, Antonio Manuel da Fonseca. Jámais o principe interrompeu as lições, sem que primeiro pedisse autorisação aos professores. Não ousava siquer mudar um livro sem previamente haver solicitado licença.

Á mistura com tão modesta doçura havia na alma do principe uma tristeza precoce que muitas palavras, e sempre o olhar, denunciavam.

D'uma vez, em 1847, fez reparo o professor de

latinidade na excessiva melancolia do principe, que respondeu, a carinhosas interrogações, d'este modo:

— Sonhei esta noite que uma aguia me levantava ás nuvens; que lançando-me da maior altura, me deixára caír em terra despedaçado, levantando ao meu logar meu irmão Luiz. Foi um terrivel pesadelo, e ainda me parece sentir a queda!

As prophecias do coração!

Que muito que a alma adivinhe, se nada tem de terrena! É uma particula emanada do alto, e que de lá desceu animada. A cada passo revela a sua essencia, como a petala denuncía pelo perfume a flôr a que pertenceu. Subsistem entre a particula e o foco mysteriosas ligações, defesas ao homem; tambem as da petala com a flôr são vedadas aos que não versam a sciencia especial. Mas a parte e o todo entendem-se ainda que separadas. O homem conhece o facto, e não póde explicar a communicação. Reputa-se absurdo o presentimento, porque não podemos dizer como é que nos fala do futuro a voz que nos murmura dentro; do mesmo modo os que não são sabios se admiram de que um fossil baste para cimentar a historia d'um povo, e não seja preciso mais que uma flôr para organisar uma flora desconhecida. Façam-se embora livros negando a verdade do presentimento; os factos dirão sempre mais do que os livros. Todos os

homens presentem. Conta-se que Cesar prophetisára a sua grandeza, como D. Pedro V adivinhára a sua prematura morte.

Querem alguns que estas apprehensões do principe procedessem da tradição de morrerem moços os primogenitos da familia de Bragança. Para combater esta idéa em espirito tão esclarecido bastava o exemplo da rainha sua mãe, que era primogenita e reinou. Parece egualmente que não devia similhante presagio escurentar o animo de principe tão pouco saboreado em felicidades terrenas. Não queiramos nós, os homens, explicar tudo. Ha alguma coisa superior a nós: é o eterno enygma da Providencia. Oh! mas que os presentimentos hão de ser por todo o sempre companheiros da alma, não é licito duvidar.

Tambem João Vaz, caminho da escóla, ia dizendo á sobrinha:

—Tenho cá um presentimento a respeito do Alvaro...

—Se é mau, não diga! acudiu Clarinha receiosa de não ter forças para arrostar com novas infelicidades.

—Está bom, não direi.

—Mas é muito mau, muito mau?

—O que tu quizeres! Então digo ou não digo?

—Eu sei! respondeu ella perplexa.

—É que ainda ha de quebrar por lá a cabeça!

—Jesus! Então suppõe que caírá do cavallo abaixo?

—Isto é um modo de falar, Clarinha! Supponho que nem tudo nos sae á feição do nosso desejo. Quem regula o mundo, é quem lá está em cima e vê chorar os tristes.

—Se Deus me visse chorar! soluçou Clarinha.

—Ha de ver, filha, deixa estar que ha de ver. Não tens ouvido dizer que Deus não dorme?

—Tenho, meu tio, mas a dizer a verdade nunca deitei grande sentido.

—Quer dizer que Deus nunca esquece os homens.

—Pois que Deus me não esqueça a mim, que tanto preciso da sua misericordia.

E, como as lagrimas affluissem abundantes aos olhos de Clarinha, apostrophou o camponez:

—Olha lá, Clarinha, que vaes tu fazer á escóla?

—Eu, meu tio!

—Então ainda se não póde saber?

—Póde, sim... é que eu vou... O tio ha de dar licença...

—Eu sei lá o que é! mas sendo idéa tua não póde trazer mal algum.

—É que eu vou aprender a... ler.

—A ler! repetiu João Vaz, abrindo desmezuradamente os olhos.

—Sim, meu tio. Minha mãe, que Deus tenha em gloria, não se lembrou, com a faina dos campos, de me tomar mestre. Pensava a pobresinha que só o dinheiro é felicidade. Pois não é, não. Ó minha santa mãe, vê lá do céo como a tua filha está chorando n'este momento.

—Basta de lagrimas, Clarinha! Mas olha lá, que lembrança foi essa agora?

—É que eu tenho muita vontade de saber...

—Adeus! Muda-se o convento de Alcobaça para nossa casa. Não me vão faltar freis Joões Nepomucenos. Ora a galanteria! Tambem tu queres meter-te em sabenças!

E, curvando-se para rir, deixou pender o queixo até o poisar no peito. Assim deu inconscientemente alguns passos, e, aprumando-se de novo, parou estendendo a mão esquerda para a sobrinha e exclamou:

—Ó Clarinha, has de me dizer uma coisa...

—Digo, meu tio.

—Tu vaes aprender para leres os versos de teu primo... É ou não é?

—É, meu tio. Respondeu Clarinha pondo os olhos no chão e córando.

IV

UM CORAÇÃO QUE SOFFRE EMQUANTO UM POVO JUBILA

Quando Alvaro Vaz entrou em Lisboa, preparava-se alegremente a cidade para as festas da acclamação do senhor D. Pedro v.

Alvorecia no principe uma grande esperança para todo o reino; era portanto geral o enthusiasmo. Ninguem então suspeitava, a não ser o novo rei, que tamanhas alegrias houvessem d'esfriar, poucos annos volvidos, nos gelos do sepulchro. Era que a população da capital, embriagada com os preparativos dos festejos, nem tempo tinha de consultar a propria alma, como não fosse para phantasiar novas pompas e affagar novas esperanças. O rei, estudando-se na meditativa concentração de quem ao outro dia tem de fazer uma viagem arriscada, — e não a ha mais arriscada do que pelas alturas do poder — distinctamente ouvia no silencio da sua camara a mysteriosa voz do presentimento.

Foi Alvaro Vaz alojar-se n'uma trapeira da rua da Quintinha. Da janella do seu cubiculo avistava á esquerda uma formosa nesga do Tejo, e em frente o vasto edificio das côrtes. Não podia encontrar-se sitio mais de geito para tão ardentes devaneados!

D'alli via elle, no espelho da natureza, a magestade de Deus, e representada no velho edificio de S. Bento a idéa mais liberal que os progressos politicos trouxeram ás sociedades — o parlamento. D'um lado a eloquencia de Deus; do outro a eloquencia dos homens. O esplendor da suprema omnipotencia do Creador a par da suprema intelligencia da creatura. Tudo isto foi o que primeiro lembrou a Alvaro Vaz quando chegou á janella da sua trapeira, mas logo acudiu a razão, serenadas as impressões do momento, a advertil-o de que a feitura dos homens variava como elles, e a feitura de Deus permanecia sempre na belleza e grandezas primitivas.

O Tejo amanhecia todos os dias imponente na correnteza e largura de suas aguas, e o parlamento, cujos membros deviam ser os estrenuos advogados da justiça do povo, que lhes dá na urna um voto de confiança para que elles lhe dêem no parlamento uma palavra de protecção, era algumas vezes a maxima irrisão e outras o maximo escandalo.

Não ha realmente instituição mais apropriada para estabelecer nas sociedades cultas o verdadeiro equilibrio em que se deve manter a balança da justiça, do que o parlamento. Devia ser aquelle um templo em que os representantes do povo se reunissem para falar pelo povo. A voz das multidões devia echoar alli. A alma popular devia palpitar na eloquencia dos tribunos. Requeria aturada reflexão,

—se os homens se fizessem para as instituições,— o alcance de cada palavra, porque uma palavra, pronunciada no interesse do povo, póde representar as lagrimas do orphão, o suor do operario, e o sangue de todos. Mas os homens converteram o parlamento na praça publica em que a justiça dos eleitores é vendida despejadamente pelos trinta dinheiros da politica. A ambição pessoal envenenou o direito collectivo. A vasa da cobiça manchou a corrente da eloquencia, e todo o artificio da palavra não póde occultar a macula da idéa. E o Tejo, tal como Deus o creou, tem ainda, e terá sempre, a mesma profundeza e a mesma serenidade. Ponham-lhe barreiras no caminho; elle arremessal-as-ha ao céo. Irá noite e dia levando ao mar o feudo que lhe deve, porque a obediencia realisa o ideal da justiça. Este devera ser o caminho dos homens, porque o dever nasceu companheiro do direito, mas a caudal da eloquencia, em vez de seguir a linha recta da equidade, espraia-se muitas vezes em discussões estereis, em inundações de palavras, que deixam cobertas de limos as areias do parlamento.

Alvaro Vaz pensou n'isto, calmado o primeiro enthusiasmo, e sentiu um pouco abalada a cega esperança com que entrara em Lisboa, credulo na pureza das instituições e dos homens.

Era o primeiro desengano.

O coração é como os fructos: só com o tempo vae amadurecendo.

Na noite do dia 15 foi Alvaro Vaz procurar um antigo condiscipulo, que dois annos antes obtivera um importante cargo publico, e em cuja casa achou reunidos dois jornalistas e dois deputados.

Entrou de animar-se a conversação em que Alvaro Vaz para logo se denunciou o ardente sonhador que em verdade era. O dono da casa, os jornalistas e os deputados por mais d'uma vez tiveram de combatel-o com a bateria dos factos no campo das suas abstracções predilectas.

Imaginava o moço d'Alcobaça que a administração publica podia ser radicalmente melhorada, presidida pelo nobre coração e brilhante espirito do principe que no dia seguinte devia ser acclamado rei.

Ria ironicamente d'ouvil-o a companhia, e replicava que elle, durante a sua estada em Lisboa, teria frequentes motivos para desilludir-se. O que lhe diziam aquelles homens, mais sabedores do que era a governação em Portugal do que elle, porque haviam tratado com todos os governos, viera completar a tristeza que as suas meditações sobre a representação nacional haviam suscitado.

Entrelembrou-se d'Alcobaça, e sentiu doer-lhe no coração uma vaga saudade... Era-lhe sobremodo pungente aquelle descer-se do céo das suas queri-

das esperanças. Perguntou-lhe o amigo se ía a Lisboa com o simples proposito de assistir ás festas, cujo pregão attraira á capital grande numero de provincianos.

— Não, respondeu Alvaro Vaz. Venho estabelecer residencia em Lisboa. Sou novo, corajoso e forte. Sei que a vida aqui é uma luta permanente, e venho lutar. Não me assusta a perspectiva de privações quasi certas. É no soffrimento que se retempera a alma; aceitarei resignadamente o meu quinhão de lagrimas. O mundo d'Alcobaça é tão pequeno, que perfeitamente cabe n'um valle, e bem sabes que a atmosphera do carcere tanto definha o corpo como o espirito. Alcobaça era para mim um carcere.

— Suppuz que estivesses tratando do teu casamento, replicou o amigo, com tua prima, que me dizias ser rica, e que no collegio a miudo te brindava com mimosos presentes de excellente fructa.

— Não, observou Alvaro Vaz. Minha prima é um coração de pomba, e mais nada. Os homens que, como nós, vivem mais do espirito que do coração, porque o coração doideja e o espirito raciocina, são um pouco mais exigentes, do que os amorosos por indole, na escolha de esposa. Minha prima ama-me, mas não me comprehende. Teria muitas vezes ciumes dos meus livros e queimal-os-ia

se soubesse que alguns eram impios. D'aqui pódes inferir que eu teria farta mesa, regalos de pessoa abastada, uma carinhosa enfermeira, mas uma impertinente esposa. Decidi-me a vir para Lisboa explorar caminho que me podesse levar a uma honesta mediania. Vim, e aqui estou n'esse proposito.

— O peior proposito! atalhou o amigo. Um verdadeiro desproposito! Deixas de ser um venturoso marido para te volveres um lastimoso candidato. Vejo que a tua imaginação é ainda fogosa como eu a conheci no collegio, e que o teu coração vem a Lisboa procurar as dôres que não podia conhecer no teu lar d'Alcobaça...

Um dos deputados, em cuja physionomia parecia ler-se uma precoce experiencia da vida publica, observou amavelmente:

— Era-me absolutamente desconhecida a pessoa do sr. Alvaro Vaz, mas os dotes pessoaes que lhe dão lustre de verdadeiro cavalheiro, e os seus brilhantes talentos, que á primeira vista se revelam, obrigam-me a prevenil-o de que o seu generoso animo entra sobremodo desprevenido na vida de Lisboa. Todos os caminhos, que um explorador inexperiente poderia demandar, estão atravancados por centenas de pretendentes que lhe não será difficil encontrar no Terreiro do Paço, debaixo da arcada, das tres ás quatro horas da tarde. Não

imagine porém vossa excellencia que são os frequentadores da arcada os unicos candidatos a exploradores de caminhos publicos. Ha mais, ha muitos. Os que não vem a Lisboa, porque lhes falta dinheiro ou tempo, escrevem trinta cartas por mez ao deputado do circulo.. Eu tenho as minhas gavetas coguladas de cartas, que todos os dias recebo de eleitores que não conheço...

— Que vossa excellencia não conhece? interrogou com surpreza Alvaro Vaz.

— Que não conheço pela simples razão de não conhecer o meu circulo.

Alvaro Vaz não pôde esquivar-se a uma insistencia pouco delicada e exclamou:

— Pois vossa excellencia tambem não conhece o circulo que o elegeu?

— Razão tinha eu, sr. Alvaro Vaz, quando ha pouco estranhava a sua perigosa inexperiencia. Permitta-me que lhe diga que eu sou deputado da maioria. Não saí precisamente da urna eleitoral; nasci do chapéo do ministro do reino. Não pense porém que eu sou o unico feto de tão illustre procedencia; tenho numerosos irmãos. A minha familia politica reconhece, como nos parentescos de sangue, a autoridade suprema do commum genitor. Não procedemos independentemente. O dever figura-se n'uma linha recta, como perfeitamente sabe, mas nós somos condemnados a volteiar em torno

do chapéo ministerial, que não é geometricamente recto, como tambem sabe. Não satisfazemos senão as pretensões que o ministro autorisa, e são as que podem trazer immediata popularidade ao governo.

— E as outras? perguntou Alvaro Vaz.

— As outras dormem o placido somno do esquecimento na gaveta do deputado ou do ministro.

— Mas permitta-me vossa excellencia observar-lhe, contestou Alvaro Vaz, que não é isso corresponder á confiança dos eleitores. Vossa excellencia não conhece a terra que o elegeu, nem os habitantes d'essa localidade. Ainda mesmo que vossa excellencia não tivesse de subordinar-se á vontade do ministro, não poderia representar no parlamento as urgencias do seu circulo, onde provavelmente não ha estradas, escolas, hospitaes, e onde o povo, que pontualmente paga os impostos que lhe são lançados, não tem o indispensavel direito de eleger quem o conheça e o proteja. Perdoe-me vossa excellencia se me demasiei, mas não era a censura dirigida a vossa excellencia, senão que á tolerancia d'estas anomalias politicas que lentamente vão corrompendo a vida popular do paiz.

— E quem é criminosamente tolerante: o povo ou o governo? O povo que voluntariamente aliena os seus mais sagrados direitos, especialmente nos districtos ruraes, ou o governo que tolera que se

vá prolongando de dia para dia, á custa de repetidos sacrificios da nação, o detestavel systema administrativo porque nos regemos? A centralisação convém a todos os governos, porque lhes auxilia as ambições. Reajam os municipios, conspirem os povos, rehabilite-se o paiz. Mas o que é certo, sr. Alvaro Vaz, é que emquanto os negocios publicos seguirem o velho e relho caminho da tolerancia, o seu lucido espirito e o seu corajoso coração não poderão melhorar a sociedade nem o individuo. Tudo correrá mal; é inevitvel. O sr. Alvaro Vaz cansar-se-ha da improficua luta em que se vae empenhar em Lisboa, e sentir-se-ha doente e desilludido. Ha de atordoal-o o primeiro passo nas tumultuosas regiões burocraticas. Verá como referve inquieto o enxame do funccionalismo na colmea das secretarias. Verá numerosos continuos e amanuenses. Os chefes de repartição e os ministros são invisiveis para os candidatos. Verá entrar os ministros, verá mesmo apeial-os da carruagem, e não lhes poderá falar, porque os estão esperando, nas escadas e nos corredores, os deputados, os influentes eleitoraes, as grandes potencias politicas. Ficará preterido hoje e ámanhã. Ou se desalenta ou quer ainda soccorrer-se da coragem que lhe restar. Se não fugir de Lisboa para esconder-se no seu ninho d'Alcobaça, do coração o lamento, porque talvez já seja tarde quando quizer voltar.

— Se me desattender o governo, appellarei para o rei! apostrophou Alvaro Vaz, que começava a soffrer dolorosamente.

— O rei! acabou de me dizer. O rei vive cercado de poderosos aulicos, que não fazem mais do que lisongeal-o, consolando-o de que o poder d'um monarcha constitucional não corresponda na minima parte ao explendor com que se exorna tão pouco invejavel realeza. Um rei constitucional não concederá certamente audiencia ao sr. Alvaro Vaz sem medeiar apresentação do ministro do reino, e tão difficil reputo a interferencia do ministro em negocios estranhos á politica da situação como o empenho do rei em querer servir um desconhecido. Magoa-me ter de dizer-lhe estas amargas verdades, tanto mais que desde hoje o fico estimando, sr. Alvaro Vaz, mas menos doloroso se me affigura que haja de desilludir-se com as palavras do que com os factos. Não me tome á conta de pessimista, que o não sou. Vá o sr. Alvaro Vaz assistir ámanhã ao acto solemne da acclamação na sala das côrtes, que eu lhe obterei logar na galeria. Terá occasião de vêr como é numeroso o cortejo dos principes, e que de barreiras agaloadas é preciso transpôr para falar-lhes.

— Agradeço e acceito, respondeu Alvaro Vaz com melancholico assentimento.

Combinada a hora de se avistarem no dia se-

guinte, saíu Alvaro Vaz sobremodo contrariado em suas esperanças.

Era tarde.

As lojas e os passeios estavam fechados. Tinha cessado o vae-vem das carruagens mas o silencio da noite era interrompido pelo carpintejar dos operarios que trabalhavam nos arcos e obeliscos levantados em varios pontos da cidade. Em muitas ruas fluctuavam já as bandeiras que deviam dar á madrugada seguinte o caracter festivo d'um dia solemne. Alvaro Vaz relanceiou, passando, um dolorido olhar a esses espontaneos festejos d'um povo inteiro, que d'ahi a poucas horas afogaria no ruido geral as lagrimas d'uns e os gemidos d'outros. Ia derramar-se sobre Lisboa a onda da alegria, e todavia sobre quantas cabeças avergadas pelo soffrimento não passaria ella sem refrigeral-as siquer! Nada ha mais ficticio do que o sentimento das festas publicas! pensava elle. O povo é como o oceano: póde ser crystallino á superficie e, não obstante, sempre no fundo é tenebroso. É quasi sempre durante os grandes jubilos populares que se ergue ameaçador o braço regicida. A historia o diz, e em mais d'uma pagina. Mas se ha vassallos que soffram n'esses dias de expansões ruidosas, quem póde negar que tambem soffram os principes, obrigados a atravessar de sorriso nos labios as vagas doidejantes da multidão? Como elles devem sen-

tir-se tristes ao lembrar-se de que adormecerão essa noite em cama de rosas e hão de acordar em leito de Procusto!

Indignou-se Alvaro Vaz contra a organisação social que obrigava a falsear a existencia. Absorveu-se em pungentes meditações, esbraseada a fronte pela febre nervosa que em similhantes lances acommette os temperamentos delicados. Foi andando, andando e deixou-se caír extenuado n'um dos bancos de S. Pedro d'Alcantara. Ahi esteve longo tempo mergulhando inconscientemente o olhar no valle cavado ao sopé da eminencia em que se ergue o Passeio de S. Pedro d'Alcantara. Mais d'uma vez se entrelembrou d'Alcobaça, de sua prima, da tranquillidade que lá lhe ficára, das esperanças que lá vira nascer e pareciam condemnadas a desfolhar-se em breve.

O ar frio da noite, que soprava do Tejo, abrandara lentamente o fogo que lhe escandecia a testa. Levantou-se e foi caminho de casa atrophiado pela indifferença que succede ás mais ardentes exaltações. Subiu á sua trapeira e adormeceu de extenuado que estava. Acordou pela manhã ao troar da artilheria. Esteve fumando e pensando sentado no catre. No que pensava, não sabia. Quasi sempre, quando esperamos acontecimentos que se nos affiguram graves, sentimos o espirito como que atordoado n'um labyrintho de pensamentos. Alvaro

Vaz estava n'essa hora de vulgar embriaguez. Procurara, ao cabo de longo tempo, arrancar-se a esse marasmo, increpando-se de cobarde á hora de principiar a luta. Abriu ao acaso um livro: eram as *Contemplações* de Victor Hugo. A poesia é como o alcool: umas vezes excita outras enerva. A poesia de Victor Hugo, que tinha outr'ora a virilidade das estatuas de bronze, convidou-o a equiparar-se moralmente aos athletas musculosos e sombrios que ladeiam as galerias e os muzeus. Sentiu-se forte do alento que a emphase insinua á alma. D. Pedro v devia sentir egual impressão quando, annos volvidos, lendo as *Contemplações*, ficou amoroso da poesia lyrica moderna cuja realeza Victor Hugo representa ainda na decadencia. Á hora marcada saíu para encontrar-se com o deputado que o havia de introduzir na sala das côrtes. Obtido logar, ahi esperou a entrada do rei. Era em verdade um espectaculo novo e imponente. Luzia de custosas galas a fidalguia que precedia o principe; deslumbrava o sol ao brilhar nos carachás dos altos burocratas. A côrte era effectivamente o que o deputado dissera: uma longa muralha de veneras e arminhos que rodeiava a pessoa do rei. Como havia um homem desprotegido atravessal-a até se abeirar da realeza! O nome de Alvaro Vaz apenas era conhecido no collegio que frequentara. Diz-se que as paredes teem ouvidos; no paço até os reposteiros os

teem. Quando ouvem um nome muitas vezes pronunciado pelos magnates, abrem-se de par em par; mas se o appellido não anda ainda no almanach da camarilha, deixam-se ficar descidos a empanar a entrada. Assistiu Alvaro Vaz a todas as cerimonias da sessão real, impressionado da melancholica timidez que se debuxava no semblante do principe. D. Pedro v parecia confrangido do manto que lhe pesava sobre os hombros. A sua voz, ao recitar o discurso inaugural, era sensivelmente tremula e vacillante. Alvaro Vaz notou que a pronuncia cada vez se tornava menos clara no lance em que o monarcha fôra obrigado a ler estas palavras: «Espero que as côrtes da nação continuem a cooperar com o meu governo, e a prestar-lhe o auxilio necessario, para realisar os beneficios de que o povo carece, a fim de gozar das vantagens da civilisação e de colher o fructo dos trabalhos uteis de que provém a sua felicidade, e a gloria do throno.»

Alvaro Vaz comprehendera a perturbação do rei, que perfeitamente media o alcance d'essas phrases sonoras e baldas de realidade que todos os soberanos são violentados a recitar. D. Pedro v conhecia a verdadeira accepção politica das palavras *parlamento*, *povo* e *beneficios*. Sabia que eram lantejoulas com que os governos representativos teem de deslumbrar os que apenas conhecem a esses vocabulos o primitivo significado.

Comprehendera Alvaro Vaz a alma do principe e desde logo a supposera maior do que os moldes ordinariamente talhados para os reis constitucionaes. Parecera-lhe que principe de tão fidalga indole teria a coragem de affastar os cortezãos que o rodeiassem para enxergar do throno as necessidades collectivas e as desgraças individuaes. Conhecera que o deputado media o novo rei pelo typo que parlamentos e governos modelam para todos os reis.

E Alvaro Vaz não se enganava.

D. Pedro v tanto se queria approximar da nação, que, pouco tempo depois, ordenava se collocassem, ao fundo da escada da Vedoria da Casa Real, duas caixas destinadas a receber requerimentos particulares.

De tal modo se illuminava de estranha aureola o principe aos olhos d'Alvaro Vaz, que, de namorado que ficou, o seguiu por toda a parte durante os tres dias de festas publicas. Arrostou com a turba que se agglomerava á porta da Patriarchal para assistir ao *Te-Deum*, e foi depois ao Terreiro do Paço presenciar a entrega das chaves da cidade.

Sempre o rei se lhe affigurava constrangido em meio das ruidosas pompas com que se inaugurara o seu reinado.

Alvaro Vaz, por uma affinidade muito vulgar em naturezas e edades similhantes, lamentava com-

sigo mesmo que um coração de dezoito annos fosse coagido a amortalhar-se na tunica de Nessus chamada realeza.

Iam matar aquelle espirito, a seu ver.

Seria feliz entre os seus livros, n'um lar modesto, estudando, trabalhando, amando. No throno, falando e ouvindo a linguagem da pragmatica, rodeiado de lisonjas cuja falsidade o havia de molestar, sentir-se-ía definhar como as flôres que requerem sombra e abrigo, quando são expostas em eminencias soalheiras e lavadas dos ventos.

Vae desfolhar-se a flôr! conjecturava Alvaro Vaz.

Na noite do dia 18, depois de jantar de gala no paço da Ajuda, foi el-rei e a familia real assistir do Terreiro do Paço ao fogo de artificio que se queimou sobre o Tejo.

Resoavam as musicas; illuminava-se a espaços o céo de clarões phantasticos; fremia o povo que enchia a praça e rompia em saudações enthusiasticas de instante a instante; brilhava como lençol de prata, agitado por invisiveis mãos, a corrente do Tejo; andava no ar o borborinho dos grandes ajuntamentos e das grandes festas, e todavia o rei, quando um reverbero o deixava ver á multidão ávida de contemplal-o, parecia procurar melancholicamente no solo a felicidade que tinha de calcar aos pés.

Quando o rei subia á carruagem, queimado o

fogo d'artificio, estendera-se um braço agitando um papel: era decerto um requerimento. Um ajudante do rei arrancara-o subitamente da mão convulsa.

Alvaro Vaz estremecera como se sentisse esfriar o coração, e lembrara-se do que o deputado lhe dissera na vespera.

Recolheu a casa entre desalentado pelo que vira, e fortalecido pelo que sentira.

Evidentemente, a luta havia principiado.

V

A LEITURA DA PRIMEIRA CARTA

Foi um dia de festa o da chegada da primeira carta d'Alvaro Vaz a Alcobaça. Escrevera elle na noite do dia 18 sob a mixta impressão com que recolhera do Terreiro do Paço. Não tinha somno. Deixara correr a penna interprete dos encontrados sentimentos que lhe tumultuavam no coração.

Clarinha, ao receber a carta, cuidou morrer d'alegria. Alvoroçára-se-lhe o sangue a ponto de lhe embargar a voz na garganta. Quiz chamar pelo tio e não pôde.

Oh! que se ella já soubesse ler, ninguem primeiro

saberia o que dizia o primo! Tinha apenas duas lições. Não era pequeno prodigio conhecer as letras; as palavras ainda as não conhecia. O desejo de ouvir o contheúdo da carta venceu a commoção da surpresa. Correu á janella e chamou para fóra o tio.

João Vaz respondeu afflictivamente do sitio onde estava.

Clarinha tornou a falar:

— Não se inquiete, meu tio. É carta do primo!

— Pois o rapaz lembrou-se de nós! exclamou ainda a distancia o camponez caminhando já para casa.

— Venha de pressa, meu tio! trinou Clarinha com a alegria da ave que sente os passos da pessoa amiga que lhe fala e a alimenta.

João Vaz, andando sempre, vinha dizendo comsigo a meia voz:

— Lá que o rapaz tem bom coração, sei-o eu. A cabeça é que precisava de melhor amanho. Mal faz elle em não consentir que a prima lhe cate as hervas damninhas que lhe vão comendo a sementeira do juizo. Demos tempo ao tempo. Largou a ser frei João Nepomuceno e não ha quem por ora o chame a bom caminho!

— Meu tio! tornou Clarinha.

— Lá vou, menina, lá vou.

E continuando o monologo:

— Como ella o ama! Ah! que se eu tivesse encontrado um coração como o de Clarinha, seria o mais feliz dos homens! Que Deus a proteja e a ampare, porque é bem verdade que se vae a vontade de trabalhar, quando a terra é ingrata á charrua.

— Vê, meu tio! exclamou da janella Clarinha mostrando a carta ao camponez, que chegara ao quinteiro. Olhe lá que não vá cair, mas venha de pressa, sim?

Entrou João Vaz á sala e logo se sentiu enleiado pela sobrinha que, doidejante d'alegria, não fazia senão agitar a carta diante do tio.

— Então o rapaz lembrou-se! apostrophou elle com affectuosa bondade.

— É verdade... e eu que pensei que nos não tornava a escrever! Estará bom? Chegaria bem?

— Vamos ver, Clarinha.

— Mas... acudiu tristemente a menina.

— Mas?

— Mas quem nos ha de ler a carta?

— É verdade! Quem a ha de ler?

— Só se fôr o João do Couto, que não tarda ahi para me dar lição! aventou Clarinha.

— Bem lembrado! Elle já lia as que o Alvaro escrevia do collegio. Ficará com o cargo de leitor mór da nossa casa, que é assim como quem diz capitão mór... uma dignidade! Eh! Eh! riu jovialmente o velho.

— Mas — acudiu melancholicamente Clarinha — são onze e meia, e elle só vem ao meio dia...

— Que tem lá isso! Meia hora depressa se passa.

— Meia hora! É tanto! Se o tio desse licença eu mandava chamal-o pelo Sabino.

— Manda, manda, se te não pára o coração. Ó Sabino, enfia a jaqueta, que tens de sair.

Vestiu-se n'um momento o criado para receber as ordens. Deu-lh'as Clarinha com radiosa vivacidade:

— Vae á escóla, e diz ao sr. João do Couto que venha já para nos ler uma carta.

Virou de bordo o criado para sair immediatamente.

— Olha, Sabino, lembrou a menina, vae pelo atalho para ires mais depressa.

Pousou Clarinha a carta sobre a mesa depois de haver limpado o pó. Podera! Que não fosse macular-se a carta do primo! Foi depois sentar-se á beira do tio a olhar para o sitio onde a poisara. Passados cinco minutos, ergueu-se para tornar a pegar n'ella, porque lhe pareceu que estava mais segura na sua mão.

— Que não venham os espiritos levar-t'a! exclamou o tio.

— Não é, respondeu a menina; é para estar mais prompta. O João do Couto não tarda.

E foi espreitar á janella.

—Ainda não se avista ninguem!

—Ainda não teve tempo.

Voltou para dentro Clarinha e disse:

—Quem sabe o que o primo diz? E se elle dissesse que se não dava bem e voltava!

—O que tu quizeres, filha! Não conheces o genio de teu primo! Deixa que o tempo o vá amadurecendo. Se Deus me der vida e saude, ainda o hei de ver em Alcobaça, mas por ora não. Não te desesperes, Clarinha. Eu é que estou velho e não posso esperar muito; tu tens ainda a vida toda diante de ti...

Tornou Clarinha a ir espreitar á janella, e tornou a vir falar do primo.

Decorrera um quarto d'hora sem que se avistasse o criado ou o professor.

Finalmente, Clarinha, chegando pela duodecima vez á janella, gritou para dentro:

—Vi passar um vulto ao pé da presa! Agora é certo!

E ficou-se a olhar muito fixamente.

—Ora! exclamou de repente.

—Que é? perguntou o camponez.

—É o Sabino! Não estava lá? interrogou Clarinha alteando a voz para que o criado a ouvisse.

—Não estava, respondeu Sabino correndo e falando. Tinha já saído para vir dar lição. É que se demorou em alguma parte, mas, deitando conta ao

tempo que eu gastei no caminho, não póde tardar um credo.

— Não virá hoje? disse a menina como se dialogasse comsigo mesma.

Responderam-lhe os olhos que, n'um rapido lance, avistaram o velho professor por entre a clareira que uma presa abria no arvoredo circumvisinho.

— Elle lá vem! ciciou ella.

— Parece-te que anda de vagar! gracejou João Vaz. Minha querida, a vida gasta-se com essas inquietações, e quando a gente envelhece já mal póde dispôr das pernas e dos braços. O mais que tem é coração.

Consumira o professor doze minutos no caminho que Sabino transpozera em dois.

Mal que a menina o viu desembocar no quinteiro, acenou-lhe meigamente com a mão. O professor respondeu gesticulando.

Quem dera a Clarinha que o bom do João do Couto fosse Mercurio uma vez na vida, e amanhecesse n'esse dia com azas nos pés! O pobre do homem não era Mercurio; era o que são todos os professores da aldeia: um desgraçado. Andava já nos cincoenta e tres. Era feio; tinha a pelle escabrosa e queimada. Os labios habituaram-se a um continuo geito de admiração: sempre entreabertos. João do Couto parecia admirado de tudo: até de ter competencia para ser professor. A voz era

rouca por convenção comsigo mesmo: quando não sabia o que havia de dizer, crescia a rouquidão, e não se entendia. As palavras saiam por jactos, acompanhadas de maneiras agrestes. Vestia fato de saragoça; trazia chapéo baixo e varapau para se abordoar. Esforçava-se por ser um bom funccionario: ensinava tudo o que podia ensinar; e não era muito. No tempo em que elle concorreu á cadeira eram mais faceis os concursos. Em se sabendo ler, escrever, contar e trabalhar nas eleições, estava certo o despacho. Hoje o caso muda de figura. Augmentaram-se as exigencias officiaes do programma, mas, como não se póde augmentar tudo d'uma vez, ficaram os ordenados magros como antigamente. Acontece que ha bons concursos e pessimas escólas. Não é de todo mau.

João do Couto não sabia pedagogia e outras sciencias. Ensinava a soletrar e a ler por cima. Se os discipulos se destinavam aos campos, não precisavam de saber mais; se cursavam aulas, lá os aperfeiçoariam. Clarinha não seguia nenhum d'estes rumos, mas a ancia que tinha de saber dispensava melhor professor. Para ler cartas servia o João do Couto, se não muito bem, como vamos ver.

— Está impaciente pela sua lição a flôr das minhas discipulas! exclamou o professor entrando á sala com o chapéo pendurado do varapau.

— Estou, se estou! respondeu Clarinha, mas por ouvir ler a carta que nos enviou de Lisboa o primo.

— Seu primo! repetiu atordoado João do Couto por se conhecer incompetente para deletrear epistolas em que os termos saíssem da vulgaridade familiar.

— Sim, do primo Alvaro. Até mandei chamar pelo Sabino o sr. João do Couto, tamanha era a minha ancia d'ouvir ler a carta. O Sabino voltou sem o ter encontrado. Não adivinha a minha impaciencia!

— Eu saí de casa um nadita mais cedo para vender um vinhito ao Manoel do Outeiro. Se a gente não trata de moirejar a vida por outro lado, a cadeira não chega nem para o triste do pão. Estes governos!

— Vamos á carta! vamos á carta! exclamou Clarinha, apresentando-a ao professor.

— Vamos lá, respondeu elle resignado ao sacrificio.

E, para prevenir qualquer desastre na leitura, acrescentou emquanto tirava da caixa os oculos de metal branco e cuidadosamente os limpava:

— Deus queira que não sejam os gatafunhos do costume!

Clarinha tregeitou de impaciencia ou resentimento. João do Couto replicou:

— É que seu primo, Clarinha, quando esteve no collegio muito má letra ganhou! Professor da aldeia sou eu, e mais os meus discipulos sabem escrever que parece uma pintura.

— Lá isso é verdade! ponderou João Vaz. O rapaz do regedor escreve que nem um tabellião!

— É ou não é? repisou orgulhosamente João do Couto.

— É e é, perorou Clarinha, sorrindo, para que não fosse maior a delonga.

— Vamos lá! disse o velho professor sentando-se. Esta menina tanto quer ao primo, que nem me deixa tomar folego!

Foi desdobrando com gesto grave a carta e, mal que a desdobrou, rompeu n'esta apostrophe:

— Ora, não dizia eu? É uma charada!

— Quem me dera já saber ler! murmurou Clarinha.

— Se a menina soubesse ler, contrapoz João do Couto, havia d'estar como eu. Isto é lá coisa que se leia! Olhe que se eu a ler até ao meio já não faço pouco!

— Até ao meio! repetiu Clarinha.

— Sim, sim... Vamos lá a ver o que diz o sr. Alvaro.

E, entestando-se com o papel, começou o professor: « Meus bons amigos. »

— Isto entende-se, observou elle.

— É para o tio e para mim! ciciou um pouco doloridamente Clarinha.

« Cheguei a Lisboa sem incommodo physico que mereça referir-se. Outro tanto não posso dizer do espirito. »

— Sempre é letrinha levada de Satanaz! interrompeu João do Couto entre contente de si e receioso de proseguir.

« São tão differentes as atmos...phe...ras d'Alcobaça e Lisboa, que não se deixa de respirar impune...mente uma para sorver o primeiro...

As reticencias, como o leitor terá comprehendido, representam as difficuldades em que o professor tropeçava. Agora se viu elle sobremodo embaraçado para entender o substantivo jungido ao adjectivo — primeiro —.

— Ora o diacho! exclamou. Que mafarrico de palavra poz elle aqui? *O primeiro*..... E é que se lhe não póde metter dente!

— Passe adiante, João do Couto, alvitrou do lado João Vaz.

Clarinha, que ouvia attentamente com os olhos fixos no professor, pareceu acordar de subito.

— Vamos a ver se se entende, disse ella. Então a gente ha de ficar sem saber tudo o que o primo diz!

João do Couto começava a tornar-se apopleticamente vermelho, e a collocar o papel em diversas posições para aproveitar o auxilio da luz.

— *O primeiro...* Isto no fim é um *a*, um *u*, um *s*, um *t*, e um *o*. Mas a inicial é que tem segredo de feiticeira!... Esperem lá! Isto não póde deixar de ser um *f*. Não ha na lingua portugueza outra palavra que acabe em *austo* sem ser *fausto*. É isto: *para sorver o primeiro fausto da outra...*

—*Fausto*! exclamou Clarinha. Não quadra lá muito bem!

—Não quadra, não, mas isto é falar de poeta. Nós cá temos outra linguagem. Vamos ao mais.

João do Couto estava ancisoso de se tirar d'aquelle mau passo. Preferia dar vinte lições, que eram outras tantas edições da primeira lição que dera na sua carreira de professor, a ler uma carta de Alvaro Vaz. Portanto, o que elle queria era andar depressa, ainda que as metamorphoses a realisar se bazeassem em accepções tão differentes como as das palavras *fausto e hausto.*

« Lisboa é o mundo; Alcobaça é a solidão...

—Isto não é tanto assim! Ha cá muita gente! observou sem levantar olhos do papel.

«... O espirito passa da quieta...ção para o tumul...o...

—Para o tumulo! exclamou Clarinha sentindo palpitar doidamente o coração.

—Se não é, parece-o... *para o tumul...* ah! para o *tumulto*. São duas hastes que parecem uma! O traço do *t* está a meia legua de distancia!

«... e não posso deixar de confessar que é dolorosa a transacção...

Alvaro Vaz escrevera *transição.*

«... Tenho tido horas de melan...colia e desalento. Acreditem que ambos me teem lembrado com... saudade. Não se póde facil...mente esquecer Clarinha, que é uma pomba, e...

—Uma pomba! apostrophou delirante de alegria a menina.

—Eu não te dizia que o rapaz ha de entrar em bom caminho? gritou João Vaz não menos alegre que a sobrinha.

João do Couto, para adiantar terreno, proseguiu:

...meu tio, que é um bom coração.

—Muito obrigado ao rapaz! acrescentou jovialmente o camponez.

«Mas a hora da luta havia soado; era preciso lutar...

—Lá vem a tolice! ponderou João Vaz, olhando de soslaio para Clarinha.

E falando ao mesmo tempo para o professor:

—Ó João do Couto, como já se sabem as disposições do rapaz, se você não entende isso lá muito bem, não se esteja a afreimar.

—Leia tudo, leia tudo! observou a menina.

«O homem nasceu para trabalhar como o passaro para voar...

—Isto já é muito velho! reflectiu o professor.

« ...e eu não podia consentir que Clarinha, porque é pomba, ade...

—Agora não entendo bem o final da palavra!...

—Veja se entende!... pediu maviosamente Clarinha. Isso é commigo, e eu queria saber o que é.

—Vamos a ver: *ade...passe. Adepasse!* Deixeme ver se elle faz assim os *pp*...

E, posto que contrariado pela supplica da menina, teve de retroceder na investigação orthographica dos *pp*.

—Cá está um sorrabisco parecido na palavra *amigos!* disse elle, percorrendo com a vista a carta até á primeira phrase. Isto é um *g*. Vamos agora a ver se quadra... *ade...gasse*... Ora percebo, percebo! *Adejar* é o que se diz dos passaros e elle fala da pomba. Mas que malditos *jj* que parecem *gg!* Verdade é que tudo pertence á mesma familia para bem dizer.

E continuando a leitura:

« ... adejasse em torno de mim, vivendo eu na ociosidade para que Deus não me destinou...

—Ainda fala em Deus! observou radioso João Vaz. Por ora ainda se não fez mação.

—Não tardará! Aquillo lá são aos centos! replicou o professor.

—Deus ha de livral-o de todos os perigos! so-

luçou Clarinha, como se as lagrimas se quizessem denunciar na voz.

«... Vim pois para trabalhar; trabalharei...

— Pois elle foi para trabalhar ou para assistir ás festas! exclamou João Vaz voltando-se para a sobrinha.

— O primo foi para viver em Lisboa, respondeu Clarinha dando liberdade ás lagrimas que a estavam suffocando.

— Elle disse-t'o?

— Disse-m'o ha já dois annos e sempre depois m'o deu a entender. O primo não queria comer á nossa mesa...

— Bem me bacorejava o coração! disse João Vaz visivelmente exaltado. Se t'o não tinha dito, era para te não affligir mais. Sempre me quiz parecer que isto de ir ás festas da acclamação era capa de ruim panno! E porque não queria elle comer á nossa mesa?

— Pensava que...

Clarinha não póde acabar por vexada e chorosa.

— Diz, Clarinha, diz tudo. Porque era?

— Porque pensava que era... esmola.

Esta ultima palavra custou a Clarinha abundantes lagrimas e dolorosos soluços.

— Deixa-o lá, filha, deixa-o lá, que tambem me diz o coração, e eu já t'o disse, que o rapaz ainda

por lá ha de quebrar a cabeça. Leia, João do Couto, vamos a acabar com isso.

O professor, que aproveitára a pausa para ir estudando o final da carta, leu desassombradamente:

«... A coragem experimenta-se nos apertos e eu espero que ella me não ha de traír. Acreditem, porém, que, qualquer que seja a minhavida, não os esquecerei nunca.

«Lisboa, na madrugada de 19 de setembro de 1855.
Rua da Quintinha, n.º..., ultimo andar.

« Alvaro Vaz. »

—*Na madrugada!* observou João do Couto que já se sentia desopprimido.—E não dormir as noites que faz tão mal!

João Vaz havia deixado caír o queixo; Clarinha, encostada á janella, estava olhando para fóra como se todos não soubessem que estava chorando.

VI

NO PAÇO DAS NECESSIDADES

O pobre João do Couto teve dois dias de dolorosos transes.

Clarinha quizera responder ao primo, por inter-

venção do professor, logo depois da leitura da carta. Seria porém exigir muito que Christovão Colombo, depois de haver descoberto a America, descobrisse em seguida a Oceania. O professor, extenuado d'aquella verdadeira luta com a pouco legivel calligraphia d'Alvaro Vaz, marcou o dia seguinte para redigir a resposta. Precisava restaurar alma e corpo. De mais a mais Clarinha não dispensara a lição. Queria antecipar, quanto lhe fosse possivel, a hora de poder escrever pelo proprio punho ao primo que estava ausente. Sendo ella que escrevesse, ninguem saberia o que confiava ao papel. E que confiaria ella? Tinha vontade de dizer tudo o que sentia, d'escrever com as lagrimas que chorava, mas, ao mesmo passo, o procedimento do primo acobardava-a de ser sincera. Muito tempo andou pensando no que seria a minuta da sua primeira carta, até que um dia teve uma idéa que para logo aceitou. Escreveria ella, e diria ao primo que a letra era da menina para quem lhe pedira os versos. Se Alvaro voltasse, surprehendel-o-ia com a revelação do segredo; se não voltasse, quando se sentisse morrer, cansada de tão longo soffrimento, escreveria ao primo dizendo-lhe que por amor d'elle aprendera a escrever, e que esse era o seu ultimo adeus ao partir para a eternidade. Revelou o seu proposito ao tio; o tio approvou. A boa alma approvava tudo quanto Clarinha pensasse.

Foi duplicado o supplicio de João do Couto. Clarinha quiz que se escrevesse em seu nome; João Vaz tambem. A sobrinha limitava-se a dizer que havia em casa muitas saudades; o tio foi mais longe, e mandava reprehender o sobrinho pelo haver enganado, se bem que a censura, ditada por elle, fosse tão doce, não obstante julgal-a aspera, que rematava por lembrar-lhe ternamente que o melhor era voltar outra vez para Alcobaça.

O coração desmente-se frequentemente. João Vaz bem sabia como Alvaro era persistente; não pôde comtudo deixar de lhe dizer que alterasse todos os seus loucos projectos para ir viver entre os affectos da familia que muito lhe queria.

Quando as duas cartas chegaram a Lisboa, encontraram Alvaro Vaz pouco disposto a recebel-as com funda impressão. Tres dias depois do ultimo de festas publicas, constando que o senhor D. Pedro v havia determinado se collocassem na vedoria das Necessidades duas caixas para requerimentos, resolvera dar o primeiro passo no caminho cuja exploração intentava entre desalentado e corajoso. Escrevera, declarando a sua edade e morada, e solicitando uma audiencia d'el-rei. Fôra ás Necessidades e lançára o seu requerimento na caixa verde, que era a destinada aos requerimentos d'essa indole. Não se fez esperar o despacho. Horas depois ia á rua da Quintinha o moço d'ordens

do paço annunciar ao requerente que sua magestade se dignava recebel-o, no dia seguinte, depois das onze horas da manhã.

Foi no dia marcado para a audiencia que chegaram as cartas.

Alvaro Vaz leu-as mentalmente e poisou-as. Estava febrilmente exaltado; receiava até enlouquecer antes de chegar ao paço. Não se havia enganado: o senhor D. Pedro v não era um principe mediocre. O deputado, espirito vulgar, pautava todos os homens, reis ou vassallos, pela sua mesma vulgaridade.

Que tumultuosos pensamentos não tinha elle nas horas que precederam a da entrevista!

Mal sonhariam seu tio, um pobre camponez, e sua prima, uma flôr d'entre serras, que lhe havia sido concedida pelo rei uma audiencia; que, apezar de pobre e orphão, era admittido á presença do monarcha! Mas, para contrabalançar este licito orgulho, vinha a perplexidade precursora dos momentos supremos. Se estivesse em Alcobaça, poupar-se-ia áquellas violentas commoções que consomem n'um só dia annos de vida. Parecia-lhe impossivel attingir tamanha felicidade! tinha receio de que a morte o surprehendesse antes de chegar ao paço. Não ha espirito, por mais arrojado que seja, que se não prenda com estas phantasmagorias communs a todos os homens.

Pouco depois da rapida leitura das cartas, partira Alvaro Vaz, trabalhado de tão encontrados pensamentos, para o paço das Necessidades. Logo que foi annunciado, o mandou sua magestade introduzir no seu gabinete, d'onde, por incommodado d'uma perna, não saíra durante alguns dos dias que se seguiram ás festas da acclamação.

Era mortal a pallidez d'Alvaro Vaz ao entrar nos quartos do rei. Tremuras nervosas, que corriam ao longo da espinha dorsal e iam convergir ao cerebro, lhe embargavam a voz e o alento.

Os aposentos reaes eram onde, no tempo dos padres congregados, funccionavam as aulas da congregação denominada do *oratorio*, e, onde, depois do terremoto de 1755, habitaram alguns padres notaveis. O quarto d'el-rei havia sido occupado pelo padre Joaquim de Foyos, e no immediato, destinado ao senhor infante D. Luiz, agonisára o padre Antonio Pereira de Figueiredo.

O gabinete do senhor D. Pedro v mais parecia o d'um escriptor, d'habitos simples, que o d'um rei, que vive cercado de pompas. Havia grande desordem de livros e papeis, o que denotava que o seu lucido espirito viajava infatigavelmente dentro do gabinete lendo, annotando, folheando sempre.

Das paredes pendiam dois quadros: um representando Jesus Christo crucificado; outro a Santis-

sima Virgem. Alvaro Vaz, mal que entrou, atordoado pela commoção, correu a lançar-se aos pés d'el-rei, que logo retraíu a mão direita.

Sua magestade disse-lhe amavelmente estas palavras:

— Repugna ao meu espirito esta adulação official; algum dia a extinguirei.

E extinguiu tres annos depois; em 1858 foi abolida a cerimonia do beija-mão.

Acudiu el-rei a desculpar-se da familiaridade da recepção, attribuindo-a a incommodos que padecia.

— Aqui, acrescentou o senhor D. Pedro v, costumo receber os ministros e os intimos, porque todos são familia. Como, porém, o seu requerimento declarava a sua edade, e vi que eramos ambos moços, deliberei-me a recebel-o com a sem-cerimonia que o parallelo das edades justifica.

Alvaro Vaz cada vez se sentia mais profundamente commovido diante d'el-rei. A lhaneza do trato lustrava de tal modo as virtudes do soberano, que por egual confundiam, aos que recebiam a honra de falar-lhe, a nobreza do coração e a nobreza do nascimento.

As primeiras palavras do sobrinho do camponez de Alcobaça eram cortadas, tremidas, vagas; o olhar, desde que entrara no gabinete, enublara-se-lhe a ponto de mal poder distinguir os objectos.

Pouco a pouco foi serenando o alvoroço, e aclarando-se a vista.

A conversação d'el-rei era sempre tendente a libertal-o dos deveres da etiqueta palaciana.

Mal que a palavra de Alvaro Vaz começou a derivar fluente, correcta, pittoresca, e a sua pallidez a animar-se dos reflexos da alma, ouvia-o el-rei com extrema attenção, levemente inclinado, como era seu costume, apoiando o braço esquerdo no joelho e o rosto na mão.

Alvaro Vaz, aquietado o espirito pela bondade d'el-rei, expoz serena e francamente as suas idéas como, por mais d'uma vez, o havia feito no lar d'Alcobaça. Contou que era orphão, que devendo á protecção de sua prima os recursos com que principiara a educar-se, julgava indigno continuar a defraudar o dote da boa e dedicada menina; que ella lhe offerecera meios de ir graduar-se a Coimbra e porque havia recusado; manifestou a sua opinião ácerca da sciencia dos estabelecimentos superiores, que sua magestade reformaria de certo, e justificou o pedido da audiencia revelando a el-rei o seu vivo desejo de conciliar o trabalho, que dá a independencia, com a acquisição da instrucção que, a seu juizo, dava a verdadeira felicidade. Era para realisar este ideal, por tantos annos affagado, que se resolvera a implorar a protecção d'el-rei.

O senhor D. Pedro v, depois de o ouvir attentamente, respondera:

— Acho nobre o seu intento, e sobremodo reflectidas às suas considerações. A instrucção publica requer uma larga reforma que eu tentarei seguramente, posto se me affigure carecido de forças para leval-a a cabo. É grande o trajecto a percorrer da instrucção primaria á instrucção superior; longa e trabalhosa a jornada. Tentarei fortificar as bases e, se Deus me der vida e coragem para tanto, chegarei até á cupula do edificio que já na phantasia tenho architectada. Vou pois começar pela primeira escóla. Em breve, se não se frustrarem os meus desejos, fundarei em Mafra uma aula que possa ministrar á infancia o que de litteratura e religião primeiro se aprende. Depois, querendo Deus, irei até á creação d'um novo estabelecimento d'instrucção superior. Será talvez um arrojo, mas não me prive o sr. Alvaro Vaz do prazer de submetter á sua competencia o meu projecto.

Alvaro Vaz estremecera de surpreza ao ouvir pronunciar o seu nome, que o principe retinha de memoria; e ao mesmo passo se sentira impressionado de tamanha modestia e candura.

— Eu quero, — continuou placidamente o rei, — fundar uma especie de curso complementar a todos os cursos litterarios. Essa será a cupula architectada; praza a Deus que me seja dado collocal-a.

As aulas publicas são a escada analytica da instrucção. Vae-se d'ordinario, como o sr. Alvaro Vaz me disse, subindo de degrau a degrau sem olhar para o lado. Ora eu bem lhe disse que o meu plano era arrojado! Não me contento com fazer olhar para o lado. Quero que a mocidade suba ao zimborio e de lá aviste, na grandeza da synthese, as alterosas eminencias das letras. Deve o meu projectado curso compôr-se de cinco cadeiras. Na primeira se desenrolará em toda a sua extensão o já vasto sudario da historia patria. Na segunda travarão os alumnos amplo conhecimento com as litteraturas antigas; na terceira, complementar da segunda, familiarisar-se-ha o espirito com as riquezas do moderno thesouro litterario; na quarta, já preparado o animo para viagem de maior folego, ascenderá ás regiões olympicas da philosophia e, como remate, virá a ultima cadeira, intimamente relacionada com a quarta, destinada ao estudo da historia universal sob o ponto de vista philosophico. Aqui está, sr. Alvaro Vaz, exposto com a maxima franqueza o meu esboço; dir-me-ha, com egual sinceridade, se o reputa exequivel e conveniente.

Alvaro Vaz estava maravilhado de tamanha largueza de pensamentos em principe que ainda se podia considerar imberbe, porque mal lhe loirejava

o buço que sua magestade constantemente retorcera emquanto falara.

Não obstante, tivera palavras para testimunhar o seu assombro e adhesão.

El-rei proseguira:

—Isto virá tarde, mas espero em Deus que virá. Primeiro é preciso povoar d'escólas o paiz; melhorar professores e alumnos; tornar menos pesado o fardo da velhice que ensina, e mais doce o fardo da infancia que aprende. Importa equilibrar as graves attribuições dos cabellos brancos com os submissos encargos das cabeças loiras. Para que não falte a doçura do mel nos banquetes do espirito é indispensavel augmentar o numero das colmêas. Já vê o sr. Alvaro Vaz que estou empenhado em acompanhar a cultura intellectual do paiz desde a flôr que desabrocha até ao fructo que sasona. É preciso cuidar da primavera para que o outomno não seja esteril. D'aqui deve inferir, sr. Alvaro Vaz, como eu quero á instrucção da terra que me foi berço. Mas se permitte que o aconselhe quem pela edade não póde ser conselheiro, deixe-me dizer-lhe que, se vale a alma o que a intelligencia valer, um elemento indispensavel ao remanço da intelligencia e da alma é seguramente a felicidade domestica. A rainha minha mãe, que Deus haja em sua santa gloria, ateou-nos no peito o sagrado amor da familia. Os infantes meus irmãos não prestam menos

reverente culto á religião do lar do que eu. A sua boa familia d'Alcobaça deve de estar saudosa. Se a ausencia lhe acorda na alma egual sentimento, volte para ella, sr. Alvaro Vaz, que lá mesmo o irá procurar a sympathia que esta agradavel entrevista me radicou no coração.

Para quem não estivesse allucinado por invencivel paixão, seriam transparentes as palavras do rei.

Alvaro Vaz havia falado d'uma prima que lhe facultara recursos para educar-se litterariamente. El-rei, com a sua atilada intelligencia, conhecera que os laços do parentesco não eram bastantes a explicar a liberalidade.

Todavia era esse um assumpto sobremodo melindroso para que el-rei o tratasse com maior franqueza. A nossa alma é um altar que nós mesmos devemos enflorar; affigura-se sacrilegio que mão estranha vá depôr sobre a ara uma flôr que seja. El-rei sabia-o e comprehendia-o. Hoje, que a sua historia está escripta, é licito suppôr que a essa hora crepitava accesa no coração do principe a alampada dos intimos affectos. Era esse de certo o seu mais querido segredo, o que mais porfiava em occultar. Suppunha que assim devia ser para Alvaro, e não ousava transpôr o limiar do templo defezo a estranhos.

O senhor D. Pedro v e o senhor infante D. Luiz

haviam saído a viajar na Europa em maio de 1854 em cumprimento d'um desejo muitas vezes expresso pela rainha, e que a morte viera atalhar. N'essa viagem visitaram os principes portuguezes Londres, a Belgica, a Hollanda, a Prussia, o principado de Gotha, a Saxonia, e a Austria, avistando-se, no regresso, com o imperador Napoleão III, que a esse tempo demorava no acampamento de Bolonha. A visita a Paris ficara differida para o anno seguinte, em razão de estar sendo flagellada a capital da França, n'essa epocha, pela epidemia da colera morbus. Foi provavelmente n'essa viagem que o senhor D. Pedro V conhecera a formosissima princesa que em toda a Allemanha era considerada a fada do castello de Sigmaringen. Para quem der credito á mysteriosa attracção das almas, que na terra se procuram, é o casamento d'el-rei uma solemne confirmação de tão poetica theoria. Ambos da mesma edade; um descendente da boa nobreza dos Hohenzollerns, outro representante da fidalguia brigantina; um filho de principes, outro successor de reis; ambos amantissimos da pobreza desvalida e da pratica da virtude; um e outro artistas, porque se o principe portuguez denunciava florescentes talentos ainda na primavera da vida, a princeza allemã menina e moça se distinguira não só pela familiaridade em que vivia com os principios theoricos e estheticos das artes graphi-

cas como pela facilidade com que versava os idiomas e litteraturas estrangeiras.

O senhor D. Pedro V, então infante, ouvira provavelmente em Dusseldorf o echo pregoeiro das raras virtudes da princeza D. Estephania. Ahi era o quartel d'uma divisão militar que o principe Carlos Antonio, pae da princeza, e nomeado tenente-general do exercito prussiano, commandava então. Certamente, visitando o senhor D. Pedro a Academia de Bellas-Artes fundada em 1767 pelo eleitor Palatino Carlos Theodoro, e conversando o professor Muck, director da educação artistica da senhora D. Estephania, soubera que a gentil princeza descendente dos Hohenzollerns era tão justamente festejada por suas virtudes entre o povo, como, por seus talentos, entre os academicos. D'aqui veio por ventura a ancia de conhecel-a e ouvil-a.

Se fôra no outomno, estaria sua alteza veraneando, com seus irmãos e paes, n'uma principesca propriedade situada em Weinburg, á beira do lago Constança. O senhor D. Pedro havia porém partido de Portugal em maio e recolhera em setembro. D'esse verem-se e ouvirem-se resultou ligarem-se para todo o sempre as duas almas pela doce communhão d'eguaes affectos. O principe portuguez repatriára-se com uma secreta esperança que a saudade aformoseava. Esse era provavelmente o seu doce oazis nas aridas plagas da governação du-

rante os annos que medeiaram entre setembro de 1854, epocha do regresso do senhor D. Pedro, e julho de 1857, epocha em que sua magestade fizera eleição d'esposa.

El-rei suppozera Alvaro Vaz nas mesmas condições. El-rei enganava-se. Alvaro Vaz era amado e não amava; estimava apenas.

VII

A MAGNANIMIDADE D'EL-REI

Alvaro Vaz conjecturou que el-rei alludisse á melancholica influencia da nostalgia, e para logo se declarou superior á cobardia da saudade. Certificou sua magestade de que as reminiscencias do lar, a que elle tambem rendia culto no altar do seu coração, não logravam affroixar a convicção com que partira d'Alcobaça. El-rei conheceu haver-se enganado. O amor não é tão forte que possa aguentar-se impunemente nas tribulações da ausencia. Ás horas caladas do estudo, na solidão do seu gabinete, longe da côrte que se recreava a dois passos de distancia, muitas vezes entreveria o senhor D. Pedro V a formosa visão que soccorria os

pobres de Dusseldorf e era appelidada a fada do castello de Sigmaringen.

A princeza allemã, chamada em 1855 á côrte de Berlim pela altura de seu nascimento e recentes convenções de familia — motivadas pela cedencia da soberania de seu pae na pessoa do rei da Prussia — saudosamente se recordaria, nas festivas noites de sarau, do principe portuguez, cujas virtudes pareciam desabrochar-lhe á flôr dos labios em sorrisos de melancholica doçura.

Comprehendeu o rei que era Alvaro Vaz um espirito, avido de saber, não um coração, rico d'amor. Portanto adiára para segunda audiencia o despacho do requerimento, e com extrema amabilidade despedira o moço d'Alcobaça promettendo-lhe que a demora seria toda em proveito da sua solicitação.

Alvaro Vaz retirara estonteado de jubilo. Percorreu ao acaso os sitios menos frequentados de Lisboa como para que os esplendores da cidade o não supplantassem no justo orgulho com que saíra do paço. Parecera-lhe que a honra que recebera era superior a todas as grandezas que pompeiam na capital á luz do formoso sol de setembro. Que a nobreza e o oiro se baloicem nas suaves molas de trens brazonados, é facto vulgar em todos os tempos e paizes; mais raro é que a obscuridade se exalce até ser ouvida e attendida da realeza, e

que a realeza oiça e attenda a obscuridade que lhe pede audiencia.

Recolheu absorto n'estes pensamentos que desmoronavam todo quanto pessimismo expectorára, dias antes, o deputado nosso conhecido. A sua alma estava chegada a essa alegria radiosa que a felicidade dá, e que requer o desaffogo da expansão. A quem havia de contar porém aquelles novos episodios de sua vida? Á população de Lisboa que o tomaria por ebrio ou louco? A quem então? Lembrou-se de escrever para Alcobaça, e escreveu, e escreveu...

O velho João do Couto devera sentir um pesadello horrivel, n'esse dia, se é que as canceiras da escóla lhe deixaram tempo para dormir a sésta. Estava-se-lhe preparando uma grande calamidade: uma carta de quatro paginas.

Alvaro Vaz contava que fôra recebido cordealmente pelo rei, que promettera protegel-o nos primeiros passos da carreira litteraria que encetara.

—Pelo rei! exclamara João Vaz ao ouvir ler a carta. Ó João do Couto, veja lá se entendeu bem a letra!

—Eu leio o que cá está! tornou agastado o professor. R-e-i...

—Rei, respondera Clarinha. Isso não se póde duvidar. O primo foi recebido pelo rei!

—Pelo rei; tal e qual. O que vale é que a Cla-

rinha já me não deixa ficar mal. Quando não, seu tio era capaz de teimar que R-e-i não quer dizer *Rei.*

As ultimas palavras de João do Couto foram suffocadas pelo afflictivo chorar de Clarinha.

A pobre menina não podera reprimir as lagrimas.

O professor e o tio quedaram surprehendidos a olhar para ella.

— Não estás boa, Clarinha? perguntou anciosamente o camponez.

— Estou, sim, meu tio, repondeu a menina soluçando.

— Então ouves dizer que teu primo foi recebido pelo rei e desatas a chorar!

— É que o primo não torna cá... suspirou a menina.

— Como não torna cá?

— Pois se o rei o recebeu, está elle levantado a umas alturas, que decerto se vae esquecer de nós...

— Lá recebel-o o rei não é pequena altura! ponderou tolamente o professor. Tenho a satisfação de dizer que quando o sr. Alvaro foi para o collegio de Lisboa já eu lhe tinha ensinado as primeiras letras.

João Vaz, que estava deveras commovido em tão dolorosa situação, aproveitou o ensejo que lhe facilitava um desvio salvador. Por isso replicou:

— Pois olhe que a respeito de letras não se póde gabar, visto que não entende as do discipulo!

— Ora essa, sr. João Vaz! ripostou o professor que não esperava o golpe. Tenho lá culpa de que os meus collegas de Lisboa lhe estragassem o cursivo!

— Tem razão, homem, tem razão! Lhe estragassem o que?

— O cursivo.

— Que vem a ser isso?

— A letra das cartas.

— Então a letra das cartas, continuou João Vaz que queria prolongar o incidente, não é egual á letra dos livros e dos outros papeis?

— Então não vê o sr. João Vaz que a letra dos livros é redonda?...

— E esta bicuda! acrescentou o camponez. Entendo, entendo!

— Está a fazer-se de novas! murmurou o professor a tempo que Clarinha lhe pedia continuasse a ler a carta.

— Vamos lá! disse resignadamente João do Couto.

O camponez fez um gesto de contrariado.

O mais da carta era elogio das virtudes do rei, e esperança de bom despacho ao requerimento.

Quando João do Couto ia a ler a data, saíu Clarinha da sala para se recolher ao seu quarto.

Ia offegante, opprimida; precisava chorar livremente.

João Vaz despediu com um tregeito o professor. Estava desvairado. A dôr da sobrinha doía-lhe no coração. Entrou de passear a passos largos na sala, como era seu costume em situações violentas. O retrato daguerreotypado d'Alvaro era sempre o alvo das suas apostrophes. D'esta vez, a primeira com que foi frechado, saíu assim dos labios do tio:

— Ora o mariola que já se mette lá pelo paço e não quer saber da gente!

Emquanto retrocedia, caiu em si, e, ao voltar, acrescentou:

— Sim, que elle lembra-se de nós, porque nos escreveu, mas o certo é que anda lá mettido pelo paço!

Clarinha continuava a chorar. Julgava o primo perdido para o ninho d'Alcobaça.

E estava, pelo menos temporariamente, porque, trez dias depois, admittido a nova audiencia, lhe dizia o rei:

— O sr. Alvaro Vaz quer locupletar o seu espirito observando a dignidade peculiar aos amigos do trabalho. Pois muito bem. Em optima occasião m'o deparou a fortuna. Eu estava para enviar ao estangeiro pessoa idonea que por escripto me informasse da organisação das mais adiantadas es-

cólas superiores. Préciso de estudar a estructura dos institutos celebres da Europa, para que o meu idolatrado curso não saia rachitico e cem annos atraz do seu tempo. Se o sr. Alvaro Vaz se quer encarregar d'esta missão, poderá partir quando lhe apraza, que eu ardentemente ficarei esperando o seu relatorio particular. Isto é negocio tratado entre nós. Ninguem saberá que o sr. Alvaro Vaz vae ao estrangeiro por incumbencia minha, e que eu o encarreguei de coordenar o relatorio alludido. Terá propicia occasião de entrar ás melhores escólas, e ouvir os mais notaveis academicos. Grande coisa é viajar, sr. Alvaro Vaz! Se eu fosse inteiramente livre, iria, como já fui, ver e ouvir o muito que se vê e ouve lá por fóra. Não posso; ficarei. Verei e ouvirei pelo sr. Alvaro Vaz. Depois, quando regressar, receberá, se quizer, o minguado peculio de instrucção que o meu curso lhe possa dar. Terá então summa facilidade em apontar-me as defficiencias do meu plano, e eu sentir-me-hei feliz de ver que ambos nós aproveitamos com este acerto do acaso que fez com que nos encontrassemos. Aproveite a opportunidade de medir, em prosperos paizes, a altura da sciencia, e de trazer para a sua patria a medida dos progressos individuaes na restante Europa.

E acrescentou affavelmente el-rei:

— Tudo isto fará com a maxima liberdade de

espirito, sem se sentir asphyxiado pela dyspnéa dos carceres universitarios.

Alvaro Vaz estava delirante d'alegria. Não era uma esmola que lhe offerecesse el-rei: era o salario d'um trabalho que sua magestade lhe commetia.

Ia visitar os primeiros atheneus, ouvir os primeiros sabios, vêr os primeiros paizes. E era a mão d'um principe que lhe desenrolava diante dos olhos o mappa do mundo; que inesperadamente abria a aurea porta da Terra da Promissão! Quasi lhe escacearam palavras para agradecer a el-rei. Lembrou-se apenas de que estava prestes a ver realisado o seu sonho; tudo o mais esqueceu: Clarinha e Alcobaça.

Ao despedir-se, dissera-lhe sua magestade:

—Quando o sr. Alvaro Vaz tiver concluidos os seus apercebimentos de viagem, queira avisar-me. Eu o receberei para nos entendermos no que seria ocioso tratar agora.

Dentro d'oito dias estava o viajante preparado para o caminho. Foi guardando para a ultima hora a despedida de familia, e só na vespera da partida escreveu para Alcobaça noticiando que saía, por determinação d'el-rei, para o estrangeiro, no dia seguinte. Sabia elle que essa noticia produziria grande sobresalto em Alcobaça. Receiou que as consequencias pódessem ser-lhe estorvo á viagem. Clarinha e seu tio não o deixariam partir sem irem

vel-o a Lisboa. Seria um sacrificio inutil e doloroso para todos. Portanto, só quando recolheu do paço, onde fôra receber as ordens d'el-rei, escrevera enviando a inesperada noticia. Sua magestade havia estipulado uma farta mezada, abrindo verba indeterminada para as despezas extraordinarias. O tempo da viagem era illimitado.

—Recolherá, dissera o senhor D. Pedro V, quando tiver visto e ouvido.

Alvaro Vaz, tão alheado andava, que facilmente acreditou que o rei carecia em verdade dos seus serviços!

Partiu directamente para França n'um paquete francez. Saíra o Tejo n'um explendido dia d'outomno. A magestade das aguas, doiradas pelo sol, parecia dilatar a alma. O espectaculo da cidade, que se desenrolava a seus olhos, tinha o colorido pittoresco das grandes e formosas bahias que os paizes estrangeiros nos estão mandando, para que as admiremos, reproduzidas em longas lithographias. É verdadeiramente gracioso o aspecto de Lisboa edificada sobre tres grupos de collinas, sendo o primeiro irregularmente formado ao levante pelas ondulações dos montes da Penha de França e do alto das Picoas. Ao noroeste desdobra-se a cordilheira que parte da quinta do Seabra e vae até ao Tejo. A oeste formam o terceiro grupo os montes da Estrella, Campo d'Ourique, Prazeres e Buenos-

Ayres. Nas intersecções cavam-se extensos valles em que grande parte da cidade assenta. Corre um pela margem do Tejo desde Santa Apolonia ao nascente até á ribeira d'Alcantara ao poente. Outro comprehende a cidade baixa desde o Terreiro do Paço até ao Passeio publico.

Alvaro Vaz ia embellesado na formosura do panorama. As pequenas povoações, as quintas de recreio, os jardins, os grandes edificios, os alterosos arvoredos, as torres de Belem, de S. Julião da Barra, e S. Lourenço do Bugio, a fortaleza de Cascaes, as longiquas serras de Cintra, tudo isso se confundia, diante de seus olhos, n'uma suavissima harmonia, n'uma risonha combinação de tintas. Quando, toucadas de nevoeiro, surdiram as rendilhadas *Montanhas da lua*, a cuja falda repoisa Cintra, acudiram á mente d'Alvaro Vaz estes maviosos versos do visconde d'Almeida Garrett, o maior homem que morreu durante a regencia do senhor D. Fernando:

Oh! Cintra! Oh! saudosissimo retiro
Onde se esquecem magoas, onde folga
De se olvidar no seio a natureza
Pensamento que embala adormecido
O sussurro das folhas, co'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!

Desvairava d'esperança o coração. Nem siquer lhe aguava a embriaguez da felicidade a saudade da patria. Sorria-lhe de longe a realisação do seu ideal. Pobre louco! pobre sonhador! Esquecia-se de que, volvidas horas, haveria choroso luto na casa d'Alcobaça.

Não tomem por exaggerada a magnanimidade d'el-rei os poucos que em Portugal são desaffeiçoados á monarchia. Este era o caracter do senhor D. Pedro v. Não mente a historia se disser que a sua algibeira era o thesouro do povo. Da sua dotação repartia com todos: trinta contos de réis foram destinados á educação de crianças pobres orphanadas pelas duas epidemias da *cholera morbus* e da *febre amarella;* sessenta e trez contos e oitocentos mil réis para fundo permanente do *Curso superior de letras;* aos alumnos necessitados da escóla real de Mafra, fundada por el-rei, e á qual sua magestade alludira falando com Alvaro Vaz, remunerava-os nos primeiros annos com um premio nunca inferior a seis libras; depois que fallecera a rainha D. Estephania, vestia el-rei, além da concessão dos premios pecuniarios, vinte e dois alumnos e outras tantas alumnas. Este numero era symbolico para o senhor D. Pedro v. Vinte e dois annos contava a rainha, quando a frialdade do sepulchro apagou a sua vida resplendente dos alvores da aurora. Todas as desgraças publicas, como

as que resultaram das grandes cheias de 1856, encontraram sempre abertos o coração e a algibeira do rei. O paiz inteiro sabia que sua magestade distribuia crescido numero de mezadas. Seu tio, o senhor D. Miguel de Bragança, principe desterrado, recebia no exilio, todos os mezes, a certeza de que a sua triste situação era comprehendida pelo rei de Portugal.

E, quando ao desterro lhe chegou a noticia da prematura morte do principe seu sobrinho, o senhor D. Miguel de Bragança rompeu n'esta dolorida apostrophe: «Era um anjo!»

Não se condemnem os reis porque são reis. Portugal é politicamente um paiz privilegiado. A actual familia reinante é, pela bondade da sua indole, geralmente amada. Os estrangeiros, quando de mais perto estudam a monarchia portugueza, invejam-nos os reis. É porque no throno de Affonso Henriques se não assenta a tyrannia que, a alguns d'elles, os tem esmagado. Quando os filhos dos nossos reis passeiam por entre o povo, todas as vozes os festejam, porque elles não são os descendentes d'uma dynastia que represente um jugo. Nas cabeças loiras dos infantes ninguem vê o reflexo d'uma aurora de sangue, como no jazigo de S. Vicente de Fóra ninguem encontra lascados os feretros reaes pela ira popular.

Nós, se a nossa constituição fosse republicana,

teriamos sobejos motivos para invejar os nossos reis.

VIII

MAGUAS E RECEIOS

A carta d'Alvaro Vaz foi como tempestade que desabasse sobre a casa d'Alcobaça. No primeiro momento todos trez se olhavam admirados: Clarinha, João Vaz e João do Couto. Ir viajar porque o rei o protegia! Parecia sonho! Elle, que conheciam desde pequenino, que viram crescer alli, ao pé de todos! elle, que era discipulo de João do Couto, sobrinho de João Vaz, e primo de Clarinha! Como lhe falaria o rei? Isso não dissera Alvaro, mas tambem não era o que mais admirava Clarinha. A criada velha contara-lhe, havia muitos annos, historias de reis que atravessavam florestas em ruidosas caçadas e encontravam pastoras que, levando-as para o paço, desposavam. Outras vezes viam no meio da serra uma criancinha a tremer de frio: perfilhavam-n'a. A voz do povo dizia todos os dias que o senhor D. Pedro v tinha alma angelica; era portanto como os reis da legenda.

Isso comprehendia Clarinha. O que mais a admirava, e outro tanto a maguava, era que o primo, com o seu genio altivo, quizesse aceitar a mercê do rei, e recusasse todos os seus offerecimentos d'ella.

Tinha razão. Alvaro, como já dissemos, estava obcecado, estava louco.

— Mas que vae elle fazer? perguntava João Vaz cada vez mais atordoado pela inesperada noticia.

— Vae passeiar! respondia o professor.

— Qual passeiar nem meio passeiar! Os soldados é que passeiam á custa do rei.

— Acredita então que seu sobrinho vá trabalhar? Não é preciso passar o mar para ter que fazer...

— Lá isso é verdade... reflectiu tristemente João Vaz.

— Se o rei lhe quizesse dar um emprego no reino, olhe que não se havia de cançar muito a procurar!

De repente, como se tivesse sido mordido de vibora, exclamou o camponez:

— Ó João do Couto! sabe você uma coisa? Quem nos diz que o rapaz se não fez mação?

— Hum! regougou com laconico assentimento o professor.

— O quê, meu tio? perguntou Clarinha que, absorvida na sua dôr, havia cerrado ouvidos ao dialogo.

— Nada, filha, dizia eu...

— Dizia o tio?

— Que teu primo foi de certo tratar d'algum negocio d'estado...

— O tio não me quer affligir, e engana-me!

— Pois é verdade, Clarinha, enganei-te... Dizia eu se o rapaz se teria feito mação...

— Não, tio, não. O primo tem uma boa alma. Conheço-o desde pequeno; sei o que elle vale. Se ser mação é coisa má, o primo não a fez.

— É attentar contra a religião! atalhou sentenciosamente o professor.

— Não viram que o primo falava outro dia em Deus! Não o accusem. Eu sei que elle é bom, muito bom. Se me não estima, paciencia. Estimo-o eu a elle.

— Estima, Clarinha, estima, e mais te ha de estimar quando melhor te conhecer.

— Deus o oiça, meu tio! O primo não é mação nem se acredita que el-rei o incumbisse de similhante coisa.

— É verdade! exclamou João Vaz.

— É verdade! repetiu o professor.

E ficaram pensativos todos trez.

— Mas, disse ao cabo de longa meditação João Vaz, bem podia ser que nos enganasse dizendo que o senhor D. Pedro v o protegia.

— O primo não engana ninguem!

— Ó Clarinha, é preciso que não vejas em teu primo uma divindade! Então para que pede elle que não se diga a ninguem?...

— É verdade! ponderou o professor.

— É porque el-rei, que tem boa alma, não quer que se saibam os beneficios que faz...

— Lá isso póde ser... transigiu João do Couto.

Clarinha acrescentou:

— Bem sabe o tio como o primo é altivo. Não quer acceitar nada de ninguem; se agora acceitou foi por vir da mão do rei...

— Sim, disse por entre dentes João Vaz. Tu é que pensas bem... E olha que não é pequena honra para nós a protecção d'um rei a uma pessoa da nossa familia!

— Triste honra! soluçou Clarinha. Triste honra que nos faz estar de luto!

— De luto! repetiu João Vaz.

— A ausencia é como a morte. Uma pessoa que está ausente é como se estivesse no cemiterio: nem se vê nem se ouve.

— Mas um dia voltará, e do cemiterio não se volta.

— Deus sabe porém se todos estaremos vivos então! pronunciou maguadamente Clarinha.

E ficou scismadora.

É sempre assim. Quem está habituado á escuridão, receia sempre não ver amanhecer. O regres-

so de quem se estima, é uma primavera. Os rouxinoes sabem que em vindo as flôres, e o sol, e a alegria terão voz e felicidade. Mas as rolas solitarias, que tanto o são em abril como em dezembro?

A alma de Clarinha estava sempre desamparada, porque a do primo nem de longe nem ao perto a acompanhava a toda a hora. Habituou-se á melancholia e á solidão. Ainda que voltasse o primo, não suppunha que elle, que vagueara pelas regiões do paço, coubesse um instante no lar d'Alcobaça, e a encarasse com bons olhos. Se a estimava pouco quando partira, menos a estimaria quando voltasse.

— Ó Clarinha, que ficaste tu pensando? apostrophou João Vaz para despertar a rola adormecida.

— Estava a pensar n'uma coisa que... logo lhe direi, meu tio.

— Outra lembrança como a de aprenderes!

— Póde ser...

— Alvaro no caso; Alvaro em tudo... Pois muito bem. Eu ficarei até logo com a minha curiosidade, tu com o teu segredo. Agora vae dar a tua lição, que o pobre João do Couto já alli está a cabecear com somno ha boa meia hora...

Que tristeza não era a de Clarinha para que ella esquecesse a sua lição, — o unico meio de algum dia poder falar directamente á alma do primo!

Estremeceu quando a voz do tio a chamou á realidade, e foi sentar-se á mesa onde os livros estavam abertos.

João do Couto bocejou ao passar-se de cadeira para cadeira. Recostou-se, estendeu o lenço vermelho sobre as pernas, montou os oculos, e ia a procurar a lição quando Clarinha, apresentando-lhe o livro, lhe disse: É aqui.

Elle olhou por cima dos oculos e respondeu:

—É ahi mesmo.

Começou a lição. João do Couto fazia lembrar um caçador, que se fica parado a olhar para o céo por não poder alcançar a ave que vae muito alta.

Clarinha principiava já a ler.

João do Couto deixava voar a discipula.

Finda a lição, em que Clarinha, não obstante a sua immensa dôr, fizera mais um prodigio de boa vontade, e depois de se ter retirado João do Couto, abeirou-se ella mysteriosamente do tio e disse-lhe poisando-lhe a mão no hombro:

—Eu sou muito impertinente, pois não sou, meu tio?

—Tu, filha! Tu és um anjo! Os demonios é que são impertinentes, que não largam a gente!

—Pois então, meu tio, eu tinha uma coisa para lhe dizer...

—Diz um cento, Clarinha. Pena sinto eu de não

ter um cento d'orelhas para t'as ouvir todas d'uma vez!

—O tio vae talvez rir-se...

—Então diz depressa, que bem carecido de rir-me ando eu!

—Eu...

—Tu?

—Eu queria...

—Tu querias ver teu primo.

—Isso queria eu! Mas agora...

—Agora fala sem receio.

—Eu queria fazer testamento...

—Tes...ta...men...to! syllabou João Vaz. Tu queres fazer testamento! Agora me rio eu!

—Eu bem dizia que o tio se ia rir...

—Ah! Ah! gargalhava o camponez. Clarinha, uma criança, a querer fazer testamento!

Subitamente, reconsiderando, disse João Vaz gravemente:

—Percebo a tua idéa, filha. Fazes testamento quando quizeres. Tudo quanto ha a ti pertence, e todos pódem dispôr do que é seu. Queres beneficiar teu primo? Seja. Teu primo é um bom rapaz, e se a cabeça ainda anda desconcertada pelos annos, deixemos que o tempo faça o que só o tempo costuma fazer.

—Oh! meu tio!

—Não tens que agradecer-me. Quando quizeres

eu falo ao tabellião; elle que venha cá. É melhor assim para que não conste nada. Que necessidade temos de saber-se que tu vaes fazer testamento? Elle vem, tu dizes o que queres, e ninguem o saberá.

—Muito obrigada, meu tio! exclamava Clarinha, enleiando meigamente o camponez.

Elle, commovido a lagrimas, apertou-a contra o peito, beijou-a.

—Has de dizer-me, Clarinha, se acaso te sentes doente? Isso é que me dá cuidado. Não estás boa? Soffres? Dize a verdade, Clarinha...

—Não soffro nada, meu tio!

—Mas tu que te lembraste de fazer testamento...

—É que a gente adoece d'um instante para o outro. E agora! Não anda em Lisboa a epidemia, que tantos estragos tem feito?...

—É verdade!

—E quem sabe quando chega a sua hora? O primo está lá muito longe, nós estamos aqui... Bem póde qualquer de nós morrer quando menos o espere.

—Pois filha, o testamento faz-se quando quizeres. Tens muita razão no que dizes. A mortandade tem sido grande. Desde 1833, quando a colera entrou no Porto, porque um vapor a levou, que não se ouvia dizer que morresse tanta gente. Ainda teu primo foi agora e foi bem. Pelo que tenho

ouvido dizer, o anno passado tambem andou a epidemia lá por essa estranja toda.

—E ainda andará, meu tio? interrogou com ancia Clarinha.

—Disse outro dia o doutor que passou de lá para cá. O mau deve chegar a todos. Todos nascemos para soffrer. E tu tens soffrido tanto, tu, que és uma pomba!

—Eu pouco tenho soffrido, mas soffrerei o que Deus quizer.

—Deus não ha de querer, que Deus é justo.

—O que eu não queria era que andasse ainda a colera por essas terras aonde o primo tem d'ir...

—Então tu queres saber mais que o doutor! É preciso não estar sempre a duvidar de Deus...

E dos doutores tambem, deveria acrescentar João Vaz, se a sua rudeza lh'o permittisse. Todavia o facultativo d'Alcobaça nem se enganava, nem o enganara d'essa vez.

A epidemia da colera morbus terminara em Inglaterra e França ao terminar o anno de 1854; mas continuara a flagellar a peninsula iberica, onde em 1853 penetrara por Vigo, assolando, durante muitos mezes, o reino de Galliza. Foi todavia em 1855 desdobrando as suas azas pestiferas na extensão do littoral a leste e ao poente da Hespanha, avançando para as povoações confinantes

com Portugal desde a foz do rio Minho á do Guadiana.

Ao contrario porém das previsões da medicina, que havia aconselhado todas as medidas de cautella, não rompeu pelas nossas povoações mais em contacto com a Galliza, mas entrou no reino pelo districto da Guarda, caminhando Douro abaixo, e brandindo, sobre uma e outra margem, o terrivel gladio que não poupava crianças e velhos. Atacando o Porto, victimou milhares de vidas, sem que todavia parecesse ainda saciada com tão horrorosa hecatombe. Foi dilatando-se ao norte e ao sul do rio Douro, abrangendo importantes districtos. Simultaneamente investiu Faro e Portalegre, estendendo portanto o seu reinado de luto ao norte, leste e sul do reino. Poupando Evora, e affastando-se da estrada que de Badajaz conduz a Lisboa, seguiu a corrente do Tejo, enlutando algumas das povoações que se espelham nas aguas do formoso rio. Estendendo após si um rastro de lagrimas, que a saudade por muito tempo não deixou seccar, penetrou em Lisboa no mez de outubro d'esse anno, quer dizer, um mez depois da festiva acclamação do senhor D. Pedro V.

De tão funesta estreia logo quizeram tirar ruim horoscopo os espiritos videntes. Não podia ser feliz — diziam elles — o reinado d'um principe que vira esquecidas as alegrias da sua acclamação

pelas angustias d'um flagello que enchia de pavor e dó a maior parte do reino. O mesmo rei, melancolico por indole, devia subir, sobremodo consternado, os primeiros degraus do throno, porque, havendo no seu coração um echo para todos os sentimentos populares, certamente ouviria, nas primeiras horas de realeza, os clamores afflictivos do povo. O espirito do rei, posto que brilhantemente illustrado, era todavia dado a presentimentos e preconceitos, e não se nos affigura dislate acreditar que, desde a puericia, veria em muitos factos que se iam desdobrando outros tantos prenuncios das desgraças que no poder o accommetteram. Quando, recolhendo da viagem que ao estrangeiro fizera em 1854, salvavam todas as embarcações surtas no Tejo e todas as fortalezas de Lisboa, o ribombar tetrico do trovão, e a luz sinistra dos relampagos, que sobre alguns pontos cuspiram faíscas electricas, deviam despertar na alma do principe os melancolicos pensamentos das almas scismadoras, que, como crystallinos espelhos, se deixam escurecer por uma tenue sombra.

Cuidaria o herdeiro da corôa da senhora D. Maria II ouvir na voz da natureza, que com tão lugubres hymnos lhe fazia espera, o prologo d'esse livro de tempestades, que tinha de folhear na sua vida de rei, e que só a morte prematura conseguiu fechar? Cremos que sim.

Um anno depois de recolher da primeira viagem, ao tempo da acclamação, estava o paiz invadido, como já dissemos, pela colera morbus, que em 1854 afugentara de Paris o senhor D. Pedro v e seu irmão o senhor D. Luiz. Parecia que a fatalidade estava apostada em perseguir o principe, ainda mesmo quando tentava fugir-lhe! Entrado o anno de 1856, logo nos primeiros dias occorreu no Algarve um violento tremor de terra, que foi causa de consideraveis estragos n'aquella provincia florescente.

Esta lamentavel contingencia não devia deixar de angustiar o animo do principe, que reinava havia quatro mezes.

Em julho d'esse anno reappareceu a epidemia da colera morbus nos districtos de Portalegre, Faro, Santarem, Leiria e Lisboa, visitando ao mesmo tempo os de Coimbra e Aveiro, e estendendo-se até á ilha da Madeira. El-rei, compellido por instancias dos facultativos do paço e pelos mais grados personagens da côrte, teve de transferir-se, com a familia real, para Cintra, d'onde, ancioso e maguado, acompanhava a devastadora invasão da epidemia. Não obstante a affectuosa prisão dos que o amavam, el-rei ia frequentes vezes a Lisboa estimular o zelo dos hospitaes e o valor dos assistentes. No sitio da Ajuda, sendo numerosos os casos diarios, ordenou o senhor D. Pedro v que os fa-

cultativos visitassem os enfermos em carruagens que do seu bolso pagava.

De mãos dadas com o flagello da epidemia ameaçava Portugal o flagello da fome.

No largo do convento do Coração de Jesus começaram a reunir-se, n'essa calamitosa epoca, varios grupos de populares com o intuito de pedirem providencias ao rei contra a carestia do pão. Não podia ser mais completo o cortejo d'horrores que tão dolorosamente abrira o reinado do senhor D. Pedro v!

Como o principe devia sentir-se magoado ao ouvir na voz do povo os clamores da miseria! Era a segunda vez que o povo lhe falava, porque um anno antes unanimemente o acclamara, e não era para repetir felicitações nem esperanças: era para lhe fazer ouvir a linguagem terrivel das commoções extremas.

O povo tinha fome.

As provações que el-rei experimentara no seu breve reinado foram tantas, que sobeja razão tem a tradição para suppôr que a alma do senhor D. Pedro v voara para os córos archangelicos.

IX

A VIAGEM D'ALVARO VAZ

Observando fielmente o itinerario combinado com el-rei, desembarcou Alvaro Vaz em Bordeos, ancioso de conhecer a França. Os melhores livros de sciencia que elle havia lido, eram francezes; portanto, borboleta infatigavel, procurava o grande foco luminoso da instrucção européa. Paris, o coração da França, attraía-o; de Bordeos jornadeou para Paris. Sua magestade havia-lhe recommendado principalmente a universidade, a escóla polytechnica, a de pontes e calçadas, a escóla normal superior e o conservatorio das artes e officios; e como estremado amador de sciencias naturaes, indicara-lhe o museu d'historia natural e a escóla de minas.

—Não deixe de visitar, acrescentou el-rei, o gabinete de zoologia de mr. Verreau. Estive lá em junho. Soberba collecção! Vá ver.

Alvaro Vaz começou com juvenil anciedade a sua peregrinação artistica e litteraria. Assistia ás prelecções, ouvia os mais celebres professores, e ia enchendo de notas a sua carteira de relator. Quiz porém parecer-lhe que a França, ao contrario do

que esperava, não tinha ainda elevado a instrucção publica á altura dos seus vastos recursos intellectuaes. Alguns dos seus apontamentos, tomados em Paris, diziam:

« A universidade é o primeiro estabelecimento litterario da França, mas não é decerto o primeiro estabelecimento litterario do mundo. A antiga universidade occupou-se dois seculos na simples reivindicação dos seus direitos contra os jesuitas; na universidade nova dizia Napoleão ainda no principio d'este seculo que ella se esforçaria por aperfeiçoar todos os ramos do ensino. »

Alvaro Vaz tinha razão. Napoleão dizia em 1808 o que Michel Bréal, no seu livro *Quelques mots sur l'instruction publique en France*, lamentava ha apenas um anno.

Iremos copiando algumas das paginas da carteira d'Alvaro Vaz. São periodos escriptos ao correr da penna com a precipitação de quem quer aproveitar um pensamento rapido:

« Ao entrar na grande sala de Sorbonna cuidei ouvir ainda a voz de Cousin, de Guizot e de Villemain, a gloriosa trindade do glorioso periodo da restauração. Foram elles que, com as suas brilhantes prelecções sobre a historia, a philosophia, e a critica litteraria, prepararam na Europa o terreno scientifico sobre o qual el-rei D. Pedro V vae architectar o seu sonhado curso superior de letras.

Esta honra não se póde nem deve negar á França.»

«O instituto de França tem sido desde a sua primeira organisação, que remonta ao anno de 1795, um verdadeiro altar levantado em honra das sciencias physicas e mathematicas. N'esse anno, esta classe, a primeira, contava sessenta membros, quasi o dobro dos que compunham a classe das sciencias moraes e politicas. Na terceira, litteratura e bellas-artes, havia quarenta e oito membros. Pela organisação de 1803 separou-se das bellas-artes a litteratura, formando uma classe especial com a denominação de — *Historia e litteratura antiga.* Tinha apenas quarenta socios. Esta circumstancia mostra que não eram ainda grandes os progressos litterarios no principio d'este seculo. Na classe das sciencias physicas e mathematicas havia sessenta e cinco membros. A organisação que vigora é a de 1816. As classes tomaram o nome d'academias.»

Outros apontamentos eram puramente politicos e artisticos:

«Não nos enganemos com a educação litteraria da França. A tribuna parlamentar não tem sido o

pantheon da eloquencia. Não são muitos os oradores. Contam-se Benjamin Constant, Garnier Pagés, Casimir Périer, Odilon Barrot, Lamartine, Guizot, Thiers, Ledru-Rollin, e poucos mais. Portugal não lhe é relativamente inferior. »

« El-rei havia-me recommendado que visitasse a primeira tragica do mundo, pois que não me seria dado ouvil-a na scena. A grande Rachel representara nos *Horacios* o papel de Camillo para honrar el-rei e o senhor infante D. Luiz. Desde então nunca mais voltou ao theatro. Disse-me que tenciona ir breve á America. Conserva vivas recordações da viagem dos principes portuguezes a Paris, e felicitou-me por eu ser o mais agradecido vassallo d'um rei como o senhor D. Pedro V. »

Nas paginas consagradas á Allemanha:

« A Allemanha é, litterariamente, o primeiro paiz do mundo. As idéas são da França, mas os factos são da Allemanha. Basta uma citação. A França fundou a primeira creche em 1844, e logo a Allemanha se povoou de creches dirigidas por mulheres. A mulher representa um papel importantis-

simo na educação allemã. Comprehendeu a Allemanha que para edificar era indispensavel assentar bazes. Portanto, antes de fazer escólas, estudou pedagogia. Póde dizer-se que foi a Allemanha quem aproveitou a obra de Pestalozzi, o fundador da pedagogia moderna. Começa-se justamente por educar a criança. Os filhos dos pobres recebem em vastos asylos a primeira communhão das letras. Frœbel, um ardente discipulo de Pestallozi, conseguiu amenisar a primeira instrucção, creando os *jardins das crianças* (*kinder garten*) como prologo á escóla. Brincando aprendem, dirigidas por mulheres. Do jardim passam as crianças para a escóla. O professor reveste a autoridade do pae. O crime de não enviar os filhos á escóla é punido primeiro com a censura, depois com a prisão. A escóla primaria divide-se ainda em popular *(volks-chule)* e industrial *(realschule)*. »

« Da escóla passam ao lyceu as que se destinam á sciencia. Se preferem um officio, entram nas escólas praticas *(berufschulen)*. »

« São modelos d'organisação as universidades na Allemanha. Os professores titulares saem da classe

dos professores livres depois de haverem provado os seus meritos, durante alguns annos, na regencia d'um curso publico. Divide-se a universidade em quatro faculdades: theologia, direito, medicina e philosophia. Que vastidão porém não dão officialmente os professores allemães a esta ultima faculdade! A philosophia abrange o direito natural, a esthetica, a pedagogia, a philologia, a historia, a archeologia, a economia politica, a mathematica, a physica, a chimica, a botanica e a zoologia. A par dos estabelecimentos superiores de educação scientifica, encontram-se na Allemanha as altas escólas da industria e do commercio.

« Não se póde passar pela Allemanha sem saudar enthusiasticamente os seus progressos! A reorganisação da instrucção nacional consummou-se desde 1807 a 1813. Emquanto a França combatia, pensava a Allemanha. »

Dispensamo-nos de copiar, pela sua extensão, a nota relativa á instrucção publica em Inglaterra. Transcrevemos apenas algumas indicações que dizem respeito ao senhor D. Pedro V:

« Em Oxford falou-me de sua magestade, com vivo enthusiasmo, o vice-chanceller. Em 17 de junho do anno passado aqui esteve o senhor D. Pe-

dro v com o professor Wellesley, sobrinho do duque de Wellington.»

«Ha em Londres grandissima veneração pelo rei de Portugal. Faz-se inteira justiça á illustração de sua magestade. Notou-se que o senhor D. Pedro v quizesse compôr o discurso com que, em *Mansion house*, respondeu ao enthusiastico brinde do *lord maior*.»

Da Hollanda:

« El-rei tinha-me recommendado o famoso jardim botanico de Amsterdam. Um dos professores disse-me apontando um banco rustico: « Aqui es- «teve sentado o rei de Portugal.» Pelo espaldar do banco marinhava uma parietaria. Arranquei uma folha que possuo: é uma recordação d'el-rei e da Hollanda.»

Recordações d'Italia:

« No museu do Vaticano, na sala consagrada á antiguidade egypcia, foi em julho d'este anno, segundo me disseram, offerecida uma lauta ceia ao rei de Portugal. El-rei viu as formosas estatuas illuminadas pela luz de tochas. Devia ser surprehendente o effeito optico. É uma collecção esplendida!»

« O erudito marquez de Campana presenteou-me com um catalogo do seu valioso museu de antiguidades etruscas.

« Graças á recommendação, e á palaciana lhaneza do marquez, devo-lhe a mais estremada amabilidade. »

« O museu de Napoles é para assim dizer um precioso deposito das ruinas d'Herculano e Pompeia... Quem havia de crêr que sobre estas reliquias da antiguidade se baseasse a historia para perpetuar a existencia de povos que desappareceram? As escavações vão dia a dia enriquecendo as galerias. Um empregado da livraria contou-me que o senhor D. Pedro V e o senhor infante D. Luiz ouviram com religiosa attenção em julho d'este anno as explicações do principe de S. Gregorio sobre o processo descoberto para despegar as folhas dos livros carbonisados. É realmente uma prova assombrosa dos progressos da humanidade! A arte oppõe victoriosa barreira ao impeto da lava e á consumpção do tempo, e salva dezoito mil volumes que já estão reimpressos! »

Nos primeiros mezes do anno de 1857 chegou Alvaro Vaz aos Estados-Unidos, onde, por especial recommendação d'el-rei, devia ir.

Extractemos ao acaso algumas das suas observações:

« Nos estados do centro a população, composta na sua maior parte d'emigrados estrangeiros, carece de instrucção, a que é indifferente. Os estados do sul, occupados por vastas plantações, obstam, pela sua mesma grandeza, ao desenvolvimento da instrucção, e até em muitas localidades é punido como crime o facto de ensinar a ler aos negros. Nos estados d'oeste propaga-se vigorosamente a instrucção elementar e o governo cede em cada circumscripção territorial *(township)* um certo numero de hectares de terreno para a edificação d'escólas. As populações recebem dos estados concessões de terras pantanosas com obrigação de crearem uma caixa destinada a prover ás necessidades da instrucção local. As crianças pobres são portanto soccorridas pela caixa das escólas e assim é que se vão instruindo os filhos dos proprietarios e dos trabalhadores desde as primeiras letras até ás universidades, que em alguns estados mais adiantados são sustentadas por meio d'impostos sobre a propriedade. »

« Tive a honra de falar com John Bigelow que ha muito tempo recolhe curiosos apontamentos para escrever a historia completa dos Estados-Unidos.

É um homem verdadeiramente illustrado. Disse-me que a organisação da instrucção na Nova Inglaterra comprehendia a escóla primaria; as escólas secundarias onde se ensina philosophia, chimica, historia, desenho, musica vocal, algebra, geometria e francez; e as escólas superiores em que se versam linguas e mathematicas especiaes. Ha em cada estado escólas normaes para habilitação de professores, e institutos para se exercitarem convenientemente.»

«A America do Norte lê muito. Segundo um calculo aproximado, os productos da livraria americana attingiram o anno passado a somma de dezeseis milhões de dollars. New York é a cidade que mais lê; segue-se-lhe Philadelphia.»

«O jornalismo tem uma vida prodigiosa nos Estados-Unidos. Reflectidamente nos disse outro dia o cavalheiro Bigelow [1] que a *imprensa é necessariamente o braço direito de todos os governos populares.*»

[1] Cumpre notarmos que John Bigelow publicou em 1863 o livro em que trabalhava; intitula-se *Les Etats-Unis d'Amerique.*

Temos reproduzido pequenos fragmentos da carteira d'Alvaro Vaz. Eram apenas elementos para a elaboração do relatorio que devia principiar em Portugal, porque absolutamente lhe escasseara tempo para dar o indispensavel desenvolvimento ás suas idéas e aos seus apontamentos. Em agosto de 1857 entrava a barra de Lisboa orgulhoso da felicidade de vêr realisada a sua ardente ambição. Sentia-se impaciente de falar a el-rei, de lhe agradecer n'uma calorosa expansão a immerecida protecção que lhe havia dispensado. Mostraria as suas notas, as suas observações, e certificaria o soberano de que havia correspondido, quanto possivel, á felicidade inesperadamente proporcionada. Na alma d'Alvaro Vaz havia a esse tempo um fervoroso culto d'adoração: era para o rei. Viera augmentar a natural gratidão, cuja chamma sagrada flammeja constante nas boas almas, o conceito em que a tradição européa tinha o rei de Portugal. Não eram apenas os moços os que se enthusiasmavam pela mocidade do senhor D. Pedro V; eram tambem, e principalmente, os anciões illustrados de todos os paizes, os velhos professores encanecidos na sciencia, que se inclinavam respeitosos ao ouvir pronunciar o nome do principe portuguez, que tiveram occasião d'ouvir e applaudir.

E... Clarinha? E João Vaz? E Alcobaça?

Entre os seus apontamentos de viagem vinham

guardadas cartas affectuosas que por muitas vezes lhe recordaram, na animada solidão dos paizes estrangeiros, que não estava desamparado no meio das grandezas da civilisação moderna.

Tivera, aquella alma sonhadora, atravez das roseas alegrias da sua felicidade, rapidas visões de indefinida tristeza. Era a vaga saudade de tudo e de todos, — de Clarinha tambem.

Umas vezes nascia da melancholica vista do mar o suave doer de pungentes e nebulosas recordações; outras, quando nas pequenas povoações via espreitar anciosamente uma pallida cabeça de mulher, lembrava-se de que sua prima o esperaria com egual anciedade olhando com avidez pela estrada d'Alcobaça em fóra...

Diziam as cartas que eram extremas as saudades na casa lutuosa. Sabia que Clarinha era um coração dedicado, e que sobremodo devia ter sentido a sua ausencia.

A rude bondade do tio despertava-lhe um dia por outro agradaveis recordações de familia.

Meiado o anno de 1856, começou a fazer reparo na calligraphia das cartas. Era-lhe inteiramente desconhecida. « Escrevo por intervenção d'uma minha amiga », dizia mysteriosamente Clarinha. A letra era timida, indecisa, acanhada. Figurava os primeiros traços d'uma criança intelligente. De longe a longe vinha um descuido, mesmo um erro.

Alvaro Vaz começou a achar adoravel esse desabrochar d'uma intelligencia desconhecida, porque elle, que tinha presenceado as mais brilhantes manifestações do espirito humano, encontrava em cada carta assumpto para medir a enorme distancia percorrida pela humanidade desde os primeiros traços até aos ultimos livros.

Para o peregrino que está costumado á deslumbrante reflexão do deserto, onde os raios do sol caem a prumo sobre as areias doiradas, é suave o alvorecer d'um dia de primavera, o fundo alvacento e luminoso do céo, que depois se volve alaranjado, e por ultimo se aclara lentamente quando o sol transpõe o cimo das serranias alcantiladas.

Havia ineffavel pureza no dizer d'aquellas cartas. Parecia que o coração da prima falava n'ellas. Era indispensavel que fosse um coração de mulher tão fiel interprete d'outro coração de mulher. Quem seria? Clarinha tinha tantas amigas quantas eram as mais virtuosas meninas d'Alcobaça. Vivera sempre ou quasi sempre affastado. Conhecia-as pouco e menos as tratara. Não podia adivinhar. Em todo o caso, elle, o fervoroso apostolo da instrucção, da luz, do progresso, achava deliciosas aquellas cartas feitas com duas partes de coração e uma parte d'espirito.

O estylo das mulheres é como os mais delicados estofos: quanto mais transparente, mais vale.

Bordem sobre preciosas rendas de Lyão ramagens floridas, enlabyrinthadas, folhudas, e terão o estylo dos maiores esculptores da palavra: de Victor Hugo e do padre Antonio Vieira.

As ramagens affrontam o tecido. Sobre a rede dos fios delicadamente urdidos cruza-se, baralha-se, enovela-se, confunde-se a rede dos labores variegados, dos relevos phantasiosos, dos florões multicores.

Assim é no estylo.

As comparações de Victor Hugo e os trocadilhos do padre Vieira desluzem na linguagem a singeleza nativa dos primeiros pensamentos.

É preciso recortar, desbravar, desfazer para encontrar o cartão.

Oh! mas nas cartas de mulher tudo é transparente, lucido, claro. Importa que a phantasia de quem lê enflore, borde, rendilhe. A innocencia não tem côres porque a symbolisam na brancura. A cabeça do destinatario, inflammada pela febre do amor, é ordinariamente um *atelier:* tem tintas, paleta, pinceis. Contorna e repinta. N'uma simples palavra: *Amo-te,* vê céos allumiados de fulgores boreaes; paraisos suspensos, como os jardins de Semiramis, pelo tenue fio d'esse verbo delicioso; visões phantasticas a sorrirem no horisonte placido do futuro; flôres, crystaes, reflexos, auroras...

Tudo isso, todo esse mundo de phantasmagorias

formosas desentranha o homem do amago d'uma palavra que para estar cheia não carecia de mais que do seu vasto sentido.

A mulher, menos phantasia e mais coração, continua a escrever simplesmente: *Amo-te!* Todas estas reflexões acudiram ao espirito d'Alvaro Vaz quando leu a primeira das singelas cartas que d'Alcobaça recebera.

X

DURANTE A EPIDEMIA DA FEBRE AMARELLA

Foi Alvaro Vaz recebido por el-rei logo que regressou. Sua magestade ouviu-o attentamente discretear sobre quanto vira e ouvira e, como entendido no assumpto, pôde acompanhal-o nas mais subtis minudencias sempre doiradas pela ardente palavra do narrador. Já sabemos que era importuna a el-rei, desde verdes annos, a conversação frivola de gente moça. Alvaro Vaz era, porém, excepção. Alteava-se acima do nivel commum ás intelligencias de vinte annos; tanto bastava para ser estimado do principe. Conversaram como dois *tou-*

ristes que rememoram impressões de viagem. El-rei tinha, como o seu interlocutor, a ancia de ver, d'ouvir, d'estudar, de prescrutar. Nascera todavia para presidir aos destinos d'uma nação, e encargo é esse tão pesado e molesto, que requer ininterrompida concentração d'espirito. Portanto, sendo-lhe defeso o viajar de novo, folgava de transportar-se mentalmente aonde a civilisação mais se illuminava do clarão das idéas modernas, das conquistas do pensamento, das auroras radiantes do progresso.

Alvaro Vaz queria mostrar a el-rei a carteira dos seus numerosos apontamentos como para d'ante-mão se desempenhar da responsabilidade que na sua qualidade de commissionado lhe cabia.

— Deixemos isso para quando, com vagar d'espirito e corpo, estiver colleccionado. Falamos dos monumentos; falemos agora dos homens. Viu o imperador Napoleão?

— Tive a felicidade de vêr o imperador algumas vezes, e saudei-o com enthusiasmo quando uma vez, ao saír das Tulherias, comprimentou descobrindo-se, erguido sobre o carro, o povo que o acclamava freneticamente. Vossa magestade sabe por intuição e experiencia o que deve haver de doloroso no officio de reinar, como vossa magestade lhe chama. Acresce em França que é varia a indole do povo, e que o imperante, sem descurar as creações duradoiras, tem de distrair o paiz, to-

dos os dias, com phantasticas e fugazes creações. O imperador Napoleão não só comprehendeu, a meu ver, o espirito nacional, para lhe dar os espectaculos grandiosos que a sua versatilidade exige, senão que está trabalhando para tornar a França um dos mais deslumbrantes paizes do mundo. O francez é uma ave inquieta e orgulhosa; requer gaiola espaçosa e doirada. O imperador Napoleão comprehendeu-o e executa-o. Se a instrucção publica não tem progredido quanto a grandeza da nação impunha, a razão está, creio eu, no mesmo temperamento do povo que, febrilmente influenciado pela nevrose, não póde persistir no empenho de edificar para a posteridade. Os poetas hão de ser sempre da França, mas os melhores e os maiores philosophos do mundo serão os da Allemanha. No bairro latino vi eu que se canta duas horas e se estuda uma. Na Allemanha até a alegria escolastica é erudita porque resoa em canticos latinos...

— Muito bem! muito bem! dissera o rei que attentamente havia escutado, retorcendo absorto o seu pequeno bigode loiro-escuro.

Alvaro Vaz, exaltado pela natural animação e pela adhesão d'el-rei, continuara:

— O imperador é um claro espirito, um homem perfeitamente conhecedor do seu paiz e do seu tempo. Ao atravessar as ruas de Paris reveste-se da sympathica democracia que recebe as bençãos do

povo; nas salas das Tulherias, illuminadas e sumptuosas, entre os marechaes do imperio e os maiores vultos da nobreza franceza, retoma subitamente a grande missão politica que representa perante a Europa.

— Assim é! acrescentou el-rei. Eu assisti, com o imperador Napoleão, ás experiencias de tiro em Vincennes, e notei que a presença do imperador enthusiasmava as tropas e o povo. N'um baile com que sua magestade imperial me quiz honrar, para cumulo d'obsequios, e a meu presado irmão o infante D. Luiz, vi reunidas nas Tulherias as mais celebradas notabilidades da França, e conheci que a influencia do imperador Napoleão era tamanha na aristocracia do berço ou do talento como nas classes operarias e no exercito. A par do imperador collocou a Providencia um nobre e generoso coração que completa o prestigio do imperio francez. Refiro-me á imperatriz, de quem conservo as mais gratas e mais reconhecidas impressões. Entre as muitas provas de estima com que fômos recebidos na côrte de França, uma se me não póde desluzir da memoria porque era uma amabilidade tão finamente delicada que só d'um espirito feminino poderia nascer. Alludo ao projecto d'uma festa campestre na propriedade imperial de Ville-Neuve d'Etang. Obstou a chuva á realisação do idillio phantasiado pela imperatriz, mas a grata lembran-

ça do obsequio ficou entalhada para sempre no meu coração agradecido.

El-rei havia-se animado pouco a pouco, se bem que os reflexos do seu vivido espirito não conseguissem nunca dominar completamente as vagas sombras d'uma tristeza meditativa.

Borboleteou a conversação para a Allemanha.

Alvaro Vaz falou enthusiasticamente das formosas e legendarias margens do Rheno, e historiou a el-rei algumas das poeticas fabulas das ondinas sabidas da tradição popular.

— Saí de Rotterdam e subi o Rheno caminho de Dusseldorf, onde cheguei no dia immediato ao de um pavoroso incendio que reduzira á miseria extrema algumas familias d'operarios.

El-rei, ouvindo falar em Dusseldorf, havia cravado em Alvaro Vaz os seus penetrantes e melancholicos olhos d'um azul esbatido. O narrador attribuira a simples piedade, tão natural no principe, a viva attenção que lhe despertara.

— Mas — proseguiu — logo appareceu a enxugar as lagrimas, a arrancar flôres das cinzas ainda quentes e fumegantes, o anjo da caridade representado na princeza D. Estephania de Hohenzollern. Estendeu-se o seu braço para soccorrer a miseria e logo se retraiu por furtar-se aos beijos da gratidão. O incendio deixara um rasto de lagrimas; a princeza, passando por entre o povo, en-

xugara-as com um sorriso. As multidões ficaram olhando-a absortas em extasi, mas o anjo havia batido as azas, e fugira.

El-rei, com a fronte apoiada na mão, quedara-se pensativo e alheiado mas, como se de repente acordasse d'uma suspensão passageira, acrescentou:

— Nem só em Dusseldorf ha desgraças, sr. Alvaro Vaz. Muitas, e dolorosas, tem havido em Portugal, visitado duas vezes, no decurso de dois annos, pelo terrivel flagello da colera-morbus. O que este bom povo portuguez não tem soffrido desde que á Providencia aprouve chamar-me ao throno de meus maiores! D'um lado a epidemia, que representa a morte; do outro as innundações que representam a pobreza! Comprehende o sr. Alvaro Vaz como deve ser pungente a situação do medico que esgota todos os recursos scientificos á beira do catre do doente amigo. Essa é a minha situação, sr. Alvaro Vaz, essa tem sido ha dois annos, porque o flagello que prostrava o paiz era insensivel á minha ancia de affastal-o de sobre a nossa patria. Não valeram decerto as minhas supplicas, que carecem de valor aos olhos de Deus, mas foram ouvidas as da viuvez e da orphandade, porque subiam, orvalhadas de lagrimas, até onde tinham de ser comprehendidas e attendidas.

Porque associaria a álma d'el-rei á narração do incendio de Dusseldorf a recordação das catastro-

phes que experimentara Portugal? Seria que julgasse a sua piedade inferior á da princeza que Alvaro Vaz donominara o *anjo da caridade?* Seria que até das desgraças d'um e outro paiz quizesse tirar novas illacções de que a sua desventura era contagiosa? Seria que o dominasse o receio de não ver realisado o seu mysterioso ideal de felicidade, por suspeitar que sobre o throno que occupava estavam imminentes novas calamidades?

Talvez nas palavras d'el-rei houvesse uma parcella de todas essas tristes phantasias, porque as almas que se não julgam felizes não fazem mais que andar abrindo todos os thesouros do soffrimento, real e imaginario, para contarem as lagrimas que hão de chorar, as angustias que hão de curtir...

— Quem sabe o mais que virá! exclamou el-rei como se estivesse monologando n'uma das suas horas de mais funda melancholia.

Acudiu Alvaro Vaz a serenar os receios do principe e a desviar para o assumpto da viagem a conversação subitamente encaminhada a tão dolorosas divagações.

Todavia, um mez depois, a terrivel eloquencia da realidade vinha desmentir as palavras d'Alvaro Vaz, porque era elle proprio que, assaltado no remanço do seu gabinete pela epidemia da febre ama-

rella, dava a el-rei uma prova de que os seus receios eram justos.

Alvaro Vaz fôra colhido pelo flagello emquanto, no silencio da noite, coordenava cuidadosamente os seus apontamentos. Lutou algumas horas com soffrimentos a que a principio não deu a importancia que em verdade tinham. Atirou-se para o catre, esvaido, se bem que não desalentado. Todavia, quando rompeu a manhã, sentiu-se carecido de soccorro, que pediu.

Se estivesse alli Clarinha, haveria sido ella a enfermeira dedicada. O que não fizesse a medicina, promptamente invocada, valeria a oração, ciciada por entre lagrimas. O coração da mulher, quando o amor o exalça á heroicidade, fecha o leito do enfermo n'uma barreira de dedicação, n'um circulo de carinhos, que a morte, sem luta, sem duello, sem se tornar feroz, não póde transpor. Não é só um corpo que se lhe disputa, é mais, é uma alma ligada á da mulher por estreitos vinculos, um echo da sua voz, metade da sua vida. Luta, combate, porfia, resiste até cair exhaurida de forças ou victoriosa como o soldado que defende e salva e desfralda a bandeira d'um povo inteiro.

Faltava, ao pé do catre d'Alvaro Vaz, um coração de mulher. Por isso horas depois, o depositaram n'um leito do hospital de S. José.

Clarinha, a esse tempo, estava-lhe escreven-

do d'Alcobaça e pedindo instantemente que fugisse da capital. O dessocego do coração que presente!

Se porém aos muitos portuguezes, que desde setembro de 1857 foram accommettidos pela epidemia da febre amarella, faltava a palida e meiga enfermeira que no lar lhes velaria o leito, e lhes seria broquel na luta com a morte, a todos elles foi consolação e allivio o coração do rei, que nos hospitaes voluntariamente occupava o logar que á cabeceira do leito conservava devoluto a ausencia da mãe, da irmã, e da esposa.

Alta noite, quando os moribundos punham o derradeiro olhar no crucifixo pendente da parede fronteira, e estendiam o braço tremulo para despedir a familia que não estava alli, alguem ia de mansinho dizer-lhes ao ouvido palavras d'uncção e piedade, alguem levava o balsamo da religião ao animo atormentado nas vascas da morte, e tamanho prodigio lhes parecia esse, o de ouvirem uma voz amiga na solidão dos hospitaes, que muitos d'elles morriam serenamente sorrindo para o crucifixo e sentindo na mão convulsa e fria o contacto carinhoso d'outra mão.

Era a do rei.

O coração que se abria para refrigerar as angustias do passamento e supprir os affectos d'uma familia inteira era o d'um principe que a toda a

hora descia furtivamente do throno e que, para não desamparar os doentes que lhe eram irmãos, expunha ao vendaval da morte as mimosas flôres d'uma primavera de vinte annos.

Instavam os zelosos familiares d'el-rei pela sua retirada da côrte para que o principe, ao atravessar a atmosphera inficcionada dos hospitaes, não succumbisse ao flagello augmentando o numero das familias portuguezas cobertas de luto e das tribulações d'um povo inteiro.

A dedicação do principe vencia todas as barreiras, esquecia todas as instancias, porque o repousar é de quem não tem de combater, e o espectro da morte estava de longe provocando o coração do rei e apontando para os catres dos hospitaes d'onde saíam os maguados suspiros da agonia extrema.

Ha um seculo que, não longe, em Marselha, um sacerdote idoso e abordoado ao seu cajado, porque era bispo, visitava noite e dia os hospitaes, derramando allivios, soccorrendo os moribundos, abeirando dos labios ressequidos dos enfermos a poção refrigerante, como que representando a Providencia nos horrores da epidemia de 1720 a 1721.

Marselha, mergulhada em luto e dó, fizera calar as suas officinas, fechar os seus estabelecimentos, porque na hora das grandes provações todo o ruido se affigura sacrilegio, todo o movimento irreverencia. Lisboa, cento e trinta e sete annos de-

pois, victima d'egual flagello, via despovoadas as aguas do seu Tejo, fechadas lutuosamente as portas dos edificios publicos e particulares, porque era verdadeiramente nacional a dôr com que á Providencia aprouve experimental-a, e da sua lastimosa angustia se poderia dizer sem hyperbole o que Millevoye escrevera de Marselha:

La pompeuse cité n'offre plus au regard
Qu'un peuple de mourants à l'oeil creux et hagard
Leur langue desséchée aux accents se refuse;
Leur esprit incertain, qu'un vain prestige abuse,
Ne voit plus qu'à travers un voile ténébreux;
Et, jusqu'à la douleur, tout est songe pour eux.
. . . .
Prêt à tonner, le bronze est tourné vers le port,
Et la Mort se présente à qui veut fuir la Mort.
La Consternation, immobile et glacée,
Reste, sans souvenir, sans plainte, sans pensée:
Le port désert, plongé dans un calme effrayant,
N'entend plus ni les crits, ni le marteau bruyant.

E o que lá dizia o bispo Belzunce ás instancias dos que porfiavam em arrancal-o da voragem da morte, a que evangelicamente se expunha para soccorrer os affligidos, respondia cá, não um prelado, mas um principe; não um ancião, mas um moço:

Il accourt, on s'écrie: « Où portez-vous vos pas?
Fuyez, fuyez la mort! — Non, je ne fuirai pas.
Qu'une indigne frayeur lâchement me retienne!
Non: ce peuple est mon peuple, et sa vie est la mienne.

Como o bispo de Marselha, o rei de Portugal queria defender o povo que era seu, e a vida do povo que era sua. As cans do ancião remoçaram n'essa indefessa lide evangelica; os cabellos loiros do moço envelheceram com a aproximação dos gelos da morte: batalharam o mesmo. Para um e outro começou a hora do premio quando dos corações do povo sairam as primeiras bençãos e as primeiras vozes do hosanna.

> Le peuple, libre enfin du fléau destructeur,
> Embrasse les genoux de son libérateur,
> Le porte vers le temple, et, par un juste hommage,
> Bénit le Tout-Puissant dans sa vivante image.

Para ambos começou já a deificação da historia, não só representada no marmore, que o raio póde fender, mas escripta em caracteres indeleveis na tradição d'um paiz, onde, de paes a filhos, se rememora a abnegação, em França, d'um prelado, em Portugal, d'um rei.

Era meio dia quando el-rei se preparava para sair pela segunda vez do paço em visita aos enfermos dos hospitaes. Instado pelos medicos da camara real, abeirou-se de sua magestade — pela centesima vez o fazia — o seu leal conselheiro e dedicado amigo Manuel Moreira Coelho. Eram novas solicitações dos medicos e da real familia para que sua magestade se retirasse da capi-

tal. El-rei, tambem pela centesima vez, respondeu:

— Onde ficará este povo se eu me retirar de Lisboa?

E, afastando meigamente o aio, foi caminhando ao longo dos aposentos, preoccupado, pensativo, e murmurando:

— Hoje...

— Hoje! diz vossa magestade?

— Hoje segreda-me o coração que serei mais preciso que nunca.

Pouco depois rodava na rua a carruagem real que conduzia aos hospitaes o enfermeiro dos pobres.

A população da capital, que vagueava sem accordo nem alento, empedrava de respeito quando, olhando para dentro do coche, via o rei sereno e concentrado umas vezes, outras risonho para os que o comprimentavam na passagem, porque bem sabia elle que mais vale o exemplo quanto mais de cima vem, e porque n'essa hora de perigo todos os confortos eram poucos.

Se era o rei que ia alli, se o conheciam porque em dias de gala o haviam visto no throno, a grandeza do nascimento era esquecida pela grandeza da missão que o principe se impozera. Com o seu modesto bonnet, de casaco militar abotoado, procurava mesclar-se entre o bando lacrimoso dos

seus vassallos, porque a dôr de todos era a sua.

N'esse dia, como o coração prophetisara, triste surpreza aguardava o rei no hospital de S. José.

Brilhou, na penumbra da enfermaria, um raio de paz celestial quando el-rei entrou.

Se não entrava com elle a vida, a saude, a felicidade, acompanhava-o a doçura que torna suaves os lances tormentosos, o olhar compassivo que se côa á alma, o braço que, se não solda as gramalheiras que prendem a materia á morte, ao menos suspende o peso dos grilhões para que não seja tão violento o estalar dos élos.

Interrompeu-se o concerto dolorido dos ais e dos suspiros. Apenas, ao longo da enfermaria, se ouviam soar os passos cautelosos do rei.

O olhar dos moribundos descia embaciado dos crucifixos, onde pouco e pouco se ia apagando, para envolver como em nuvem, porque em verdade o era, o vulto melancholico do soberano.

Cada leito era uma paragem n'aquella piedosa peregrinação do principe. Havia, em cada numero que representava um nome, a pungente attracção das lousas d'um cemiterio, e, como nos cemiterios acontece, ainda pulsavam existencias sob o frio aspecto da morte. Portanto o rei ia lentamente afastando as sombras da eternidade, que se condensavam em torno aos catres, para dar á vida latente o que a piedade póde dar, como no campo

da egualdade vae a gente, por entre as caladas avenidas, espalhando orações para um e outro lado.

Alvaro Vaz, que não era dos moribundos, distinctamente conheceu o monarcha.

— É o rei! pensou elle.

E, subitamente, como se o rei significasse para elle a realisação de todas as felicidades sonhadas, se sentiu de novo accorrentado á vida, cujos élos pareciam deslaçar-se, minuto a minuto, quando as agonias redobravam, e as esperanças começavam a perturbar-se no cerebro esvaido.

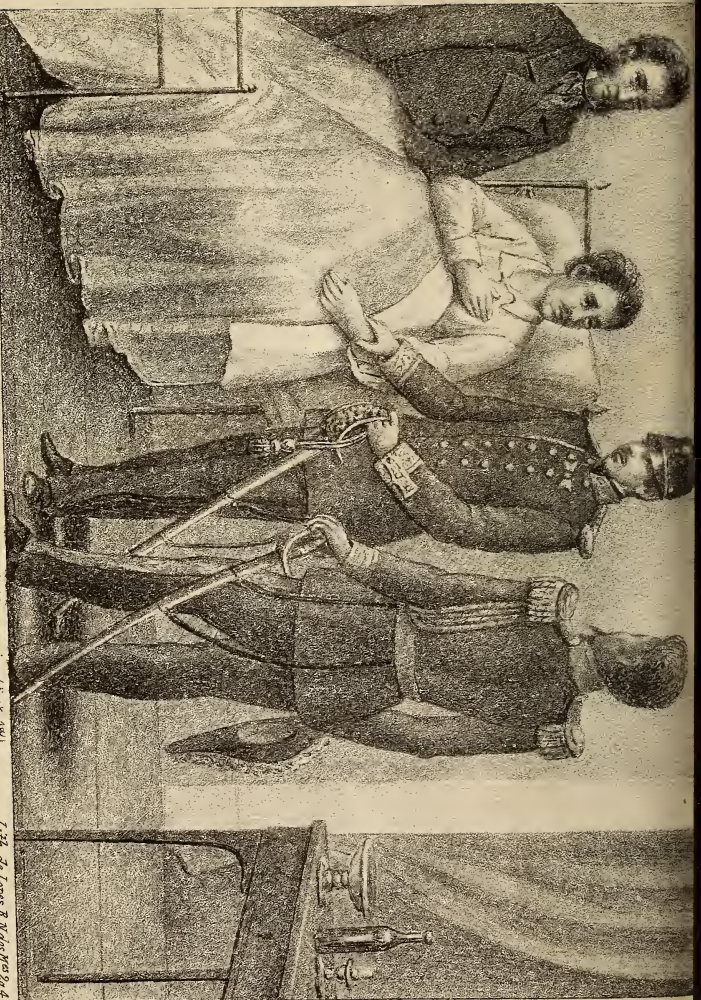
— Senhor! exclamou elle ao sentir avisinhar-se o rei.

— Oh! pronunciara o principe aturdido pela surpreza.

E, como que reatando o fio dos seus pensamentos interrompido desde que saira do paço, segredou-se:

— Bem me dizia o coração! este pobre coração que adivinha!

Alvaro Vaz quiz, posto que com difficuldade, recostar-se no catre. El-rei, não podendo dissuadil-o, amoravelmente o apoiou contra o peito. O esforço que o doente fizera suffocara-o a extremos de não lograr tirar um monosyllabo.

Do enthusiasta viajante que dias antes estivera no paço das Necessidades historiando a el-rei as

Pereira inv. e D. Lith. — Bibl. Universal. — A porta do paraiso (Est. 1.ª) — Lith. de Lopes R. N. dos M.es 2 a 4

_Fie muito da mocidade e tudo de Deus.

suas impressões de viagem, fizera a doença uma formosa cabeça inanimada, um olhar nublado, umas faces palidas e inertes, uns labios crestados pela febre.

—Morro! exclamara maguadamente o doente.

El-rei serenamente respondeu, tacteando-lhe o pulso:

—Fie muito da mocidade e tudo de Deus.

XI

O SUPPLICIO DE TANTALO

Profundamente se impressionara el-rei com a triste surpreza que n'esse dia o esperava no hospital de S. José. Foi-lhe sobremodo doloroso encontrar em luta com a morte o sonhador espirito d'Alvaro Vaz, vel-o debruçado ao sepulchro sem querer desprender-se dos braços da vida. Alli estava, prestes a arrefecer, aquella febril cabeça de poeta, encostada ao catre onde, como em rochedo erguido no meio das aguas, em breve iria despedaçar-se a barca que dias antes vogava, ao luar da phantasia, na onda caprichosa da mocidade. El-rei pertencia ao numero dos melancholicos pen-

sadores que estudam n'uma lagrima o vasto poema do soffrimento; n'uma baga do frio suor da agonia o mysterio da morte e a grandeza de Deus; no raio do sol que declina os esplendores das auroras eternas que sobredoiram o sepulchro. As almas que vivem na dupla felicidade da alegria e da esperança vão ao longo dos caminhos com os olhos postos nas suas visões encantadas, e não fazem reparo nas petalas com que a mão mysteriosa do destino lhes atapetou a estrada plana e recta. Os tristes, os saudosos da vaga saudade de mundos que não conhecem, vão subindo meditativos a escabrosa espiral do Calvario e contando as gotas do sangne derramado na via dolorosa pelos curvados caminheiros que os precederam, e lendo n'ellas, como se fossem caracteres decifraveis, as paginas escriptas pelos que soffreram e choraram. A felicidade não faz reparo nos vestigios da felicidade alheia, porque é essencialmente egoista, e se algumas vezes conta as petalas disseminadas é para saber e pedir as seu anjo bom o mesmo numero de flôres que os outros desfolharam. A abnegação é caracteristica dos desventurosos, dos tristes, dos reflexivos, que vão procurando o rasto da dôr alheia para se dizerem que os outros ainda soffreram mais, e que por isso os outros eram os verdadeiros desgraçados.

D. Pedro v deletreava no monosyllabo do mo-

ribundo toda a biographia do homem. Estudava no olhar indifferente dos que viam sem medo aproximar-se a morte a profundeza das miserias sociaes, a epopéa dos martyrios obscuros e ignorados. Alvaro Vaz exclamara, quando o rei lhe tacteara o pulso, uma simples palavra — Morro! — mas que immensa differença entre o monosyllabo d'Alvaro Vaz e o monosyllabo dos infelizes! Ainda assim não passou despercebido para o meditativo visitador dos hospitaes e dos carceres. Offerecia-lhe novo estudo, — era o grito lacerante do lutador que se sentia enfraquecer, a voz da alma comprimida dentro da materia enferma, o queixume da ave que, ao bater as azas, fôra alcançada pela certeira pontaria do caçador. E porventura entrou o rei de philosophar sobre a dualidade da existencia humana, no immortal e no terreno, no que tem vida ameaçado pela morte e no que se sente morrer antes d'apagar-se a vida. Estes pensamentos são os degraus da escada de Jacob que aproxima de Deus, e onde vae quebrar submissa a onda do materialismo, que não póde explicar como é que flammeja a luz quando a alampada se desconjuncta.

El-rei recolheu ao paço mais concentrado que nunca.

Acudiu carinhosamente a perguntar Manuel Moreira Coelho:

— São mais em numero e perigo os doentes de vossa magestade?

El-rei respondeu distraidamente:

— Bem sabe, meu amigo, que a epidemia vae progredindo...

Assim era em verdade. A epidemia augmentou d'intensidade até ao dia 20 d'outubro, em que attingiu o seu maximum e o numero dos casos se elevou á cifra de 298! [1]

— Deus se amerceie de nós — volveu Moreira Coelho — e poupe a preciosa vida de vosssa magestade e da real familia!

El-rei, subitamente desperto de suas meditações, respondeu:

— Ah! meu amigo, não ha vida que não seja preciosa. É contar o numero dos orphãos. A orphandade é que faz conhecer a riqueza do trabalho.

Moreira Coelho deteve-se silencioso diante da tristeza do rei e, volvido tempo, receioso de ser importuno, saiu murmurando:

— Que anjo! que anjo!

Continuou el-rei a visitar assiduamente Alvaro

[1] Quem desejar conhecer a historia das epidemias no reinado do senhor D. Pedro V leia o relatorio sobre a colera morbus publicado pela junta de saude publica, 1.ª e 2.ª parte, e sobre a febre amarella um curioso opusculo, em francez, publicado em Constantinopla em 1866, pelo dr. Bernardino Antonio Gomes.

Vaz que, ao contrario das supposições de sua magestade, denunciou sensiveis melhoras ao terceiro dia. Não obstante meigamente lhe poisava a mão sobre os labios quando elle, se bem que muito abatido, tentava falar. Alvaro Vaz limitava-se a beijar os dedos d'el-rei, que sempre lhe dizia com doce sorriso:

— Sabe o que eu penso do beijamão...

Ao sexto dia o clinico da enfermaria disse a el-rei que o doente estava salvo. Sua magestade, cuja physionomia se illuminou subitamente, abeirou-se do catre e murmurou:

— Tenho razões para lhe dizer que, com o auxilio de Deus, ainda ha de concluir o seu relatorio.

Nos olhos d'Alvaro Vaz passou o brilho do relampago. Quiz falar. D'esta vez el-rei prohibiu-lh'o com um gesto, e segredou:

— Guarde as suas palavras para quando estivermos juntos nas Necessidades.

E seguiu a confortar outros doentes menos venturosos que Alvaro Vaz, e a aproximar da bocca dos que já tinham o braço desnervado a chavena do caldo ou do remedio.

Descia el-rei ao atrio, com um unico ajudante de campo, a tempo que duas pessoas o estavam esperando impacientemente. Era uma mulher, cuja figura revelava mocidade, e cujos olhos brilhavam

inquietamente atravez d'um véo negro descido. Vestia de preto com graciosa singeleza que se denunciava ignorante das caprichosas prescripções dos figurinos e das modistas. Acompanhava-a um velho, de cabellos alvejantes, physionomia bondosa e sensivelmente alterada. Reconheciam-se á primeira vista: eram provincianos.

A mulher do véo correu a ajoelhar-se aos pés do ajudante de campo, que a levantou delicadamente, indicando-lhe o rei.

Ella, fixando os olhos vivissimos em sua magestade, ajoelhou de novo, não obstante haver-se curvado el-rei para erguel-a. O velho que a acompanhava dir-se-ia esquecido de ajoelhar, porque, absorto em contemplar o monarcha, curvara apenas um joelho.

Era commovente aquelle grupo!

A desconhecida quiz falar e não pôde. Segurando com ambas as mãos a mão direita do rei, cobria-a de beijos, e soluçava, e estremecia. Pelas faces rugosas do velho caiam duas grossas lagrimas serenamente, lentamente, como se elle já não tivesse mais para chorar.

El-rei, perplexo, não cobrara coragem para retirar a mão.

Houve algum tempo de doloroso silencio apenas interrompido pelo soluçar da desconhecida, e pela anciada respiração de todos.

— Senhor! póde ella dizer finalmente, eu sou prima d'Alvaro Vaz, e vim com meu tio, para vel-o, mal que soubemos a desgraça que lhe acontecera. Perguntámos se estava vivo. Disseram-nos que sim...

— E salvo! exclamara desopprimido el-rei.

— Bemdito Deus, e salvo! repetira Clarinha deixando-se erguer pelo rei. Pedimos para falar-lhe. Disseram-nos que era prohibido. Pedimos para vel-o. Tambem é prohibido. Soubemos que vossa magestade estava no hospital. Esperamos cheios d'esperança. Vossa magestade póde tudo, vossa magestade é quem manda e é um anjo: ha de me permittir que ao menos o veja, porque ha já dois annos que o não vemos...

— Mas sabem, replicou amoravelmente o rei, que se vão expôr talvez á morte, que na atmosphera dos hospitaes se respira a epidemia?

— Oh! não tem duvida... não receiamos. Tambem vossa magestade visita todos os dias os hospitaes expondo-se á morte pelo seu povo, e o primo Alvaro é a nossa familia, a nossa canceira...

El-rei começava a comprehender a alma de Clarinha. Espirito costumado á analyse e á concentração, bastara-lhe a angustia d'aquella supplica para medir o alcance d'aquella dôr.

— Pois vel-o-hão mas de longe, porque é preciso que elle nem se alvoroce nem fale. Uma surpreza poderia matal-o.

Clarinha ia a ajoelhar de novo. El-rei deteve-a e continuou placidamente:

—Eu volto ás nove horas da noite. Queiram voltar tambem a essa hora para que possam vel-o sem ser vistos.

Então o braço d'Hercules seria impotente para segurar Clarinha. Ajoelhou e deixou a mão d'el-rei orvalhada de lagrimas por não poder orvalhal-a de beijos.

João Vaz, aprumando-se e segurando o chapéo com o braço estendido ao longo do corpo, disse solemnemente:

—Senhor! eu peguei em armas pelo avô de vossa magestade, mas por vossa magestade pegaria no mundo inteiro ainda que não podesse com elle.

Era a rude e sentida expansão d'aquella boa alma.

El-rei, levando a mão á aba do bonnet, disse ainda:

—Ás nove horas da noite.

E, atravessando o atrio, subiu á carruagem que o esperava.

As lagrimas de Clarinha desvelaram a el-rei o triste romance dos seus amores não correspondidos. Pelo soluçar d'um e pelo phantasiar do outro, completou a biographia d'ambos. Clarinha era a flôr d'entre serras que vive arraigada ao seu amor; o primo era a borboleta que vive suspensa nas

suas azas. A flôr via a borboleta e não se podia altear; a borboleta via a flôr e não queria descer. O conhecimento d'este natural antagonismo entre as duas almas, magoou o coração do rei. Que dedicada, que meiga, que pura lhe parecera a prima d'Alvaro Vaz! Mas como premiar a sua dedicação? Como fazer conter o espirito fluctuante do sonhador dentro do ninho d'Alcobaça onde gemia a rola solitaria? Parecia-lhe esse um prodigio impossivel de realisar. Quando as almas se amam, mesmo de longe se procuram. Quando não se amam, nem ao perto se conciliam.

Dois mezes antes, a 8 de julho, o coração d'el-rei voara a Dusseldorf a chamar para Portugal a fada do castello de Sigmaringen. N'esse dia soubera a princeza descendente do conde Frederico de Zollern que havia sido escolhida para rainha de Portugal. Era que o descendente do conde de Borgonha, sentindo-se alquebrado de soffrer as dôres d'um povo inteiro, muitas vezes renovadas, precisava do carinhoso esteio da alma que o comprehendia.

Infelizmente estava escripto no livro mysterioso do futuro que a rainha de Portugal *fosse um coração para a terra e um espirito para o céo.* [1]

[1] Assim foi que por occasião do passamento da rainha D. Estephania a definiu el-rei em carta escripta ao duque da Terceira.

20

O coração, emquanto pulsou, deu ás desgraças alheias todos os balsamos da piedade que possuia, mas o espirito, que era do céo, ao céo voou.

A doença opera ás vezes milagres. Por tanto tempo baloiça o corpo sobre o sepulchro, sem se saber o mais das vezes se o despenhará ou não, que o levantar do leito do soffrimento é quasi uma resurreição. Não raro desperta a convalescença novas idéas e novos sentimentos. Dir-se-ia que se renova a materia e o espirito. El-rei lembrou-se d'esse frequente phenomeno, e confiou d'elle o que a iniciativa da mais vigorosa vontade e as lagrimas de Clarinha não poderiam conseguir. Recolheu-se ao seu gabinete a rebuscar na dolorida imaginação o melhor meio de nortear para o coração de Clarinha as novas forças do renascimento d'Alvaro Vaz.

Ordenou, pois, que em torno do catre do convalescente fosse, no hospital de S. José, collocado um biombo, sob pretexto de que seria conveniente occultar-lhe o triste espectaculo da enfermaria.

Immediatamente se cumpriu a ordem d'elrei.

Davam nove horas da noite quando rodava a carrùagem real na rua do Arco da Graça. O senhor D. Pedro v era d'uma pontualidade verdadeiramente ingleza.

Sua magestade apeiava no atrio do hospital a

tempo que Clarinha, tremula de commoção, dizia ao tio:

— Ahi vem el-rei!

O monarcha ia só, como se por excesso de delicadeza quizesse recatar o mais possivel aquella scena intima e provavelmente angustiosa.

A dôr é uma religião e, para que não deixe de o ser, é preciso respeitar os mysterios do seu culto.

Clarinha tinha, como pela manhã, o seu véo preto; João Vaz, quando el-rei entrou, curvou-se na mesma attitude reverente.

Sua magestade acercou-se do silencioso grupo e disse-lhes:

— Vão ver o seu doente. Promettam-me, porém, que se hão de resignar a vel-o d'onde eu indicar.

Clarinha respondeu tentando beijar de novo a mão d'el-rei. João Vaz inclinou a cabeça com a adoração com que o faria n'um templo.

El-rei havia determinado que o não annunciassem.

Chegados á entrada da enfermaria, disse ao ouvido de Clarinha:

— Ha de vel-o pelo pequeno espaço que medeia entre a parede e o biombo. Eu vou visitar os meus doentes; não percam tempo de ver o seu.

Um empregado do hospital acompanhou a familia d'Alvaro Vaz. Tio e sobrinha atravessaram a

enfermaria, mal poisando os pés no chão, e horrorisados do lugubre aspecto da sala.

Assim como reboam em harpa, tangida violentamente, sons confusos, remurmuravam no coração de Clarinha sentimentos indefiniveis e indistinctos.

Na alma humana, como nas cordas d'um instrumento, tudo o que não é harmonia é tumulto. Combinae os sons e tereis musica; roçae a mão pelas cordas, e tirareis o surdo rumor d'uma concha. A felicidade é o *virtuose* que vibra hymnos melodiosos; a dôr é um rude serrano, que faz rugir nas cordas o trovão. Entre estes dois sentimentos não ha meio termo. A apathia, como a palavra o revela, é a negação do movimento vibratorio nos corações.

A alma de Clarinha era n'essa hora a harpa tangida rudemente pela commoção.

El-rei, occulto n'um angulo sombrio da sala, queria ver sem perturbar com a sua presença a escassa felicidade do tio e da sobrinha.

Clarinha, firmando o braço esquerdo na parede e segurando com a mão direita o coração, quedou-se a contemplar o primo, suspensa a respiração. João Vaz, alteiando-se um pouco, olhava para o catre por cima da cabeça immovel de Clarinha.

Alvaro Vaz, demudado o semblante, cravava os grandes olhos encovados nas ramagens do biombo atravessadas por o tenue raio de luz d'uma alam-

pada intencionalmente collocada perto. Estava pensando com a quietação de quem se habituou a uma attitude durante o curso de muitas horas. É este um facto muitas vezes observado em nós mesmos. Pela manhã, depois do longo repouso da noite, o espirito, tão descançado como o corpo, borboleteia serenamente quasi sem ferir-se nos espinhos dos mais tristes pensamentos. A convalescença é a manhã dos doentes.

Clarinha, receiosa de que o coração falasse por ella, cada vez o comprimia mais. Depois de dois annos d'ausencia, estava a dois passos de seu primo, e não podia falar-lhe! Era ver uma nesga do céo, que é muito grande, pela janella d'um carcere, que é muito pequeno.

Razão teve Thomaz Ribeiro quando disse: « Ha Tantalos d'amor. »

Que profunda differença entre o moço que partira d'Alcobaça e o doente d'aquella hora! Clarinha, que primeiro lera e logo decorara os versos d'Alvaro, prohibida de falar, como que machinalmente recitou para dentro de si mesma, o fecho da trova:

Mas se cair como a folha
Na onda do vento inquieta,
— Que o vento tudo desfolha,
Cedro, rosa e violeta —

Tal como a folha é guardada
Dentro d'um livro querido,
Guardae o coração ferido
Se o não quereis dar ao nada.

A *onda inquieta do vento* havia rolado a *folha* até á enfermaria; Clarinha estava alli para guardal-a, mas... era cedo ainda.

Guardae o coração ferido
Se o não quereis dar ao nada.

Como a ambição é egoista! Ferido estava o coração de Clarinha sem que o poeta, sabendo-o, o amparasse. E como o soffrimento é piedoso! Ella, que soffria, ia disputar ao nada o coração do poeta...

El-rei adivinhara tudo quanto se passara na alma de Clarinha, e sentira-se entrado de respeito por aquella desesperançada dedicação que fizera saír do ninho d'Alcobaça a pomba solitaria e o seu fiel guardador.

Como se resolveram ambos a ír a Lisboa? Foi presentimento ou aviso?

Um pouco d'uma e outra coisa. No amor não se prescinde das pequenas quantidades. Não sei quem disse que o amor é um estofo bordado pela imaginação. Será, mas bordado a missangas. Um grao

de esperança, outro de lealdade, outro de fé, outro de coragem, e ainda outro de soffrimento fazem o amor. Estas são as missangas indispensaveis; agora quantas não vae juntando o tempo?

O coração de Clarinha sentia esvoaçar dentro em si uns pensamentos tristes: eram as gaivotas precursoras de temporal.

Por essa occasião fôra alguem d'Alcobaça a Lisboa. Clarinha—ou antes, a amiga de Clarinha, tão ella, que escreviam ambas pela mesma mão—aproveitara o offerecimento do obsequioso portador: escrevera. O mensageiro, chegado a Lisboa, escreveu a participar para Alcobaça que Alvaro Vaz havia adoecido. Não dizia de quê, nem onde estava, para não vibrar tão fundo golpe ao coração da sobrinha e do tio.

Lida a triste nova, logo Clarinha entrou a dizer que deviam ir a Lisboa, porque o primo tinha sido atacado pela febre amarella, e João Vaz a aconselhal-a a que tratassem de saber pormenores pelo mesmo informador. Receiava elle levar a sobrinha ao foco da epidemia.

Mas emquanto ia a carta, e vinha a resposta, consumia-se tempo que se podia aproveitar na jornada.

Esta era a opinião de Clarinha.

—Ó filha, objectava João Vaz, mas se teu primo está realmente com a febre amarella, o que eu

não creio, nada lhe faremos nós, só Deus lhe poderá valer. E ahi vaes tu metter-te no perigo, e hei de ser eu o teu algoz, que te leve a Lisboa quando todos de lá vem fugidos!

Clarinha replicava:

—Morre-se onde se tem de morrer. Quer seja febre amarella ou não, sempre o primo está doente, e sempre precisa de nós.

—Sim... lá isso...

—Olhe o tio como o senhor D. Pedro v, segundo dizem, vae aos hospitaes, e como Deus o tem protegido. Deus nos protegerá tambem.

—Lá isso...

—Então vamos quanto antes, meu tio...

—Se não tens medo, quando quizeres.

—Ámanhã pela manhã.

—Se não tens medo...

Medo, não tinha Clarinha. Foram. O mais já sabemos. Não tinha medo da epidemia, é certo, mas teve horror do hospital. Ao saír da enfermaria, disse, aproximando-se do tio:

—Que triste sorte a do primo! Ficar aqui entre estas camas e estes doentes, a ouvir gemer uns e a ver morrer outros! Agora é que eu vejo bem como isto é feio! Quem me dera podel-o tirar d'aqui para fóra!

—Subitamente, lembrando-se do rei—e desculpa-se-lhe que primeiro, e sempre, se lembrasse do

primo,—perguntou ao empregado que os acompanhava:

—Sua magestade?

O empregado respondeu:

—Sua magestade já saíu, e ordenou-me dissesse a este senhor, que fosse ámanhã, pelas onze horas, ao paço das Necessidades.

—Ao paço! Eu?! observou incredulo João Vaz.

—Sim, senhor, ao paço das Necessidades, repetiu o empregado.

—Eu sei lá falar com el-rei!

—El-rei é o mesmo para toda a gente. Póde ir sem receio, acrescentou ainda o empregado.

—Pois então, meu tio! exclamou Clarinha, que ficara um pouco abstracta a pensar qual seria o fim d'aquella ordem de el-rei.

Pensou,—e não pôde explicar-se o enygma. Verdade é que tambem o seu pensamento não estava muito livre: o primo bastava para occupar-lh'o.

Já desciam as escadas, e ainda João Vaz monologava:

—Ao paço! Eu?!

XII

JOÃO VAZ NO SINAI

João Vaz não podera adormecer em toda a noite. Ora tinha extasis de felicidade, ao lembrar-se de que no outro dia se lhe iam abrir as salas do paço, ora succumbia desalentado reconhecendo-se indigno da honra que o esperava e impotente para tirar-se dos embaraços da audiencia com o monarcha. Monologou, remexeu-se, agitou-se até que viu entreluzir a manhã pela janella da hospedaria. Saltou do leito como mordido de vibora, lavou-se, penteou-se, aceiou-se cuidadosamente, se bem que vacillante ainda na tenção d'ir ao paço. D'ahi a pouco sentiu rumor no quarto immediato, de que apenas estava separado por uma porta: era o de Clarinha.

A irresolução leva sempre, ainda aos mais orgulhosos, a pedir auxilio e conselho. João Vaz, sentindo andar cautelosamente a sobrinha, bateu de leve na porta.

— Ó tio! respondeu a menina abrindo-a.

— Ó Clarinha! exclamou simultaneamente o camponez.

— O tio madrugou!

— E tu tambem!

— Eu não dormi...

— E eu não preguei olho... Sabes que mais? — Não nasci para estas coisas tão altas. A mim quem me tira dos campos, e de ao pé de ti, dá commigo doido! Eu que hei de fazer, que hei de dizer no paço?...

— O tio responde ao que el-rei perguntar... Não tem mais nada que fazer. Não vê que el-rei é tão bondoso! Vá sem receio, tio, que el-rei de certo lhe quer falar para nosso bem...

— Achas que será?... Eu não posso atinar com o que el-rei me quer...

— Nem eu...

— Não pensaste no que seria?

— Eu pensei, tio, pensei toda a noite, ora no primo, coitado! ora no rei. Mas tanto pensei e tornei a pensar, e tão fraca tinha a cabeça, que nem sei dizer tudo o que me lembrou...

— Pois o mesmo me aconteceu a mim. Fiz de moinho de vento: toda a noite trabalhei! Que elle, a dizer a verdade, Clarinha, é uma honra ir um homem rustico como eu sou ao paço do rei! O pateta do João do Couto nem por sonhos lhe passa pela cabeça! E verás que não acredita quando lh'o dissermos em Alcobaça...

— Não acredita, não!

— Pois deve acreditar, que nós não somos pes-

soas d'armar mentiras... Ó Clarinha, elle não ha rei como este! Tu viste-o bem?

—Eu vi, sim senhor.

—Digo-te mais, Clarinha, eu dava a vida por aquelle principe! Que maneiras e que delicadeza! Olha que o Alvaro tem razão em querer estar ao pé do rei! Eu, se podesse, não me tirava da beira d'elle... Mas em que estás tu pensando, minha arveloa estremunhada! Senti passos no quarto como se andasse lá um passarinho a saltar d'um lado para outro. Logo disse com os meus botões: é a arveloa da Clarinha! E eras! Coitadinha! que não dormiste nada... Mas em que pensas, em que pensas tu?...

—Estou a lembrar-me se o primo passaria bem a noite...

—Havia de passar. Então não disseram que estava livre de perigo? Mas olha que eu, apezar cá dos meus sobresaltos, não me esqueci do rapaz... Elle tem bom coração... aquella cabeça! Lá o gostar do rei não é crime... não te amar a ti é que é, e muito grande! Eu vou saber como elle passou a noite... Isto por ora ainda é muito cedo, mas no hospital já ha de estar alguem a pé...

—E eu... tambem vou, meu tio.

—Pois anda, anda, minha arveloa, e mais vaes vendo por ahi fóra essa Lisboa que tanto namora teu primo.

— Eu francamente, tio, não gosto. Bem vejo que é muito bonita... mas Alcobaça...

— Alcobaça é o ninho, filha, e a gente é como os passaros. Ora vamos lá, e depois viremos almoçar. Que eu digo-te a verdade... estou com vergonha d'ir ao paço.

— O que o tio quizer! respondeu Clarinha descendo o seu véo preto.

Sairam. A cidade dormia ainda. Estavam fechadas as portas dos predios, posto já estivessem abertas as dos cemiterios. Encontraram no caminho alguns feretros, que, para poupar um doloroso espectaculo á capital, eram conduzidos á sepultura nas primeiras horas do dia. O coração de Clarinha maguou-se profundamente ao encontrar-se com os cadaveres das victimas da epidemia. Entristeceu-se duplamente: porque era piedosa, e porque estava namorada. Chorava por ventura os que morreram amando, e chorava o primo, cuja vida estivera suspensa por um fio sobre os abysmos insondaveis da eternidade.

Acharam abertas as portas do hospital. Os hospitaes eram, n'essa calamitosa epoca, catadupas que jorravam torrentes de vidas sobre as vallas dos cemiterios. Por isso uns e outros estavam já abertos áquella hora.

O empregado, que por ordem d'el-rei os havia recebido na vespera, disse-lhes que Alvaro Vaz ha-

via passado serenamente a noite, e que a demora no hospital seria breve.

Clarinha, olvidando subitamente os tristes pensamentos com que entrara, cuidou endoidecer d'alegria. Na cara de João Vaz, esquecido por instantes de que tinha d'ir ao paço, irradiou o sol da felicidade. A sua felicidade era a da sobrinha.

Andaram algum tempo namorando de fóra o hospital.

— Parece-me que é acolá n'aquella janella que está o primo!

— Nós subimos para aquelle lado.

— Que pena estar a janella tão alta!

— Querias ver para dentro?

— Queria mas não póde ser! disse com resignada tristeza Clarinha.

Afastaram-se vagarosamente examinando, emquanto lhes foi possivel, o edificio do hospital, principalmente Clarinha. Ficava-lhe o coração dentro d'aquellas paredes. Entretiveram-se vendo o seu pouco de Lisboa; o seu pouco, dizemos, porque o que Clarinha viu melhor foi o hospital. Caminho da hospedaria, ouviram exclamar de repente:

— Ahi vem o rei!

— O rei! repetiu João Vaz voltando-se immediatamente na direcção indicada.

— Vae aos hospitaes! disse um homem do povo

que, havendo-se descoberto, expunha aos raios do sol da manhã a sua bella cabeça coroada de cans.

— Este rei não tem descanço! continuou em voz alta o popular. Deus, que costuma chamar os bons, lhe prolongue a vida.

A carroagem rodou a distancia.

Clarinha e João Vaz ficaram admirados. Não eram ainda oito horas da manhã, e já o rei principiava a sua incansavel peregrinação aos hospitaes. João Vaz, pelo que sempre tinha ouvido dizer da vida da côrte, imaginava que a essa hora era noite velha no paço. Enganava-se. Certo era que el-rei fazia maiores madrugadas quando, como então, tristes cuidados o espertavam. Todavia a sua hora habitual de levantar-se era ás oito. Lia, estudava, escrevia, annotava no quieto silencio do gabinete. Depois ou conversava os seus intimos ou passava a ler os jornaes politicos e litterarios, que de toda a parte recebia e que, na qualidade d'assignante, pagava.

Pouquissimo tempo gastava el-rei á mesa do almoço. Levantava-se para dar audiencia e curar dos negocios publicos, e, como fosse preciso alternar tamanhas e tão variadas canceiras com algumas horas de são recreio, saía a passeiar a cavallo até jantar. As noites, madrugada a dentro, conversava-as el-rei com os seus mais queridos familiares nos aposentos privados.

João Vaz, melhor informado, não teria de que admirar-se.

Almoçaram tio e sobrinha. Ella jubilosa da convalescença do primo. Elle cada vez mais desorientado, á medida que se aproximava a hora d'ir ao paço. Antes de saír, foi ao seu quarto e persignou-se. Encommendou-se ao anjo da guarda e, ao despedir-se da sobrinha, disse ainda.

— Ora Deus vá commigo!

El-rei já o esperava. Dir-se-ia que, comprehendendo a perplexidade do camponez, porque el-rei procurava sempre nivelar-se com os seus interlocutores, havia estudado previamente a maneira de recebel-o sem perturbal-o.

João Vaz, como seu sobrinho, estivera a principio aturdido, mas pouco a pouco se foi aquietando e respondendo com pausado acerto ás interrogações do soberano.

Versou a conversação sobre Alvaro.

El-rei attentamente ouviu a biographia do moço contada em phrase rude pelo camponez, que de palavra a palavra encarecia as virtudes da sobrinha.

— É uma pomba! dizia João Vaz. Pena tenho eu de que o rapaz estime mais os livros do que a prima! Acredite vossa magestade que me bacoreja o coração que ainda quem viver o ha de ver mudado. Eu não sei se Deus m'o consentirá, e pena

tenho se o não vir com estes olhos, que a terra ha de comer, porque então era certo ver a felicidade de Clarinha!

— Não basta a felicidade para ser feliz, observou el-rei. Para verdadeiramente o ser, é preciso comprehendel-a. Demos tempo ao tempo. Seu sobrinho, sr. João Vaz, é um nobre coração...

O camponez meneou affirmativamente a cabeça.

—E o coração, proseguiu o rei, como verdadeira machina que é, algumas vezes se desconcerta. Quando porém a virtude o encaminha, não ha que receiar. A mocidade, que uza ser febre, tem da febre a duração. Dissipadas as chimeras, fica o coração restituido ao que é: á virtude, se tem vivido puro; ao vicio, se se perverteu. Deixemos caír, folha a folha, as flôres da illusão. Nós somos como as arvores, sr. João Vaz — as suas conhecidas e amigas arvores — cae a flôr e vem o fructo.

João Vaz, que perfeitamente comprehendeu a comparação d'el-rei, intencionalmente procurada, tornara a menear affirmativamente a cabeça.

— É o sr. João Vaz entendido em assumptos do campo, e sabe quanta paciencia e trabalho são precisos para cuidar das arvores que hão de fructificar. Seja pois mais uma vez camponez, e mais uma vez se honre de o ter sido e de o ser. Vá preparando o outomno de seu sobrinho. Leve-o

agora — e eu logo o aconselharei a obedecer-lhe, — para o seu lar d'Alcobaça. A visinhança da morte deve ter deixado vestigios na alma de seu sobrinho. Depois da solidão do hospital achará mais doce — e oh! que em verdade o é! — a vida da familia. Se elle quizer voltar a Lisboa, deixe-o vir. Virá procurar mais uma desillusão, e será mais um passo dado para a felicidade. Eu procurarei lisonjear-lhe os instinctos para desvial-o dos perigos. Os livros têem sobre os vicios a vantagem de embriagar a alma sem desgastal-a. De mais a mais perdem o encanto depois de lidos; decorados, aborrecem. Os vicios, quanto mais conhecidos, mais prendem. Seu sobrinho cançar-se-ha de ler, e voltará puro a Alcobaça, e melhor conhecerá a felicidade do lar, livro onde cada dia apparece uma idéa nova, ao contrario de todos os livros, que são hoje o que foram hontem.

João Vaz escutava suspenso as palavras do rei. Tinha nos labios o rir extatico de quando a admiração se confunde com a adoração. Não era, a seus olhos, um homem, um principe, que estava falando; era a voz de Deus que murmurava alli. As palavras, que lhe entravam á alma, eram claras como as que aos homeus é dado exprimir. A inspiração affigurava-se a João Vaz divina. Escutava como se estivesse ouvindo uma prophecia. Era como se, novo Moysés, escutasse a voz mysteriosa

da sarça ardente no Sinai da realeza. Acreditava o verbo do mysterio e não o conhecia.

O rei começava a ser para elle uma religião.

— Saiam de Lisboa quanto antes, continuara o principe, e levem comsigo o convalescente, que melhor respirará pelo caminho do que no hospital. Fujam á epidemia para não augmentarem o numero das desgraças. Seu sobrinho foi viajar. Reputou-se feliz emquanto demorou no estrangeiro. Veio, approximou-se de mim, e contagiou-se da minha desventura. Caíu enfermo. Agora, que Deus permittiu restituil-o á vida, porque as orações de sua sobrinha, sr. João Vaz, foram ouvidas no céo, não se demorem em Lisboa. Oxalá que a doença o haja desilludido o bastante para não ter de se approximar de mim outra vez. Quanto feliz seria elle, se quizesse ficar para sempre em Alcobaça, longe do mundo, no segredo da sua felicidade, entre sua prima e seu tio!

N'estas palavras d'el-rei claramente se entrevê o constante receio da sua estrella funesta. Hoje, sellada a historia do mallogrado principe, confirmam dolorosamente os factos os presentimentos que a toda a hora o assaltavam. Uma idéa fixa vae avultando no espirito até que chega a dominal-o inteiramente. Tudo queremos explicar por ella. A el-rei acontecia exactamente o mesmo. Morreu repentinamente o seu ajudante de campo, José

Jorge Loureiro. Suppoz o principe que matara o brioso marechal de campo o haver-se mostrado resentido em conversação que ambos tiveram. A morte de D. Carlos de Mascarenhas, tambem seu ajudante de campo, e irmão do marquez de Fronteira, attribuiu a el-rei a haverem-se-lhe aggravado padecimentos, que tinha, n'um passeio a cavallo, que, por seu desejo, alongaram. O unico egoismo da infelicidade é reputar-se causa de todas as desgraças que succedem em torno de si. Não tem outro. Sabe que é sombria, porque nunca se doirou d'um raio do sol, e julga-se perigosa como a mancenilheira. A minha sombra dá morte, pensa ella. Isto pensava o rei; isto pensam todos os infelizes.

— Sr. João Vaz, dissera sua magestade após breve silencio, faça o que lhe peço — fuja da capital. Lembre-se de que é o unico esteio de sua sobrinha. Se lhe faltasse, quem haveria de amparal-a na solidão do seu lar? Alvaro não quereria ir lá desfolhar as flôres da sua phantasia. Desbotadas que sejam, então sim, e só então dará elle descanço aos seus cabellos brancos, meu caro sr. João Vaz, aos cabellos brancos que são os gelos da montanha dos annos. Quando a montanha da velhice peza sobre o peito, todo o auxilio deve de ser preciso. Confie em Deus que lh'o concederá, mas emquanto o não tem, não se venha entregar ao abys-

mo da morte com tão arrojada coragem, que se poderia chamar loucura.

— E vossa magestade, affoutou-se a dizer João Vaz, que vae todos os dias aos hospitaes!

— É o meu dever. Se eu desanimasse, quem havia de estimular os fracos? A minha sorte é a do povo. Onde elle estiver, devo estar eu. Está no hospital, cumpre-me abeirar-me d'elle para que justamente me não accuse de só o conhecer em dias de festa. O officio de reinar abrange todos os officios: o de enfermeiro tambem. Não ha classe da sociedade que não tenha sido victimada, e é preciso que os pobres conheçam siquer ao morrer que são tão portuguezes como os grandes. Uns e outros têm morrido, sr. João Vaz, e sabe Deus os que ainda morrerão...

Estas ultimas palavras saíram da bocca d'el-rei repassadas de profunda melancholia.

Seria tambem presentimento?

As classes inferiores continuaram a ser flagelladas até ao fim do anno; das superiores alguns illustres representantes succumbiram á epidemia, entre elles, a 15 de novembro, o cardeal patriarcha D. Guilherme.

Pactuado definitivamente que se retirassem a Alcobaça, logo que o clinico da enfermaria permittisse que os acompanhasse o doente, despediu-se João Vaz d'el-rei, rindo e chorando de commoção,

ajoelhando como em adoração, que não deseja interromper-se, quanto mais o principe forcejava por levantal-o.

Não foi sem vivas e pungentes saudades que o honrado camponez retirou do novo Sinai, onde cuidara ouvir falar a voz de Deus nos labios do rei. E, como Moysés, descendo da sagrada montanha, foi encontrar Clarinha absorta na sua amorosa idolatria: a pensar no primo.

Havia principiado uma carta para mandar ao doente logo que se ageitasse ensejo. Contava-lhe que o tinha visto, que havia falado com el-rei, que o estava esperando para regressarem todos a Alcobaça. Na carta dizia tudo, o sempre incompleto *tudo* dos que amam.

De repente lembrara-se de que a letra da carta a iria trair. Era preciso suppôr que a sua mysteriosa amiga d'Alcobaça a tivesse acompanhado a Lisboa. Resignou-se a rasgar o papel. Reflectindo, estimou até. A carta não dizia *tudo;* já ia longa e ainda faltava *muito* para dizer.

Ficou pensando no que tinha para contar, como sempre acontece quando estamos separados das pessoas que estimamos. Coordenamos todos os acontecimentos, fixamos os pormenores, marcamos as horas e, chegado o momento de sermos expansivos, a felicidade estrangula-nos a voz, e perturba-nos a memoria. É que a felicidade é como a embriaguez: estontêa.

João Vaz, que chegava sobremodo commovido, estranhou que a sobrinha estivesse pensando no primo em vez de pensar no rei.

Moysés tambem estranhou que o povo hebreu, em vez de se voltar para o topo do Sinai, estivesse adorando o idolo d'ouro.

Idolatria por idolatria.

João Vaz entrou exclamando:

— Clarinha, o rei é um anjo! Hoje é o dia mais feliz de toda a minha vida! Se o pateta do João do Couto não acreditar que o senhor D. Pedro V me tratou como a amigo, tenho alma de lhe quebrar uma cadeira nas costas!

XIII

FESTA E LUTO

Saíu de Lisboa, em demanda do seu lar, toda a familia d'Alcobaça. Clarinha tinha nos olhos o que se lhe passava no coração: uma aurora. João Vaz tinha no coração o que se lhe lia nos olhos: outra aurora. Alvaro Vaz, ainda convalescente, sentia-se consolado no meio d'essas duas alvoradas de felicidade, que lhe desenregelavam a alma arrefe-

cida pela visinhança da morte na solidão do hospital.

É doce, depois do deserto, encontrar o oasis; depois de vastas plagas esbrazeadas pelo sol, descançar á beira da fonte, que ao mesmo tempo se volve sombra e frescura.

A familia, para o que sae do hospital e de novo entra á vida, é em verdade um oasis. Não podia deixar de o ser para Alvaro Vaz. Mas o caminheiro do deserto descança apenas sob a arvore sombria o tempo preciso para desfadigar-se.

Acontecerá o mesmo aos peregrinos da esperança?

Vel-o-hemos pelo decurso da narrativa.

Alvaro Vaz commoveu-se com a dedicação de Clarinha e seu tio. Mal que saíu do catre, caíu nos braços d'ambos. Foi-lhe suavissima a surpreza. Por momentos sentira remorsos de os haver esquecido. É que a fidelidade submissa castiga mais do que o despeito implacavel. Não seria preciso que el-rei lhe aconselhasse, para restabelecer-se, os ares d'Alcobaça. Alvaro Vaz espontaneamente haveria acompanhado Clarinha e seu tio. Pensava unicamente em seguil-os. As suas ambições pareciam adormecidas no peito. O doente, que volta á vida, tanto se aproximou da morte, que desperta somnolento. Só o tempo lhe aclara as idéas; solda de novo os élos que prendem ao mundo; revigora as flôres da

phantasia crestadas pela febre. Clarinha, que só o via interessado em chegar a Alcobaça, soppunha possuil-o inteiramente. Por isso lhe chilriavam no coração, como bando d'aves, as alegrias. Jámais houve aurora tão gorgeiada e festiva! João Vaz completava o jubiloso orgulho de haver sido recebido no paço com o reflexo que doirava os olhos de Clarinha e com a musica que lhe tornava hymnos as palavras.

— Se aquelle João do Couto, dizia o camponez aos sobrinhos, não acredita que el-rei me chamou ao paço para me dizer que o melhor era vires tu convalescer a Alcobaça, eu tenho alma de o pôr sobre umas grelhas como fizeram os judeus a S. Lourenço! D'isto ou de muito mais!

Riam Clarinha e Alvaro Vaz dos falsos impetos de colera, que traduziam o enthusiasmo do tio pelo rei. Tantas vezes porém se mostrara João Vaz receioso de que o professor d'Alcobaça não acreditasse a sua felicidade, por extraordinaria, que lhe observou Clarinha:

— Tambem o tio duvidou de que o primo tivesse sido recebido por el-rei!

— É verdade! considerou o camponez. Pois se o caso é de costa-arriba! Superior ao rei não ha ninguem!

Não falara Clarinha porque fosse enfadada d'ouvir o tio, mas só porque lhe pezasse não se repetir

tambem, a todo o instante, que o primo havia recebido a mesma honra.

Eil-os outra vez em Alcobaça.

Alvaro Vaz, alquebrado de corpo e animo, compartilhava as alegrias do lar e assistia, de sorriso nos labios, — o timido sorriso dos que convalescem — ás intimas peripecias que se desenrolavam de portas a dentro. Quando, porém, o tio falava do rei, o convalescente deixava de sorrir. Illuminavam-se-lhe subitamente os olhos e ficavam entreabertos os labios. De longe a longe uma affirmativa interrompia o extasis. Dir-se-ia que a commoção lhe comprimia o peito e lhe embargava a voz.

— Que rei aquelle! exclamava o camponez. Não se desprezar de falar commigo! E como me tratava e me chamava pelo nome! Tão bom é elle, que, ao contrario do que eu esperava, ninguem duvidou que me tivesse recebido. O João do Couto, de quem eu receiava, por me dizer uma vez que sabia a vida dos reis portuguezes, e que os conhecia muito melhor do que eu, pediu-me logo para o levar ao paço quando voltasse a Lisboa. Quer pedir a el-rei que lhe dê collocação em alguma escóla mais rendosa.

Alvaro escutava attentamente, sem poder falar, porque sobrepujava as suas poucas forças o tropel das recordações que o nome do senhor D. Pedro V

gratamente lhe despertava no coração reconhecido.

— E nem consentiu que eu lhe beijasse a mão! ciciou Clarinha. E quando lhe pedi para ver o primo...

Como que arrependida de haver soltado a phrase, calou-se de subito. João Vaz, sem perceber a intenção da sobrinha, concluiu:

— Disse logo que sim.

Alvaro Vaz, que alternava olhares curiosos entre a prima e o tio, perguntou:

— Mas quando me viram? Pediram licença para me esperar á porta, quando saí do hospital?

— Vimos-te quando estavas doente, respondeu João Vaz ainda despercebido da indiscrição.

— No hospital? tornou a perguntar Alvaro surprehendido.

— No hospital, por traz de...

Clarinha, que estava costurando, havia rolado pela meza adiante as thezoiras. O primo, cada vez mais alheiado, não fez reparo. João Vaz involuntariamente olhou, e foi então que, por um subtil gesto da sobrinha, caiu em si, e se calou. Alvaro continuou a interrogar:

— Por traz de quê?...

— Não foi nada... emendou o camponez olhando expressiva e jovialmente para Clarinha. Por traz de coisa nenhuma.

E ria com a velhacaria dos bons, que é sempre um disfarce transparente como a alma d'elles.

Alvaro percebeu que Clarinha havia pedido silencio, e atalhou:

— Vamos, prima, não faça com que me occultem o que se passou no mundo emquanto estive á porta da eternidade.

— Eu! exclamou ella com mal fingida surpreza.

— O rapaz é fino! riu João Vaz esfregando as mãos de contente.

— Então, meu tio, conte lá...

— Aqui ando eu da casa de Herodes para a de Pilatos! Conte! não conte! Eh! eh!

— Pois eu serei o Pilatos ou o Herodes, respondeu Alvaro Vaz. Nenhum d'elles era bom, e portanto não queiram que os persiga a minha curiosidade como qualquer dos dois perseguiu Jesus, menino ou homem...

— Léria tens tu! Eh! eh! Conto, Clarinha?

Ella gostara tanto da maneira porque o primo falara de Christo, tão ao justo achara caber o epitheto de doce a Jesus, que reverenciava na imagem de marfim que tinha allumiada em acção de graças pelo restabelecimento d'Alvaro, que respondeu:

— Pois se o tio quer... póde contar.

— Ora ainda bem que já posso falar! Quando te vimos por traz do biombo, no hospital, eu e tua prima, e te não falamos, porque el-rei só nos dera licença de te ver...

— E viram? perguntou cada vez mais admirado Alvaro Vaz.

— Se te vimos! Ó rapaz, então nós somos porventura cegos! Tua prima não havia forças que a tirassem d'alli! Estavas tu, por signal, a olhar para as ramalhoças do biombo...

— E entrarem ao hospital, quando toda a gente tem saido de Lisboa, menos o rei! Que imprudencia, santo Deus!

Clarinha tinha nas faces o colorido da romã. Estavam-lhe penetrando a sua alma mais do que desejava.

O primo olhou-a com terno e mavioso olhar. O tio, que lhe acompanhou o movimento dos olhos, apostrophou:

— Ora isto ainda não é nada! Muito mais te occultamos nós! Se tu soubesses que tua prima, como se estivesse em perigo de vida como tu...

Clarinha cravou no camponez os seus vivos olhos docemente supplicantes.

— Está bem, prima, está bem. Não se moleste. Eu respeito o seu segredo. Basta-me saber que é mais uma prova de dedicação...

Foi decorrendo o tempo.

Alvaro Vaz, que dia a dia renascia em si mesmo, ganhava em lucidez d'espirito o que rehavia em forças physicas. Então, reatando os pensamentos interrompidos durante a enfermidade, lembrou-

se um dia da surpreza que lhe causara a letra desconhecida das cartas que sua prima lhe enviava para o estrangeiro.

— Ó prima, perguntou de golpe, quem é a menina sua amiga que me escrevia d'aqui?

Clarinha córou; o tio riu.

— É segredo, primo. Prometti não dizer nada...

— Mais outro mysterio! exclamara com magua, mas sem enfado, Alvaro Vaz.

O camponez tão opprimida viu a sobrinha pelo receio de ser denunciada, que não ouzou rir mais.

— Eu tratarei de saber, prima. Alcobaça não tem tantas meninas letradas que seja difficil averiguar o mysterio.

— Ora o primo não faz isso!

— Pois a prima quer vendar-me os olhos a ponto de me tornar completamente cego! Que dedicada e ao mesmo passo que impiedosa que é! perorou sorrindo.

— Ora o rapaz tem razão! aventou João Vaz, que vira tornar-se menos grave a conversação, e que estava ancioso de revelar mais uma prova da dedicação de Clarinha. Então não ha de saber quem lhe escreve!...

— O tio bem sabe que é segredo...

— D'estado! gracejou o camponez.

— Diga lá, meu tio. Quem era a menina que

me escrevia? Bem sabe que eu não sou capaz de trahir o segredo...

— Sim... eu não vejo que...

— Não diga, tio, não diga. Pois eu peço a uma menina que me escreva, ella accede de boa mente ao meu pedido, com a condição de se lhe occultar o nome, e nós, tio, havemos de ser tão ingratos, que vamos dizer como se chama?!

— Sim... lá isso...

— Tem razão, prima. Não insistirei. É mais um enygma. Paciencia! O que vale é que não ha esphynge que me devore... Sempre lhe quero dizer todavia, prima, que as primeiras cartas da sua mysteriosa amiga me fizeram scismar algumas horas...

— Porquê? perguntou Clarinha com vivacidade.

— Porque vi n'ellas a formosa singeleza das cabanas da serra, que se fazem com dois ramos entrelaçados, e que não obstante preenchem o seu fim...

— Ah!

— A arte, que é a harmonia, e revela um esforço da intelligencia, não está realmente representada n'essas construcções rusticas, que as cartas me fizeram lembrar, mas o que é certo é que na graciosa simplicidade sobrepujam os mais dispendiosos edificios.

— Pois que esperava o primo d'uma menina d'Alcobaça?

— Que tu conheces muito...

João Vaz, que não tinha segredos para ninguem, esqueceu-se de que devia guardar esse, porque assim o exigia a vontade da sobrinha. Portanto emendou:

— Ahi ia eu a ver se te confundia mais, e a dizer que a conhecias muito bem!...

— Não falemos mais n'isso, supplicou a menina. O primo ha de fazer-me um favor...

— A prima manda...

— Não torna a perguntar-me nada a este respeito?

— Não torno, fique certa.

— Nem pergunta a ninguem quem é que escrevia por mim!

— A ninguem, juro.

— Muito obrigada, primo.

A curiosidade d'Alvaro Vaz morreu com o juramento que fizera. O que é certo é que não suspeitou do córar de Clarinha nem do rir do tio. Como poderia lembrar-se de que sua prima havia aprendido a escrever, ella, que elle sabia ignorante do que fossem letras?

João do Couto poderia involuntariamente desvelar o segredo se não estivesse apalavrado d'ante-mão.

Jurara tambem; estava seguro.

João Vaz, de novo instado, prometteu não dizer a

verdade a ninguem, ainda que fosse interrogado por uma peça d'artilheria.

Inteiramente revigorado Alvaro Vaz, entrou de colligir as notas que em Lisboa principiara a ordenar. Havia começado o anno de 1858.

— Mau! mau! dissera o tio de si para comsigo.

Clarinha entristeceu-se. Julgava esquecidos os livros, e enganou-se.

Era que Clarinha sabia pouco do coração humano.

Os peregrinos da esperança são como os caminheiros do deserto. Param a repousar n'um oazis e, repousados, viandam em procura do horizonte que demandam.

Esta é a resposta a dar á pergunta formulada no começo d'este capitulo.

João Vaz não teve mão em si que lhe não perguntasse um dia:

— Ó Alvaro, para que precisas tu de andar afreimado com os livros?

— Tenho uma divida em aberto para com el-rei. Sinto-me forte, e diz-me a consciencia que já posso pagar. Trabalho para isso.

— Sim... Mas não te dês tanto aos livros, que nos esqueças a nós...

— Não posso esquecel-os, meu tio. O meu coração não é ingrato.

— Não é, não.

— Muitas vezes, quando alta noite estou escrevendo, paro a lembrar-me do que por mim fizeram.

— Pois anda lá, e não nos esqueças, a tua prima principalmente.

— Não esqueço a nenhum.

A doença, a provação de muitos dias d'incerteza entre a morte e a vida, havia feito muito, mas não conseguira tudo. As ambições iam accordando no peito do scismador. Todavia, entre as aureas visões da phantasia, apparecia a imagem de Clarinha, o coração dedicado. Não tomava o fundo do quadro, como devera ser. Estava apenas contornada.

Quereria o destino que viesse a accentuar-se e a colorir-se um dia?

Sabel-o-hemos.

Concluido o relatorio, que Alvaro Vaz devia apresentar a el-rei, disse em Alcobaça, meiado abril, que no fim do mez iria entregal-o pessoalmente e agradecer a sua magestade a cariciosa protecção que lhe dispensara durante a epidemia.

Esta noticia soou como tempestade na alma de tio e sobrinha.

Clarinha sentiu lagrimas nos olhos; a João Vaz nevara-se-lhe o coração.

A esse tempo era notorio que el-rei ia desposar por procuração, em Berlim, a princesa D. Estepha-

nia de Hohenzollern, o anjo da caridade de Dusseldorf, a fada do castello de Sigmaringen.

Lembrou-se Alvaro Vaz, quando os jornaes denunciaram a escolha d'el-rei, da allusão que fizera ás estremadas virtudes da princesa, ao contar do incendio occorrido em Dusseldorf ao tempo da sua viagem no estrangeiro.

Mais se lhe accendera no peito o religioso enthusiasmo com que idolatrava o monarcha. Não fôra o senhor D. Pedro v escolher consorte que deslumbrasse Portugal com a fama de suas riquezas. Reinava pela virtude; não carecia de reinar pelo fausto. A sua alma primeiro ouvia a voz mysteriosa, que nos impelle para a harmonia resultante do concerto dos corações que se adivinham, do que as calculadas conveniencias das allianças puramente politicas, aconselhadas pelos estadistas e pelos aulicos. O enfermeiro dos pobres, o fundador das escolas, o sonhador da felicidade do seu povo, procurava a mão que dava a esmola, os labios que tinham consolações, o coração que era cofre de balsamos e thesouro d'infelizes.

Alvaro Vaz queria antecipar quanto possivel a hora de entregar o seu relatorio para ajoelhar, mais reverentemente que nunca, diante do principe que chamava a Portugal o anjo que a Alemanha inteira adorava.

E como a Alemanha o adorava!

Pouco depois narravam os jornaes portuguezes a grandeza dos festejos com que em Dusseldorf fôra recebida a princesa, quando recolheu de Berlim, onde se celebraram os reaes desposorios, por procuração, a 29 d'abril, na egreja de S. Hedwiges. Jámais nupcias de principes foram sobredoiradas por tamanho regosijo popular. Foi esse um adeus ao mesmo passo enthusiastico e doloroso com que os habitantes de Dusseldorf se despediam da princesa que sempre lhes sorrira em dias de provação. E não só a saudade pungia o coração do povo, senão que dos principes em cujas côrtes a rainha de Portugal tinha altar e culto. Grande era a magua da separação entre a familia real da Prussia. As princesas das côrtes de Dresda e Carlsruhe não quizeram deixar partir a rainha noiva sem a terem por hospeda alguns dias.

Caminho de Portugal, festejaram-n'a as côrtes de Bruxellas e Londres com extremado affecto.

Adivinhava o coração do povo e dos principes! A princesa partia para não voltar. A aurora que vinha trazer a Portugal, havia d'apagar-se no silencio do tumulo!

As estrellas cadentes deixam no céo um rasto luminoso e subito desapparecem. A que do céo de Dusseldorf correra para os jardins do occidente, deixara vivissimo traço no céo da Europa, mas, como todas as estrellas cadentes, desfizera-se n'uma

lagrima de luz quando mais porfiavam em seguil-a os olhos que lhe invejavam o esplendor.

João Vaz, dias antes de partir o sobrinho, chamou-o á puridade e disse-lhe com os olhos marejados de lagrimas:

— Alvaro, deixa-me repetir-te que te não esqueças de nós. Lembra-te que o dia da tua chegada a esta casa foi um dia de festa, e que o da tua partida será um dia de luto. Agora ouve-me com attenção. Tua prima encarregou-me de te dizer que tens em Lisboa, em casa do meu correspondente, ordem franca para receberes as quantias de que precisares. Lembra-te de que ella fica a chorar por ti, e não lhe recuses o que te offerece.

— Não recuso, meu tio. Chame Clarinha, que lhe vou agradecer.

Chamada a menina, pediu desculpa de não sair do seu quarto por incommodada.

— Olha, Alvaro, — disse o camponez com voz tremula — tua prima é delicada como uma rosa, e não tem animo de apparecer-te. Deixa-a lá com as suas lagrimas.

Dias volvidos, saía d'Alcobaça Alvaro Vaz com o proposito de entregar o seu relatorio a el-rei, de reiterar agradecimentos pelas mercês recebidas, e de felicitar o principe pela escolha que fizera de consorte.

— Ficas para as festas do casamento? perguntou-lhe o tio.

— Eu desejava ver outra vez a rainha, que vi em Dusseldorf quando princesa, respondeu Alvaro. Não conto porém demorar-me. Cá me ficam os meus livros. Virei lel-os na quietação do lar.

Já fóra da porta, ouviu dizer com a precipitação de quem receia não chegar a tempo:

— Adeus, primo!

Alvaro Vaz ergueu os olhos para a janella e respondeu:

— Adeus, Clarinha.

Ella escondeu-se logo para dentro; elle partiu ouvindo aquella voz maguada por algum tempo.

E sentiu no coração uma saudade, não tão intensa que o dominasse, mas nem tão ligeira que o não tornasse triste.

Quando el-rei o tornou a ver, testemunhou surpresa dolorosa:

— Volta, sr. Alvaro Vaz! Suppunha-o ainda em Alcobaça, esquecido de Lisboa!

— Vossa magestade está em Lisboa, tornou o moço, não posso esquecel-a.

Alvaro justificou depois a sua visita com a obrigação de entregar o relatorio, e com o dever de felicitar el-rei. Largo espaço conversaram sobre a vida de familia, porque sua magestade intencionalmente encaminhou o dialogo para esse assumpto.

Queria sondar a alma d'Alvaro Vaz, que considerava resuscitado.

— É só meia cura! pensou el-rei. Eu suppuz que a medicina da desgraça fosse mais energica! Deus o preserve de recair na enfermidade moral dos seus annos!

Alvaro Vaz, desempenhada a dupla missão que o levára a Lisboa, quiz ficar, como havia dito, para ser um dos primeiros portuguezes a saudar a nova rainha.

Sua magestade a senhora D. Estephania chegou a Lisboa na tarde do dia 17 de maio, havendo-se espaçado por seis dias a viagem de Plymouth ao Tejo, em razão de ter arribado á Corunha a esquadra real por tempestade que rebentara na altura de Cabo Raso.

O povo portuguez, naturalmente supersticioso, sentiu profundamente que a sua nova rainha, cujas virtudes ouvia celebrar, fosse surprehendida pela tempestade, caminho de Portugal.

Todavia, quando no dia do desembarque a viu timida, formosa, angelica, esqueceu os seus receios, prorompeu em saudações freneticas, e dizia por impulso do coração, ao contemplar os reaes noivos:

— São dois anjos! Deus os creou um para o outro!

Alvaro Vaz que, como sabemos, já havia visto

a princesa, não pôde deixar de repetir a voz do povo, quando de novo a viu, a par do rei de Portugal, seu esposo, n'esse dia de festa nacional.

XIV

COMO AS FLORES VATICINAM!

« A cidade que ha mezes a morte despovoava, esconde hoje as lagrimas que ha pouco ainda orvalhavam a saudade e o cypreste. Seria este para mim e para a rainha o mais claro testemunho de que não passa despercebido para o povo de Lisboa um acontecimento que consubstancia o nosso porvir. »

São palavras d'el-rei em resposta á felicitação que, por occasião do consorcio com a princesa D. Estephania de Hohenzollern, lhe dirigira a camara municipal de Lisboa.

El-rei não se enganava.

Engrinaldava-se de festa para celebrar os reaes desposorios a cidade que n'esse dia espontaneamente rasgava o seu luto e enxugava as lagrimas com que havia rociado as flôres pendidas aos tumulos dos que as epidemias sacrificaram.

E todo o paiz repetia jubiloso os echos da festa, e abençoava de longe a união de duas almas que pareciam nascidas para alliar os seus destinos, as suas esperanças e as suas virtudes.

Imaginava o povo portuguez que o anjo chamado a compartilhar o seu porvir haveria de afugentar de sobre a patria as nuvens negras que tão repetidas vezes obscureceram o nosso horizonte social.

Este é sempre o phantasiar dos que não se lembram de que os anjos são do céo, e se demoram apenas na terra o tempo preciso para desempenhar a missão providencial que lhes fôra incumbida.

O destino da rainha não era ser nossa, reinar no throno e no coração portuguez, viver longamente na côrte que á Alemanha a invejara e a quizera para si.

Havia nascido estrella. Quando terminasse a sua noite de placida primavera, esconder-se-ia nos esplendores da aurora eterna.

Poisara na terra porque estava determinado que fizesse estancar as lagrimas d'um povo inteiro, e o acordasse da dolorosa concentração que ordinariamente se segue a profundas desgraças e grandes calamidades.

Era preciso dizer ás mães que panteavam os filhos, ás viuvas que lamentavam a sua viuvez, á orphandade que ajoelhava com o seu luto á beira das sepulturas: Basta!

E os tristes e os affligidos ouviram a doce voz, e sobre as lagrimas das mães, e o veo das viuvas, e as cabeças loiras dos orphãos desceu o reflexo benefico da caridade, porque a rainha vinha a Portugal completar a obra do rei, e espalhar sobre os abysmos da miseria as flôres que nas mãos das princesas virtuosas se converte em ouro abundante e inextinguivel.

Na adoração popular tanto se identificaram as duas almas, que se tornou impossivel saber qual era mais piedosa, mais previdente, mais santa.

Implorava-se ao throno, e o throno logo respondia aos clamores afflictivos. Era o rei ou a rainha? Não se sabia. Vinham do paço as esmolas, os beneficios, a protecção. O povo abençoava as duas almas, certo de que a ambas cabiam as suas benções, sem poder dizer todavia qual fôra d'ellas a que prestara ouvidos aos seus queixumes, e estendera a mão ás suas supplicas.

A realesa volvera-se legenda. Não tinha o prestigio da grandeza, o fausto das côrtes, os deslumbramentos do throno. Doirava-se de clarões angelicos como se n'ella reflectissem fulgores do empyreo. A corôa tornara-se aureola. Não ostentava thesouros de pedraria; tinha o vago poetico dos mythos.

E o certo era que, como o rei havia predicto, haviam seccado as lagrimas que mezes antes rever-

deciam, nos canteiros dos cemiterios, as saudades e os cyprestes.

Augurava-se ao paiz uma vida bonançosa.

Sob a protecção de dois anjos, todas as dôres seriam prescrutadas e ouvidas. O povo estava tranquillo, porque o povo adivinhava as intimas preoccupações dos reis, mas esquecia-se de que os anjos são do céo, e as dôres terrenas.

Nem a magua de Clarinha, por viver escondida no solitario ninho d'Alcobaça, passava despercebida aos olhos dos principes, que pareciam multiplicar a vista para conhecer todos os infelizes.

Chegavam ao paço os echos de todas as angustias, e, como se o ouvil-os já não fosse pouco, renovavam os noivos, no intimo dialogar dos seus aposentos, as provações que o paiz havia experimentado.

Vamos procurar os reis ao santuario do seu amor.

Descaía a tarde. Os raios do sol moribundo illuminavam melancolicamente as janellas do paço.

Era a hora do recordar.

E os reis recordavam tristesas alheias, que tornavam suas.

Rememorava el-rei os dias tormentosos da ultima epidemia. Via ainda diante de seus olhos a vastidão silenciosa das enfermarias. Figuravam-se-lhe palidos os doentes como na hora em que agonisavam.

A morte ia despovoando os hospitaes, augmentando o silencio, desdobrando o luto. E o rei suppunha-se ainda desacompanhado e opprimido entre os leitos que representavam outras tantas victimas. Mas se lhe era dolorosa a memoria do que soffrera, era-lhe consolo a esperança de que não soffreria só. As asas do anjo a que ligára o seu destino deviam de abrigar o povo portuguez, pensava o rei.

Tão tristes recordações suscitaram o nome d'Alvaro Vaz. El-rei desenhara-o com notavel exactidão. Fizera a historia das suas aspirações, dos seus sonhos de gloria, das suas crenças de poeta. E, ao revel-o no leito em que o encontrara, dissera como se o estivesse vendo:

— O gelo da morte punha medo á ardente phantasia d'Alvaro Vaz...

Depois, como se descesse n'esse momento ao atrio do hospital de S. José, viu Clarinha coberta com o seu veo preto, e a fronte de João Vaz coroada pelos seus cabellos brancos.

A rainha escutava attentamente o magoado poema dos amores de Clarinha, e sentia-se anciosa de conhecel-a.

El-rei comprehendeu-lhe o desejo e sentiu illuminar-se o coração da risonha esperança de ver feliz a camponesa d'Alcobaça.

Horas depois recebia Alvaro Vaz aviso para ir ao paço.

Pereira inv. e D. lith. Bibl. Universal. A porta do paraiso (Est. 2.ª) Lith. de Lopes R. N. dos M.es 2 a 4.

—O gelo da morte punha medo á ardente phantasia d'Alvaro Vaz...

Foi.

— Sua magestade a rainha, — dissera-lhe o senhor D. Pedro V, — animada dos mais benevolos sentimentos para com o sr. Alvaro Vaz, exprimiu-me o desejo de conhecel-o.

— Sua magestade a rainha é um anjo, respondeu o moço, que a Providencia destinara para felicidade de vossa magestade e do paiz inteiro.

Entrou a rainha de avivar-lhe recordações da Alemanha, a despeito de despertar no proprio coração a saudade da patria que não tornaria a ver.

Era um meio de animal-o a expandir-se. Falou Alvaro Vaz com ardente enthusiasmo da sua recente viagem, principalmente da Alemanha, e de Dusseldorf, onde lhe fôra dado conhecer as virtudes da princesa que devia ser rainha de Portugal. N'esse momento o seu arrojado espirito levantara-se ás melodiosas espheras que Pythagoras parece haver creado expressamente para os poetas. E n'esse adejar pelas regiões olympicas da phantasia nem uma recordação de Clarinha, nem uma lembrança d'Alcobaça, dos saudosos ausentes que mais uma vez o viram partir baloiçado na gondola da poesia á cata do seu indefinido ideal!

Pobre cabeça sonhadora, que tão loucamente lhe dominava o coração!

Foi el-rei que intencionalmente, descido já o

poeta dos seus formosos extasis, perguntara novas do camponez e de Clarinha.

Alvaro Vaz respondera, e ia talvez calar-se, quando a rainha se mostrou desejosa, movida de sympathia que justificara pelo conceito d'el-rei, de conhecer a familia d'Alcobaça.

— Se vossa magestade assim o ordena, respondeu Alvaro, meu tio e minha prima virão agradecer ajoelhados aos pés de vossa magestade a honra com que a todos nos nobilita.

Foi n'esse mesmo dia participação para Alcobaça.

Clarinha começou a chorar d'alegria. O tio fez-lhe a desfeita de não acreditar que ella lesse bem, e mandou chamar a toda a pressa João do Couto para julgar do conteúdo da carta em segunda instancia. Confirmada pelo boqui-aberto professor a agradavel sentença de que ambos iriam a Lisboa comprimentar a rainha por sua magestade o desejar, trataram immediatamente de preparativos de jornada.

João Vaz, ao ver a sobrinha metter ao bahu os seus vestidos e a sua roupa branca, não pôde deixar d'exclamar:

— Ó Clarinha, leva o melhor vestido para ires ao paço, e não leves agora todo o bragal! São dois dias.

A menina curvou-se para esconder lagrimas, que

subitamente lhe acudiram aos olhos, e não respondeu.

Desceu depois ao jardimsinho, que João Vaz tinha mimoso, cortou as melhores flôres, dispol-as de modo que figurassem duas iniciaes, um *P* e um *E*, e, subindo á sala, disse ao tio:

— Farei quanto poder para que este ramo chegue viçoso a Lisboa. Quero offerecel-o á rainha. Flôres são presente para noivos. E que outra cousa ha de offerecer uma camponeza?

Dada a voz de partida por João Vaz, reparou elle que a menina se despedia expansivamente da criada velha que a educara, e que não podia soltar-se-lhe dos braços em que chorando caira.

— Ó Clarinha! nem que fosses para o fim do mundo! Que saudades são essas para dois dias!

— A gente ás vezes chora sem querer! respondeu a menina.

Já no caminho, tornou o camponez:

— Ó Clarinha! tu sempre vaes a olhar para um lado e para o outro como se fosses lá para esses Brazís! Eu estranho-te!

— Que quer o tio! Tambem eu me estranho! Pensei que era mais forte!

E tremia-lhe a voz, e circumvagava olhares maguados como de quem se despede.

Chegados a Lisboa, disse João Vaz ao sobrinho:

— Tua prima deu-lhe a alegria para chorar! Não fez todo o caminho senão regar com os olhos as flôres que quer offerecer á rainha.

— A prima é um coração delicado, e commoveu-se certamente com a inesperada honra.

Isto respondeu Alvaro Vaz sem vagamente suspeitar que a prima chorasse por outro motivo.

Proximos da hora em que deviam ser recebidos no paço, apostrophou, radiante de felicidade, o camponez:

— Ó Clarinha, vaes ver dois anjos, e olha lá se te mostras alegre! Diante dos anjos não se está triste.

Todavia o semblante de Clarinha, ao entrarem na sala onde foram recebidos, contrastava visivelmente com as flôres colhidas no seu jardim.

Denunciou-se na physionomia da rainha a profunda impressão que lhe causara o ver desmerecida pelos vestigios das lagrimas a formosura de Clarinha, e tão francamente a recebeu, e tão meigamente a acariciou, que a camponeza, libertada da etiqueta que a obrigaria a confranger-se, teve lagrimas na voz quando disse:

— Peço licença a vossa magestade para offerecer-lhe o que uma camponeza póde offerecer: flôres. Não faltaram a vossa magestade valiosos presentes de noivado. Este é o ultimo no valor e o primeiro na sinceridade.

— E na estima com que o acceito, atalhou a rainha. Oxaiá que eu lhe possa retribuir muito breve, por egual motivo, as flôres que me offerece.

— Vossa magestade engana-se! disse Clarinha pondo no chão os olhos marejados de lagrimas.

— Engano-me!

Isto dissera sua magestade tão docemente, que a alma de Clarinha se lhe rendeu toda n'esse instante, e segredou esta confissão.

— Peço perdão a vossa magestade... Mas é que eu vou entrar n'um convento.

Se João Vaz, que estava com o sobrinho nos aposentos d'el-rei, tivesse ouvido esta confidencia, vibraria um grito só comparavel na angustia ao de quem sentisse cravar-se-lhe no coração um punhal.

A rainha e a camponeza ficaram silenciosas, concentradas. Houve um momento de profundo silencio, após o qual sua magestade murmurou:

— Vá, pobre menina, vá approximar do throno de Deus a sua dôr. Será ouvida e attendida, espere-o, porque é boa, porque é dedicada, e porque Deus jámais deixa desamparados os que soffrem. Orar é sairmos de nós mesmos, e esquecermo-nos de que soffremos. Ore e espere. O esquecimento do dia d'hontem e a esperança do dia d'ámanhã são dois braços que nos amparam a existencia. Am-

parada por elles, com o auxilio de Deus, terá forças para viver.

O mais que a rainha disse foram balsamos de virtude celestial que acalmaram a dôr de Clarinha.

N'essa tarde; a occultas do primo, serenamente disse ao camponez:

— Perdoe-me, meu tio, o havel-o enganado. Era que eu queria poupar-lhe, pelo mais tempo possivel, o golpe que lhe vou dar.

— Golpe! exclamou attonito o camponez.

— Golpe digo eu, se bem que não se trate d'uma desgraça para nós, mas unicamente d'uma resolução minha...

— Diz, Clarinha, diz...

— Torno a pedir-lhe perdão, e agora, meu tio, pelo querer deixar sósinho em Alcobaça, mas é que eu...

— Diz, Clarinha, que me parece que o coração me quer soltar fóra do peito!...

— É que eu já não tenho forças para viver em Alcobaça, e queria entrar n'um convento.

— N'um convento! n'um convento! repetiu atordoado João Vaz. Tu pensaste bem, Clarinha? Deus me perdoe, mas eu não queria ter vivido tanto! Ó filha, n'um convento!

Clarinha respondeu atirando-se aos braços do tio. Elle cingiu-a convulsamente cobrindo-lhe a delica-

da cabeça com os seus cabellos brancos, que caiam em desalinho.

A esse tempo adivinhava a rainha, dolorosamente impressionada, o que se passaria no coração de Clarinha.

E, contemplando as flôres que ella lhe offerecera, reparou que se havia desfeito a inicial do seu nome. Tinham-se desfolhado as pequeninas flôres que formavam o *E* artisticamente debuxado pela camponeza.

Um vago presentimento veiu augmentar a dôr que estava soffrendo. Lembrou-se com subita saudade da sua patria, da sua familia, dos dias da sua infancia, das noites formosas da sua Alemanha que vira deslisar pensando no rei de Portugal...

E agora que estava entre o povo que adorava o eleito do seu coração, que estava realisado o poema dos seus puros e mysteriosos amores, porque se entristecia a rainha ao ver casualmente desfolhadas as florinhas da sua inicial?

Respondemos com palavras já escriptas nas primeiras paginas d'este livro: «Que muito que a alma adivinhe se nada tem de terrena!»

Era a estrella que pensava no céo como se estivesse sonhando, confusamente, sem saber como nem porquê.

Tambem o coração de Clarinha se alvoroçou,

n'uma triste prophecia, pelo anjo que mezes antes a recebera no paço das Necessidades, quando no convento de Santa Clara, onde se recolhera, se sentiu o tremor de terra que convulsionou toda a cidade de Lisboa no dia 15 de julho, anniversario natalicio da rainha.

Quatorze mezes depois da festiva alliança dos reis de Portugal, um acontecimento dolorosissimo veiu comprovar que os presentimentos da rainha e as prophecias de Clarinha eram verdadeiras.

O anjo, pois que era do céo, voara á patria.

Enxugara as lagrimas choradas sobre as saudades e os cyprestes, e partira. E nos cyprestes e nas saudades reviveram, no dia 17 de julho de 1859, as lagrimas vertidas pelas mães, que não choravam os filhos, pelas viuvas, que não choravam os maridos, pelos orphãos, que não choravam os paes, mas que em commum pranteavam a subita perda do anjo que do alto do throno portuguez soccorria a viuvez d'uns, a orphandade d'outros, o luto de todos.

Attribuira-se a morte da rainha a soffrimentos consequentes d'uma excursão ás Vendas Novas, e d'um passeio a pé á costa da Trafaria.

Os clinicos do paço capitularam de angina diphterica a enfermidade; os medicos d'alma apontaram para o céo, e mudamente explicaram o rapto do anjo.

E mergulhado em dôr excruciante o coração do principe, que via desabar a sua breve felicidade, depois de haver trabalhado pela felicidade de todos, e á volta da sua dôr a dôr profunda e sincera do paiz inteiro!

Vede que grandeza a das monarchias verdadeiramente democraticas, na prosperidade ou no infortunio, á beira do throno ou á beira do tumulo!

A rainha, ao expirar, cingindo serenamente o principe, repetia o que nas santas escripturas ha de mais formosamente innocente e humilde: *Ecce ancilla Domini.*

O rei, para sobreviver á sua magua, procurava o rasto luminoso que o anjo deixara ao atravessar a terra. Como foi que tão amantissimo coração logrou, por favor divino, resignar-se? O principe o escrevia, dias depois, ao duque da Terceira, presidente do conselho de ministros: «Para fazel-o sobra-me o exemplo da esposa, que perdi quando apenas começava a apreciar o thesouro, de que me foi dado gosar. Era um coração para a terra e um espirito para o céo.»

XV

NA CLAUSURA

No meio d'estas tristezas geraes, onde está João Vaz, a boa alma?

Com a sua dôr no solitario lar d'Alcobaça.

Quando a sobrinha se despediu d'elle á porta do convento de Santa Clara, não houve quem não chorasse de ver a angustia do velho camponez.

Era entre copiosas lagrimas que elle dizia:

— Ó Clarinha, não te esqueças de mim, que para lá vou viver como dentro da sepultura. Quando o teu coração ganhar alento, e possas viver em Alcobaça, onde tudo te recorda teu primo, não estejas mais um dia aqui, porque tu és a alegria dos meus olhos e da minha alma.

— Meu tio! suspirava Clarinha, eu sou cruel, eu pareço-lhe decerto cruel, mas já não podia mais, mas já sentia fugir-me a vida em Alcobaça, apezar da sua dedicação, meu tio.

— Eu não te accuso, filha. Faça-se a vontade do Senhor. Não percas a vida nem a esperança, que eu verei se a esperança de que breve sairás d'aqui me conserva a vida.

E abraçavam-se de novo, e choravam ambos.

Já estava aberta a porta para receber Clarinha, e ainda a dôr os prendia nos braços um do outro.

— Clarinha, adeus...

— Adeus, meu tio.

Clarinha, estendendo as tremulas mãos para o tio, subira o degrau da porta.

— Adeus, filha, adeus.

Ella ia a dizer ainda esta doce palavra, que exprime todas as angustias da separação, *adeus*, breve poema d'uma longa dôr, e cortou-se-lhe a voz na garganta e viram-n'a desfallecida as freiras que sairam a recebel-a.

Então ampararam-n'a os braços das religiosas, fechou-se com lugubre roído a porta do convento, e João Vaz ficou como fulminado diante d'essa barreira que o separava da sobrinha.

Se alli estivesse Alvaro, teria ao menos o velho camponez quem o soccorresse n'essa hora incomparavelmente angustiada.

Não estava.

E porque? pergunta agora o leitor, que, tendo tambem as suas crenças, as suas illusões, os seus sonhos, se sente ás vezes inclinado a não perdoar as loucuras d'Alvaro Vaz.

Eu estou vendo o que se passa no espirito do leitor. Ah! não o accuse; lamente-o, se quer. Ainda ninguem inculpou a borboleta porque ella se suicida na chamma. Ainda ninguem fulminou a folha

verde porque ella se deixa ir na onda da corrente. Os delirios da mocidade sonhadora são para os homens o que a chamma é para a borboleta e a onda para a folha verde.

O destino, a lei mysteriosa que rege a vida; o iman occulto que chama as almas ao abysmo ou á felicidade.

Alvaro Vaz nasceu poeta. É bom, é nobre, é generoso, mas basta uma nova chimera para o fazer esquecer da realidade. Quando voltou a Alcobaça, suppunha que o prendiam á saudosa familia laços indissoluveis. Julgava-se alli esquecido do mundo. Viu outra vez Lisboa, e logo se desvairou nas utopias sonhadas e queridas. Borboleta, procurou de novo a chamma. Assim é a organisação especialissima dos que vivem idealisando até repontar a aurora do dia em que se humanisam. Não lhe queira mal o leitor porque elle nasceu para voejar. Todas as azas em que sobem os Icaros se derretem. O caso é saber esperar por esse dia em que hão de cair na terra e volver-se homens.

Clarinha sentiu-se exhaurida de forças. Em Alcobaça até as arvores lhe falavam do primo. A sombra que muitas vezes o cobrira, quando repousava lendo, saudosamente lhe perguntava; « Onde está elle? »

Estava em Lisboa.

Clarinha queria viver uma hora, mas sob o mes-

mo céo, mas respirando o mesmo ar, ouvindo o mesmo rumor, contemplando as mesmas estrellas. Se as forças dia a dia a desamparavam, tinha porém uma vaga esperança. Elle escrevera:

Mas se cair como a folha.

Toda a folha cae. O que importa é saber esperar pelo outomno. Não ha primavera que se não desfolhe por mais opulenta e viridente que seja. Em Alcobaça era frequente que a saudade supplantasse a esperança. Era preciso um auxilio divino; só perto de Deus o poderia encontrar a desditosa menina.

Decidiu, pois, recolher-se a um convento. Quando o desengano, a triste realidade dos infelizes, a ameaçasse, ajoelharia aos pés do Christo, do doce Christo, como seu primo dissera, e ahi encontraria forças para viver, emquanto as flôres dos jardins plantados na phantasia do primo não perdiam côr, aroma, frescura...

Sabemos que foi a occultas do primo que Clarinha resolveu entrar no convento; foi ainda com mysterio para elle que realisara a sua intenção.

Alvaro Vaz nada soube. Assim se explica a sua ausencia na hora da despedida.

Que plano era o de Clarinha?

Afastal-o para afastar maior saudade. Vel-o, n'esse attribulado lance, seria centuplicar a dôr. Não quiz. Receiou que lhe faltasse a coragem e não

tivesse forças para transpôr o limiar da clausura. Só fechada sobre ella a porta do convento, foi que o primo soube a verdade.

Temos pois, ao tempo da prematura morte da rainha, Alvaro Vaz estudando na sua trapeira, João Vaz ermando nos pomares d'Alcobaça, e Clarinha abraçada á cruz, que é esperança e resignação, na cella de Santa Clara.

Poucos dias antes do fallecimento da rainha, havia sido creado, por carta de lei de 8 de junho de 1859, o curso superior de letras.

Alvaro Vaz preparava-se para ser o mais distincto alumno das aulas do novo curso. Cuidadosamente estudava as materias que deviam ser leccionadas. Tinha a dupla ambição de ser agradavel a el-rei, mostrando praticamente os salutares resultados da instituição, devida á iniciativa real, e de nobilitar-se pela sua intelligencia e applicação o bastante para tornar-se conhecido entre os mais sabidos em letras.

Sem embargo dos seus indefessos estudos, saia ao declinar da tarde, todos os dias, para visitar a prima no convento de Santa Clara.

Pesava-lhe vel-a encarcerada.

A regularidade das entrevistas, que, comquanto fossem familiares, nada tinham de amorosas, levava as meninas recolhidas no convento a dizerem a Clarinha:

— Ora que tão triste viva, e que tão poucas razões tenha para entristecer-se!

— Porquê? perguntava a scismadora menina.

— Porque seu primo continua a visital-a.

— A Deus agradeço, porque só a Deus o devo, o vir todos os dias meu primo, mas o que o traz aqui não é amor, é estima.

E deixava-se ficar na sua resignada melancholia, contemplando, se era á noite, as estrellas que palpitavam no formoso céo de Lisboa, na direcção em que o primo lhe dissera morar. Bem podia ser que elle tambem as estivesse contemplando, e que os dois olhares se encontrassem no mesmo ponto luminoso.

Alvaro voltava do convento a recomeçar, todas as noites, os seus estudos de litteratura e philosophia. Mas ás vezes, como se o espirito tivesse necessidade d'espanejar-se nas ondulações do luar, debruçava-se á janella e espraiava a vista pela vastidão do céo. Não chegam á solitaria rua da Quintinha os rumores da grande cidade. Era tudo silencioso áquella hora, e elle, conversando comsigo mesmo, algumas vezes poetava. Vagamente se entrelembrava das alegrias com que, salvo da epidemia, voltara a Alcobaça, e a ellas casava fugitivas recordações dos suaves quadros de familia que el-rei lhe havia desenhado em mais de uma entrevista. Todos esses pensamentos lhe redemoinhavam

no cerebro e, quando se apagavam, sentia-se triste entre as rumas dos seus livros. Os livros não falavam. Conhecia que estava só. Então apparecia entre a neblina das suas reminiscencias a imagem de Clarinha. Era um coração d'ouro; mas Alvaro Vaz queria mais, — queria um espirito digno do coração. Se elle soubesse que, a essa hora, Clarinha estava lendo, pensando, idealisando, amal-a-ia; cuidava que ella sentia apenas, e por essa razão apenas lhe era dedicado.

Depois que a rainha fallecera, fechara-se sombria noite em derredor da alma d'el-rei. Era que a sua dôr era d'aquellas para as quaes «são poucas as consolações e os lenitivos», como o principe, em sua dolorosa viuvez, escrevia, na já citada carta, ao nobre presidente do conselho de ministros.

Alvaro Vaz falara com el-rei uma unica vez, em Mafra, depois do infausto acontecimento. O senhor D. Pedro V estava inconsolavel. Em torno d'aquella mocidade, erguida ás alturas da realeza, sentia-se o frio das nortadas que desfolham todas as flôres do coração. O luto do monarcha era tão profundo, que lhe enoitecia o espirito.

— A familia! a familia! — dissera-lhe el-rei, o éden de que eu fui expulso! A minha felicidade teve a duração d'um relampago. Agora tudo é noite, tudo são sombras. Mas se algum dia poder gozar

d'esse thesouro encantado, que muitos homens desconhecem, seja avarento da sua riqueza, sr. Alvaro, e tanto mais avarento quanto será infeliz perdendo-a.

Nada mais dissera el-rei. Recaira em attribulada concentração. Alvaro Vaz quizera distrair o real scismador, falar-lhe do curso superior de letras, dos seus estudos sobre as materias que seriam lidas nas cadeiras creadas pela carta de lei do mez antecedente. Não ouzou, porém. Ha dôres que são sagradas como os tumulos. E aquella dôr era o tumulo do involucro d'um anjo.

Ao despedir-se, dissera ainda el-rei:

— Sr. Alvaro Vaz, não enlute a sua mocidade e o seu talento nas minhas magoas. Veja que triste reinado o meu! Aproveite a sua primavera, porque a primavera da vida é como a primavera do anno: passa.

Desde então mais pensativo se tornou o principe. Raro levantava o olhar; raro lhe desabrochava nos labios um sorriso. Em 1860 ruidosos festejos se prepararam no Porto para receber el-rei e os senhores infantes D. Luiz e D. João. El-rei atravessava as festas affavel mas triste. Não era a mocidade, era a viuvez que se mostrava aos portuenses. N'essa breve visita, que durou doze dias, el-rei entrara ás escholas, ás prisões, ás fabricas, aos hospitaes. O povo acudia em chusma a esperal-o, a

saudal-o. O principe passava com os olhos postos no chão, e sorria maguadamente. As multidões ficavam pezarosas de o ver pezaroso, e tremiam pela vida do anjo que recebia todos os requerimentos, falava a todos os desgraçados, e ouvia compassivo todas as supplicas. Em 1861 voltou el-rei ao Porto, acompanhado do senhor infante D. João, no mez d'agosto, para assistir á abertura da exposição industrial, e lançar a primeira pedra do Palacio de Crystal. Redobraram os festejos tanto, quanto era o receio de perder o monarcha festejado. N'uma das noites de regosijo accedeu el-rei ás instancias dos portuenses que o convidaram a honrar com a sua presença a illuminação das principaes ruas. Na das Flôres, os moradores esperaram el-rei, de brandões accezos, a um e outro lado da rua. Na gratidão com que el-rei agradeceu a surpreza transpareceu um vago presentimento de nova desgraça. E o presentimento do soberano immediatamente se communicou aos vassallos. Acabou com tristeza a festa, das mais espontaneas e brilhantes que tem havido no Porto. Fez o acaso com que uma ovação se convertesse em saímento funebre!

Foi essa em verdade a despedida d'el-rei á cidade das grandiosas iniciativas!

Não estava longe o derradeiro dia do breve reinado do senhor D. Pedro V.

Ás epidemias, aos incendios, ás cheias, aos tremores de terra, ás saudades que a morte da rainha e do infante D. Fernando, e o casamento das senhoras infantas D. Maria Anna e D. Antonia entalharam no coração da familia real portugueza; ao vacuo que deixara no paço a perda irreparavel d'alguns leaes servidores; á profunda sensação que o incidente da barca negreira *Carlos e Jorge* causara em todo o paiz; a toda a longa serie de funestos acontecimentos occorridos no curto periodo de seis annos, devia seguir-se a morte, a ultima angustia de todas as angustias terrenas.

Cumpre todavia que nos não antecipemos aos factos, e que, emquanto el-rei conversa suas tristezas com os seus dedicados amigos, voltemos ao convento de Santa Clara, onde deixamos a camponeza d'Alcobaça. Quem eram porém, — e perdõem-nos a delonga da pergunta os leitores que estão interessados no romance, — os amigos d'el-rei? Eram todos os homens de grande coração e grande espirito. Quem ignora hoje na Europa o nome de Alexandre Herculano? É um philosopho com a tempera dos velhos guerreiros portuguezes. A penna d'Herculano é como a espada dos conquistadores que nos deixaram nome glorioso: abriu na nossa historia um rasto luminoso e indelevel. A espada dos nossos heroes não quebrava; a penna d'Herculano não verga. Hão encapellar-se as sociedades em der-

redor do grande pedestal da historia, e marulhar, e confundir-se, e lutar, e as estatuas dos conquistadores e dos philosophos hão de ficar de pé, porque são de bronze. Pois bem, Alexandre Herculano era visitado pelo rei de Portugal, e a mocidade do principe, embora lutuosa, não arrefecia diante da austeridade do velho historiador portuguez.

Tempo é de voltarmos agora a Clarinha, que está entre grades, no seu encerrro conventual.

Sejamos piedosos para com os encarcerados. Todavia, para falarmos d'ella, carecemos primeiro de falar do primo.

A 14 de janeiro de 1861 abriu-se em Lisboa o curso superior de letras. Os mais enthusiastas alumnos, que concorreram a inscrever-se no livro de matricula, foram Alvaro Vaz e um moço brazileiro, cabeça ardente como a de Alvares d'Azevedo, o mais ouzado poeta que tem tido até hoje o Brazil, e, como elle, sonhador.

Foram causa de intima alliança entre os dois condiscipulos a affinidade d'aspirações, a harmonia de genios, e a coincidencia de terem ambos relações no convento de Santa Clara.

Alvaro Vaz visitava a prima; o moço brazileiro procurava a noiva.

A conversação do habitual passeio vespertino era um adejar constante d'estrophe em estrophe, uma

porfia de borboletas apostadas em descobrir as flôres de mais opulento nectario.

Clarinha disse uma vez á menina amada do moço brazileiro:

—Sabes tu, minha amiga? Á alma da rainha, que se apiedou da minha sorte, julgo eu dever o acaso de te encontrar aqui, e de ser o teu noivo amigo de meu primo!

—É verdade! respondeu a outra menina. Tudo mereces, porque tudo deves a Deus, minha amiga. Assim se consummasse o milagre, e saisses d'aqui para o altar, como eu espero sair.

Clarinha respondeu pondo os olhos no horizonte e as mãos entre as mãos da amiga.

As relações das duas meninas dia a dia se estreitavam cada vez mais.

Clarinha era como estas plantas doceis, que precisam de encosto. Sentem-se fracas para viver desamparadas: estendem os seus braços de verdura a procurar esteio.

Assim é que as grinaldas da hera, sempre viçosas e festivas, marinham pelas pedras calcinadas das ruinas, e as enleiam ternamente.

Clarinha era como a hera, não por ser festiva, mas por procurar amparo.

Progredia parallelamente, permitta-se a expressão, a intimidade dos dois condiscipulos.

Começaram por passeiar juntos e acabaram por estudar em commum.

Os alumnos do curso superior de letras distinguiam-os; os professores tambem.

Em admiração pelo monarcha, que assistia ás prelecções, attentamente, respeitosamente, sentado ao lado direito dos professores, não havia ainda quem os egualasse.

E todavia não suspeitava Alvaro Vaz, quando estava contemplando el-rei, que o principe sentia angustiado o coração de todas as vezes que o via nas aulas, e que a si proprio se accusava de lhe haver prolongado o sonho da sua ardente imaginação.

El-rei reputava-se causa dos soffrimentos de todas as pessoas que se approximavam do throno. Alvaro Vaz não soffria, é certo, mas soffria por elle e por si Clarinha, que se havia encerrado n'um convento.

— É fado! dizia de si para comsigo o senhor D. Pedro v. O meu é soffrer; o d'este desvairado moço é sonhar.

E só a palavra vigorosa e pittoresca de Rebello da Silva, que scintillava em catadupas d'eloquencia, chamava o espirito apprehensivo e timido do monarcha á realidade.

E, desperto, inclinando a fronte, curvada como se fôra d'ancião, apoiava-a na mão esquerda, que firmava no joelho.

E continuava a ouvir.

Decorridos dez mezes do anno de 1861, e entrado o de novembro, que tristemente devia ficar assignalado na historia portugueza, estavam gravemente enfermos el-rei e seu irmão o infante D. Fernando. Grande era a anciedade do publico pelos acontecimentos do paço. Estremecia, receioso de novas calamidades, o coração do povo. A enfermidade dos principes, attribuida á humidade do tempo durante uma excursão a Villa Viçosa, que tinha por fim adormecer saudades da infanta D. Antonia, volvera-se thema de geraes perguntas, cuidados e vaticinios.

Na manhã do dia 6 correra de bocca em bocca a noticia do fallecimento do infante. Havia de novo entrado a morte no paço, e se, dois annos antes, arrebatara um anjo idolatrado, roubava d'esta vez uma criança querida. Pouco mais de quinze annos contava o infante. Ao inesperado luto acrescia, cada vez mais intensa, a anciedade geral. El-rei continuava enfermo, e todos sabiam como o seu amantissimo coração devia soffrer com o estalar d'esse laço de familia.

— Queria matar uma saudade e abri um tu-

mulo! dizia el-rei já prostrado pela doença, alludindo á excursão a Villa Viçosa.

Até no leito, esvaído o cerebro, lhe fazia roda o sombrio cortejo dos seus tristes pensamentos!

A enfermidade moral aggravava os soffrimentos physicos. Grande numero de pessoas ia todos os dias ao paço informar-se da saude d'el-rei. Alvaro Vaz, mais inquieto e mais receioso que ninguem, ia duas vezes: pela manhã e de tarde. Na noite do dia 9 voltou do Paço, acompanhado pelo seu condiscipulo brazileiro, sobremodo alvoroçado.

A vida d'el-rei corria perigo. Tristes eram as meditações dos dois moços ao longo do caminho. Sobre os pensamentes d'um e outro pesava, como negra cupula, a noite.

— Que desgraça! que desgraça! dizia Alvaro Vaz. Nasce nobre e brilhante um espirito, como o do rei, e vê desfolhar hora a hora as mais queridas flôres d'alma, e sente, aos vinte e quatro annos, orvalhadas do gelo da morte as petalas das suas desfolhadas illusões!

O moço brazileiro pareoia cada vez mais absorto em suas preoccupações dolorosas.

— Fala! exclamou Alvaro Vaz; ampara siquer a minha dôr!

— Que hei de dizer-te, Alvaro? Vinha a lembrar-me de dois versos d'um poeta por ventura obscuro. O coração d'el-rei estava ferido por conti-

nuos golpes; para que não deixe de bater, tão breve como infelizmente se conjectura, seria preciso um novo milagre d'amor, e esse milagre é impossivel agora! O desconhecido poeta disse uma grande verdade:

> Guardae o coração ferido,
> Se o não quereis dar ao nada.

— O quê? perguntou como sacudido por centelha electrica Alvaro Vaz. Esses versos?...

— Não sei de quem são. Pergunta a tua prima que os entalhou na parede da cella. Agora é-te facil deprehender como eu soube este segredo de tua prima.

— Minha prima, replicou com incredulidade Alvaro Vaz, não sabe escrever nem cura de versos...

— Enganas-te, Alvaro. Do convento saiem todas as semanas tres cartas para teu tio. Encarregaram-me de as lançar ao correio, sob promessa de t'o não dizer. Essas cartas são de tua prima. A razão do mysterio não t'a posso revelar, posto a saiba, porque jurei guardal-a pela memoria de minha mãe. O mais que te podia dizer, violando ainda assim uma promessa, já t'o dissse, Alvaro.

— O quê? repetia aturdido Alvaro Vaz. Esses versos... ha sim... escrevi-os em Alcobaça!... Por isso meu tio ria e ella córava!

N'este momento deram signal de preces publicas os campanarios de duas egrejas proximas.

Estremeceram os dois moços e, sem haverem trocado uma palavra entre si, encaminharam-se para um dos templos.

Á mesma hora orava Clarinha, entre a communidade do convento de Santa Clara, pela vida do rei.

XVI

A LEGENDA DO REI SANTO

Cerca das onze horas da noite, passeava Alvaro Vaz freneticamente sob o calado arvoredo de S. Pedro d'Alcantara. Havia-se despedido do moço brazileiro. Nenhum tivera forças para articular um monosyllabo. N'aquella estranha conjunctura, em que se sentiam carecidos de mutuo soccorro, e ambos sobremaneira commovidos, apertaram-se mudamente a mão, e separaram-se.

Na alma de Alvaro Vaz succediam-se as visões, as surpresas, os presentimentos.

De dentro do tumulo do rei, que elle suppunha fatalmente aberto, erguia-se pouco a pouco, lenta-

mente, não o scismador archanjo da saudade, que é triste como o eterno crepusculo que lhe bruxolea nos olhos, mas a doce e casta imagem dos que sentem despertar no peito um mundo de indefinidas harmonias.

E a vaporosa imagem ia tomando corpo, e cada vez mais se delimitavam os contornos, e se implumavam as asas longas e nevadas, e se arqueavam os braços, que pareciam estender-se para elle e procural-o, e chamal-o, e prendel-o.

Ao mesmo passo redobrava de intensidade, nos campanarios da capital, a voz dos sinos que choravam lagrimas sonoras, impellidas pela aragem fria da noite, sobre o leito do rei moribundo.

Abriam-se de par em par os templos, porque a torrente da multidão augmentava a cada badalada plangente, e fechavam-se os theatros, momentos antes concorridos e ruidosos, e apagavam-se as luzes que haviam projectado sobre as dôres do proscenio reflexos phantasticos, porque a dôr d'essa hora era real, profunda, espontanea, commum.

O presentimento de que a vida d'el-rei estava suspensa, nos braços do anjo da morte, sobre o abysmo da eternidade, lavrava com a rapidez com que se desdobra no céo a nuvem negra que dentro em pouco ha de cingir a esphera da terra n'um circulo de ferro, — o annel sinistro da tempestade, que tem por scintillações os relampagos.

A alma do povo é como o oceano.

Está azul á superficie, quando o céo é sereno, mas esconde no seio a labutação incessante das mysteriosas officinas da materia viva.

Quando as multidões viam passar o rei, admirado de velhos e moços, na flôr dos seus verdes annos, erguiam, para cobril-o d'uma chuva de flôres, os seus braços de Briareu. Mas uma suspeita amarga, como corrente no oceano, atravessava o conjuncto das almas, e as saudações que desabrocharam nos labios repercutiam-se em vozes flebeis e timidas nos echos do pensamento.

Ainda como no oceano, a alma do povo, quando o raio da procella desce a rasgal-a no seio, alvorota-se, encapella-se, ondêa, espuma, referve, e sobrepõe aos cachopos que lhe embargam o passo o seu vasto, immenso, indomito rolo de vagas.

Assim aconteceu.

Espalhou-se subitamente, inesperadamente, que o estado do rei era perigoso, e logo correu sobre os templos, desconcertada, imperiosa, irreprimivel a enorme torrente da multidão que procurava a cruz. Se encontrasse, não obstante já ir adiantada a noite, fechadas as portas das egrejas, forçal-as-ia d'um jacto, e irromperia ao longo da sombria nave até rolar ao sopé do altar, onde se alastraria piedosa, concentrada, supplicante.

Mas as portas abriram-se como por encanta-

mento, e as alampadas appareceram accesas, e os altares descobertos, e no meio do silencio, que o respirar de centenas de pessoas não perturbava, cruzavam-se os dois madeiros da redempção, negros, immoveis, — um erguido para o céo, onde está a consolação, o outro atravessado sobre a terra, onde estão as angustias.

A religião do Christo é seguramente a mais suave, a mais calma, a mais refrigerante, e razão temos para adorar a cruz, não só porque esteve levantada no topo do Calvario, mas porque, enchendo o mundo d'um lado a outro, d'alto a baixo, sempre aponta para o firmamento, ou abrindo os braços para a orla do horizonte ou aprumando-se para o zenith. Por qualquer modo que o olhar a acompanhe, sempre foge da terra e procura Deus.

Evaporam-se as ondulações do incenso, extingue-se a flamma dos lampadarios, esmaia o colorido das flôres, desbota a purpura das sanefas, calam-se as melodias do orgão, e só, e desacompanhada, e pobre que fique a cruz, tem sempre a mysteriosa magestade a cujos pés se rendem os corações, no altar ou no caminho, ao luar ou ao sol, na cidade ou no despovoado.

O povo portuguez, n'essa tormentosa noite de 9 de novembro de 1861, em que o chamamento ás preces o surprehendeu, orou e tranquillisou-se.

Não era que a anciedade decrescesse, era que

o balsamo da resignação, como pendem d'uma arvore secular gotas d'orvalho, chovera sobre as almas attribuladas, e que os olhares da multidão, enleiando-se na cruz, haviam seguido a direcção que os anjos seguem ao adejar para as alturas.

O povo comprehendeu que o perfume das flôres, — das flôres que elle tão bem conhece das suas festas — se faz alma nos homens, e que assim como o perfume se desprende do calix se desliga a alma do involucro terreno.

Ao entrar nos templos cria em sua louca afflicção que a morte do rei representava o roubo da sua vida; que era a subtracção d'um thesouro, a delapidação d'uma riqueza nacional.

Ao sair o atrio, vinha repetindo triste mas resignadamente, revelado o mysterio da metamorphose da alma: « O rei não é nosso! »

Quem lh'o revelara?

Foi a cruz.

Desde essa hora a dôr do povo manteve-se serena, humilde, obediente.

Ainda n'essa noite, e na manhã seguinte, encheram-se as primeiras salas do palacio das Necessidades.

Não havia clamores, prantos, desespero. Interrogavam os olhares; as boccas não.

A angustia estava nos semblantes, não nas palavras.

E assim como a luz tenue do crepusculo mais esmorece ao atravessar o humido vapor da atmosphera, assim os reflexos dos olhos chorosos mais se entibiavam ao coar-se atravez do véo das lagrimas.

Era a dôr muda que curva a fronte paciente sob a corôa d'espinhos, e estende os braços ás gramalheiras do soffrimento, e põe os olhos no céo, que foi onde Christo os poz quando expirava na cruz.

Dôr augusta, solemne, dôr unica, porque a natureza humana só a póde supportar uma vez sem estalar fibra a fibra.

E o estado do rei era cada vez mais desesperançado.

No dia 10, a hora em que já se antecipava o luto e a saudade no seio da côrte e no coração do povo, um sacerdote exemplar, o conego Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso, ouvia dos labios do principe agonisante a extrema confissão de suas virtudes.

Era a realisação d'um desejo muitas vezes manifestado. Ao illustre marquez de Ficalho, dedicado e provado amigo da casa real portugueza, havia pedido el-rei, no ultimo dia que lhe foi possivel conservar-se de pé, que, com a lealdade de dois soldados que eram, o avisasse da hora do perigo para receber os sacramentos.

N'esse dia a vida d'el-rei pareceu haver tocado o seu termo. Após violentas convulsões, profunda prostração sopitou o augusto enfermo.

Dir-se-ia que o seu olhar se havia já nublado com as sombras da morte.

Engano.

O senhor D. Pedro V antegostava as doçuras do paraiso e, tão amoroso era o seu coração, que, já mais do céo que da terra, ainda tinha olhos para ver os que amava e velavam em derredor do leito!

Foi então que ao ministro das obras publicas, Thiago Horta, muito sabido em literatura italiana, recordou as estrophes do poeta florentino:

> Per me si va nella città dolente,
> Per me si va nell'eterno dolore,
> Per me si va tra la perduta gente,

e que a cançada phantasia, entre-ouvindo os córos celicos, a curta distancia,

> Tutti dicean: *Benedictus, qui venis;*
> E, fior gittando di sopra e d'intorno,
> *Manibus o date lilia plenis,*

figurava ainda com as côres da poesia terrena o anjo que pára o Dante havia tido, entre os homens, o nome de Beatriz e para el-rei o de Estephania.

Era que a ephemera vizão, que pela saudade per-

tencia ainda á terra, se entremostrava já ao principe moribundo aureolada pelos resplendores que a envolviam, e chamava o esposo, eleito do seu coração, para as bodas eternas d'além-tumulo.

Mas se a alma do principe mais fugia, instante a instante, do throno portuguez e se approximava do mysterioso templo onde deviam celebrar-se as nupcias mysticas, ainda, todavia, a prendiam ao mundo laços d'amor, e o senhor D. Pedro V quiz receber d'el-rei seu pae a benção da partida.

Faltaram subitamente as forças ao coração do senhor D. Fernando, e, só por esforço que os affectos extremosos conseguem ás vezes, foi que teve nos labios palavras de consolação á mistura com sorrisos de falsa esperança.

Mas a intelligencia é como a chamma que, ao apagar-se, crepita vivida.

El-rei oppoz ás consolações de seu pae a ancia com que a alma se estava já levantando para Deus, e para os que estavam em torno de Deus.

Foi indiscriptivel esse lance, a luta sacratissima das duas almas, das quaes uma sorria já para o céo, e a outra tinha ciumes dos sorrisos entreabertos para os anjos.

No coração do pae a saudade e o amor, o calmo desconforto de quem vê partir uma pessoa querida para um destino melhor, e o maguado despeito de perdel-a para sempre.

No coração do filho a alegria de ir ver os que viviam longe e a magua de deixar os que ainda estavam perto: d'um lado a terra, com as suas dôres, as suas lagrimas, os seus espinhos, — e, como lenitivo a todos os soffrimentos, a familia; de outro o céo, a felicidade eterna, a paz ininterrupta, a aurora perenne e, como corôa de todas as venturas, a familia tambem.

Até na morte não podia o rei adormecer uma saudade sem despertar outra!

Todavia a hora da separação avisinhava-se e, antes que o pendulo da vida estremecesse com a ultima vibração, queria a alma do rei ser da terra o mais que podesse ser. Desejou ver todos os seus ministros, dar-lhes com o derradeiro adeus, o derradeiro testemunho de affecto.

N'aquella hora decisiva, e já na manhã do dia 11, não desmentia o principe moribundo a serenidade com que, poucos annos antes, atravessava nos hospitaes, dedicado, imperturbavel, as cerradas fileiras da morte. Se então tivera para as victimas da epidemia palavras de conforto, ainda para as victimas da saudade as queria ter.

A agitação da febre fizera com que el-rei se descobrisse. Acudiu o ministro Horta a conchegar-lhe dos pés a roupa.

— Tambem isto são obras publicas? perguntou risonhamente o principe.

Como a luz flammejava ainda!

Vós, os que fazeis da alma um sopro, uma folha que o vento da morte despega do tronco e roja á terra, que vos rides da nossa credulidade, ao pé do leito do moribundo ou diante do altar de Deus, vêde agora que na vossa mysteriosa força vital ha uma coisa de que nesciamente zombaes, a luz, a chamma, a aurora que domina as sombras da morte, e as afugenta, e brilha como pharol em noite escura, e diz aos naufragos do mundo: « Aqui estou! »

E alli está Deus.

Profundo silencio havia na camara real. Onde mais se condensavam as sombras, ahi estava lacrimoso um grupo.

Perto, e sentado, velava o marquez da Bemposta. Percebeu el-rei que o nobre enfermeiro afugentava as moscas que procuravam o leito.

— Já vem ao azeite! exclamou o principe que não podera lembrar-se do nome das sinistras aves, que, alta noite, se insinuam nos templos para sorver o oleo das alampadas.

Mas, como o entendimento reagisse por conhecer ainda o equivoco, perguntou:

— Como se chamam as aves que procuram o azeite?

O ministro Horta quiz ainda illudir o pensamento d'el-rei, e respondeu:

— São os tordos que andam á azeitona.

O rei comprehendera, e tinha sido comprehendido.

Havia-lhe faltado alento para exprimir mais longamente a presaga ideia.

O senhor D. Pedro V considerava-se cadaver.

E, n'esse mesmo dia, pelas sete horas e um quarto da tarde, era irremediavel realidade para todo o paiz o triste pensamento do moribundo.

O rei de Portugal era effectivamente cadaver.

A multidão que, apezar do temporal, fazia, no largo das Necessidades, guarda ao leito d'el-rei, ficou empedrada, perplexa, attonita.

O que nas grandes dôres ha de horrivel, não é só o serem grandes mas tambem o parecerem sempre novas.

Esperam-se e surprehendem; passam e repetem-se.

A salamandra vivia nas chammas; ellas vivem nas lagrimas: e, como as lagrimas podiam seccar, as grandes dôres renascem de si mesmas, como a phenix.

A morte d'el-rei foi para Portugal uma surpreza esperada e, por isso mesmo, incomparavelmente angustiosa.

Pouco depois das sete horas estava no leito um cadaver, velado o rosto por um lençol; á cabeceira havia um altar com crucifixo allumiado por quatro

vélas de cera, e entre o leito e o altar um sacerdote, Fr. Gabriel de Jesus Maria, e por toda a parte o gelido silencio da morte.

E, todavia, dentro do paço e fóra do paço, parecia ainda um funesto sonho que el-rei houvesse expirado!

E logo ahi começou a deificação, porque balsamos divinos haviam cicatrisado as feridas do desespero, e o povo comprehendera que o rei vivia ainda, aureolado no céo como na terra, a vida dos justos, dos bons, dos santos.

O paço das Necessidades foi durante os dias 14 e 15 atravessado, desde que as portas se abriram até que se cerraram — e só se cerraram noite a dentro — por lutuosos bandos de nobres e populares, que ajoelhavam orando, profundamente recolhidos, á beira do feretro.

Ahi começara, em torno da eça, a formar-se a legenda em lagrimas silenciosas e ardentes orações; depois completaram-n'a os suffragios, os monumentos, as escólas, os hospitaes, as associações que tomaram por divisa o nome do rei amado.

Que profunda, e, ao mesmo tempo, que resignada tristeza a do povo!

O céo por muitas vezes havia annunciado que a vida do rei era sua, e ainda tres annos antes assignalara, com um violento tremor de terra, o dia em que reivindicaria o seu thezouro.

E o povo confortava-se com a certeza de que o principe se volvera anjo.

Esta doce convicção revelava-se em todos os dialogos, em todas as palavras.

Oiçamos um.

Ao entardecer do dia 14, um pallido moço, de fronte inclinada, e um velho de longos cabellos brancos atravessaram, bandeados com o povo, a *sala da tocha*, no paço das Necessidades, e a sala immediata, até que entraram á camara ardente.

Cerca de dez minutos estiveram orando.

Depois o moço ajudara o velho a erguer-se, e ambos ficaram de pé algum tempo, com os olhos postos na larga cruz branca, que se estendia ao longo do feretro real sobre panno de velludo franjado d'ouro.

Era precisa alli a cruz para vencer, no animo dos que entravam, a saudade que, por intensa, tentava lutar a cada instante.

O ancião, tirando docemente pelo moço, segredou-lhe ao ouvido com voz tremula de commoção e velhice:

— O que é a vida! o que é a vida! Alli estão vinte e quatro annos!

Estremeceu, como cadaver galvanisado, o moço.

Cada vez se tornava mais caudalosa a multidão. Uma onda os impelliu até á porta; se ella os não

arrastasse, não haveria forças que os arrancassem a tão doloroso recolhimento.

— A vida, meu tio, — disse Alvaro Vaz, porque era elle, já fóra do atrio das Necessidades, — a vida é a flôr que se desfolha. Quem poder ser feliz, guarde bem a sua felicidade, porque a morte é impiedosa, — rouba-a.

João Vaz parou de subito e, voltando-se para as cerradas janellas do paço, exclamou com ardor que se diria juvenil.

— Ainda bem! ainda bem! que pude ouvir estas palavras! A Deus as agradeço e á alma do rei tambem, que por nós todos intercedeu!

No dia dos funeraes, dia chuvoso e lugubre, porque a natureza tambem vestira luto, acompanhavam o immenso, o imponente, o magestoso cortejo que seguira o rei santo até á sua ultima morada, — o moço e o ancião, o moço entre os seus condiscipulos do curso superior de letras, o ancião a pequena distancia.

— Pena tenho eu, — disse João Vaz ao sobrinho em S. Vicente de Fóra — de o não poder acompanhar até á porta do paraiso!...

— E se eu lhe pedir, meu tio, que me acompanhe até lá?

— A ti? Queres morrer, Alvaro?

— Não, quero entrar no céo, meu tio. Quero que

se abra a porta do convento de Santa Clara e que seja essa a porta do paraiso.

— Milagre! milagre! repetiu tremulo João Vaz. Milagre!

E a meiga vizão, que surgira aos olhos d'Alvaro quando a voz dos sinos, que chamavam á oração, subito o despertara dos sonhos fallazes da mocidade, o doce anjo que parecia ajoelhar sobre as flôres desfolhadas á beira do feretro real, ia-o acompanhando para amparal-o n'essa hora de intimo desconforto e repetindo-lhe o verso do poeta que el-rei recitara ao morrer:

Guardami ben: ben son, ben son Beatrice.

Olha bem para mim: eu sou Beatriz.

XVII

REALISAÇÃO D'UMA PROPHECIA

Saira do palacio das Necessidades, depois das dez horas da manhã, o prestito funebre, e eram cinco da tarde quando o cadaver do senhor D. Pedro V entrava no real jazigo de S. Vicente de Fóra, tamanho numero de pessoas concorrera espontaneamente aos funeraes.

Concluidos os actos religiosos, abeiraram-se do ataude as muitas associações e particulares que levavam flôres para engrinaldal-o.

Foi do numero dos ultimos Alvaro Vaz que, tremulo o braço e demudado o semblante, poisou sobre o feretro uma corôa de perpetuas.

Commovente testemunho d'affeição foi esse, o de inflorar com grinaldas rociadas de lagrimas o derradeiro leito do rei amado! Flôres e lagrimas! flôres que são festa, e lagrimas que são luto... Eloquente symbolo do intimo pensamento do povo! Flôres para o anjo; lagrimas para o cadaver. Flôres para a primavera do céo; lagrimas para o inverno da terra.

E de flôres e lagrimas se entreteceram as primeiras estrophes do poema legendario ainda hoje suspirado, com rediviva ternura, sobre a memoria do rei santo.

Anoiteceu lutuoso, como havia amanhecido, esse dia memorando.

Caira a noite do céo sobre a noite das almas.

O sol do dia seguinte, — o sempre triste sol do inverno — alvorecera receioso e pallido, porque baldadas seriam torrentes de luz, se em novembro as houvera, para secar as lagrimas ainda não enxutas nos olhos que a vigilia conservara abertos.

Não obstante, uma das meninas recolhidas no convento de Santa Clara vira, a meio da manhã,

e ao atravessar um corredor, caminhar na direcção da portaria Alvaro Vaz e o tio.

O camponez precedia o sobrinho, e olhava curiosamente para as solitarias janellas do convento, como a procurar alguem, e desejoso d'antecipar uma revelação.

Foi pressurosa a menina dizer no côro á sua amiga d'Alcobaça, que a procuravam o tio e o primo, e em breves palavras contou, com inexplicavel alvoroço, quanto involuntariamente pudera ver.

Agitou-se o coração de Clarinha sem atinar com a causa provavel de sua perturbação, e, perdia-se em conjecturas, quando lhe vieram dizer que um e outro haviam sido introduzidos no locutorio.

A belleza de Clarinha tinha n'esse dia a morbidez dos lirios. Havia chorado pelo rei as lagrimas que ressecam as faces, e que, em torno dos olhos, se arroxeam em violetas. Mal que entreluzira a melancholica manhã, ajoelhara a ler orações pela alma d'el-rei. Não tivera tempo de compôr os seus longos cabellos. Estavam desalinhados, riçados negligentemente. Denunciava a casta e singela formosura da mulher que chora. A mulher que chora! Se alguma coisa completa a mulher, são as lagrimas. Que ella chore, e todas as delicadas fibras da sua organisação terão vibrações sonóras, movimentos vibrantes; — o teclado dos sentimentos modu-

lará todos os sons da musica que a natureza lhe poz na alma.

Tão aturdida ficara, e correra á grade, que não fizera reparo em si. Apparecera com o seu livro d'orações na mão, — o seu doirado livro d'orações, a que servia de marca a folha de papel em que o primo, seis annos antes, escrevera uma prophecia, — os versos.

Sacrilegio? Não. Antes adoração dos infelizes. Tão sagrada reputam a sua dôr, que com quanto ha sagrado a confundem!

João Vaz estava-a esperando impaciente para desabafar os jubilos que trazia n'alma, onde a saudade d'el-rei lh'os consentia, porque eram gemeos, saudade e jubilos, e não havia separal-os.

O coração d'Alvaro tão violentamente batia, que o obrigou, por exhausto de forças, a encostar-se á grade, e, tamanha foi a commoção quando viu a prima, bella d'aquella morbida belleza, com o seu livro d'orações na mão, traíndo-se despercebida de que se traía, que só a pôde ver, no primeiro momento, atravez d'uma neblina para assim dizer prismatica.

Só quando pela primeira vez vira el-rei, no paço das Necessidades, sentira perpassar diante dos olhos tão longo véo de sombras transparentes.

Na voz de Clarinha tremeram todas as palhetas sonoras da doçura, e assim como o sol vae rarefa-

zendo a aurea neblina da manhã, quanto mais se vae erguendo, assim a imagem de Clarinha ia pouco a pouco recòrtando a nuvem em que a principio a vira o primo.

Nunca tão formosa lhe parecera! nem tão meigo o olhar! nem tão melodiosa a voz!

O livro das orações completava o quadro! Que de confusos pensamentos que elle accordou na alma d'Alvaro Vaz! Ler! ella, a serrana gentil, entender os dulcissimos hymnos da egreja e da poesia, por amorosa e dedicada, só para se nobilitar a seus olhos! deter as mariposas do espirito humano, — que todos os dias nascem com novo colorido e adejam até encontrarem a chamma da morte — e dizer-lhes, em vez de orgulhosa, humilde: « Parae, ó idéas aladas, ó fugitivas borboletas da phantasia do homem, que já não sois para mim um mysterio. Toda a intelligencia é uma rosa cerrada em botão; por um esforço de vontade procurei o sòl e eis-me flôr » Orar! ella estava a orar, a chorar balsamos santos sobre o tumulo do rei, como se estivesse á beira d'elle, porque a oração é uma aza, feita de plumas do céo, e leva a alma onde a alma quer ir! Esperar! ella esperava ainda, depois de longos seis annos e, como se sentisse desalentada, porque o tempo ia rolando veloz para a eternida-

de, arrastando crenças, flôres e vidas, amparava-se á cruz e soccorria-se da oração!

Foi João Vaz, como era de prevêr, quem primeiro tentou falar.

Chorava e ria. As lagrimas e os sorrisos embargaram-lhe por algum tempo a voz.

Era todavia preciso que falasse, que communicasse o fogo estranho que n'essa hora lhe estava aquecendo o coração, e remoçando-lh'o, sem embargo das lagrimas que desciam vagarosamente pelas faces.

— Clarinha! filha! venho dizer-te — e com que felicidade t'o digo! — que a alma d'el-rei já fez um milagre! Olha bem para teu primo, Clarinha...

— O primo está doente e commovido. Não estranho a sua dôr. Se tanto amava el-rei, e tanto lhe devia! Tambem eu lhe devia e o amava muito! Por isso o tenho chorado e chorarei. Não se constranja, primo.

— Todos devemos chorar, Clarinha... sim... mas não é agora... n'este momento!... Nunca esperei vel-o, filha, e todas as noites cuidava que não teria vida para tanto!...

— Que diz, meu tio? perguntou anciosamente Clarinha, receiosa de estar sonhando.

— Digo que vaes sair d'este convento... e para sempre... Entendes, filha? Para viveres sempre em Alcobaça... na nossa querida Alcobaça, por von-

tade de teu primo... Entendes-me bem, Clarinha?... E olha lá... trata de arranjar as tuas coisas... que eu vou tratar das licenças... Depressa, filha, depressa... que os nossos pomares já estão com saudades de ti... e nem dão fructo que preste!... Bem, eu já desabafei... e vou tratar das licenças... Adeus, meus filhos... até já, até logo... Eu vou tratar das licenças... Isto foi milagre! milagre reconhecido!... Eu venho, eu venho...

E saiu, chorando e rindo, como entrara, doido d'alegria, feliz de ter vivido até áquella hora.

Clarinha, offegante, alheiada, com os olhos humidos de lagrimas — as lagrimas das grandes commoções — escondia o rosto entre as mãos.

Alvaro ouvia-lhe a respiração anciada, e não ousava levantar os olhos, porque receiava que um olhar da prima o accusasse.

Illusão!

Clarinha não sabia accusar; sabia soffrer.

Houve alguns momentos d'ancioso silencio, até que se ouviu dizer muito a medo:

— Clarinha!

E muito a medo se ouviu responder:

— Primo!

As primeiras notas são sempre timidas e soluçadas.

Eu já ouvi, ao anoitecer d'um dia de primavera, uma porfia de rouxinoes. Estavam-se espreitando

d'entre os salgueiros como se um ao outro se temessem. O cartel de desafio foi um som ligeiro, tremulo, fraco. Respondeu-lhe outro som, tirado com difficuldade e timidez. As phrases que se succederam vacillavam no ar como espheras de sabão, mas dentro em pouco se fortaleceram as gargantas e desdobraram um prodigioso volume de voz, que encheu a verde extensão do salgueiral.

Os dois primos estavam, no convento de Santa Clara, como os rouxinoes que eu ouvi.

Até que finalmente cobraram alento.

— Clarinha — disse Alvaro Vaz — a minha alma deve ter-lhe parecido ingrata, indigna da sua...

— Primo!

— Não, Clarinha, não nos enganemos n'esta hora em que nos devemos entender para sempre. Vivi a sonhar, não sei que estranha fada poz á roda do meu berço as doidas chimeras que durante tanto tempo me perseguiram! O que eu previa, o que eu sonhava, meu Deus! A terra era para mim o espinhal que rasga todas as azas, as dos anjos e dos homens, e Clarinha estava na terra, e eu era homem, é certo, mas sonhava ter azas e não queria rasgal-as. Subi, subi, onde fui eu? Não sei, Clarinha, não soube nunca. Batia as azas e voava para o mundo que eu criei. Era miragem o termo da minha peregrinação. Estava no ar; não podia estar em mais parte alguma. E ao mesmo tempo,

ao tempo que eu malbaratava a vida mentindo a mim proprio, Clarinha sonhava e estimava-me deveras, oh! se estimava! E chorava! Cada lagrima sua é hoje para mim um remorso. Perdõe-me, Clarinha, como se perdoa a um louco que recupera a razão.

— Ó primo, pelo amor de Deus! Abençôo as lagrimas que chorei, porque me trouxeram esta hora de felicidade. Não se accuse, primo; condemne antes a minha dedicação.

— Não, não posso condemnal-a, Clarinha, porque, se não fôra ella, o meu pobre coração, ferido pela triste desillusão que a morte do rei, que o apagar-se d'aquella grande intelligencia, devia dar a quantos sonhavam ainda os sonhos mentirosos da mocidade, estaria agora pendido ao abysmo do nada... Lembra-se dos meus versos, Clarinha? Se lembra! Bem sei que os decorou, bem sei que para os ler a toda a hora primeiro os aprendeu a ler... Ahi está o seu livro d'orações que, se eu já o não soubesse, traria o seu segredo, prima.

Subito rubor tornou as violetas em rosas nas faces de Clarinha.

A felicidade é sempre uma primavera. Que admira que traga as mais alegres flôres?

Achou-se surprehendida. Estava alli a denuncial-a o seu livro de orações. Desculpar-se era mentir. Affirmar era encomiar-se.

Calou-se e córou. Occasiões ha em que as faces dizem mais que as palavras. Essa era uma. O rubor é a capa do poema que está na alma, e por via de regra a capa é tão transparente que deixa adivinhar o livro.

Alvaro Vaz comprehendeu o que se passava na alma de Clarinha.

— Ha seis annos — continuou elle para atalhar a perplexidade da prima — ha seis annos que eu escrevia uma prophecia, inconscientemente, porque tambem a borboleta não sabe que ha de ir morrer na chamma. E eu, que no tropel dos meus desvairados pensamentos havia esquecido os pobres versos! Sim, Clarinha, eu disse a verdade:

Mas se cair como a folha
Na onda do vento inquieta,
— Que o vento tudo desfolha,
Cedro, rosa e violeta —
Tal como a folha é guardada
Dentro d'um livro querido,
Guardae o coração ferido,
Se o não quereis dar ao nada.

Clarinha escutava em extasis.

Havia seis annos que ouvira aquella voz murmurando a mesma cadencia sob a ramada d'Alcobaça. Ella escutava, a occultas, na janella. Então passaram nos seus ouvidos como musica, depressa,

fugazmente. Foi-lhe grata a melopea mas não a entendeu. Pediu os versos ao primo — tanto a namoraram! — e, animada da esperança de os comprehender, chegou a comprehendel-os. Agora ouvia-os e entendia-os, e de mais a mais estava realisada a prophecia que continham e que, sem ser a infelicidade do primo, era a sua felicidade!

As esperanças, por longo tempo enraizadas no coração, floriram todas n'essa hora. Impetuoso borbulhar da seiva, que faz com que tudo seja verde, alegre, festivo! Clarinha contou as intimas impressões da sua vida, os seus desalentos, os seus receios, as suas maguas, as suas crenças. Toda essa dolorosa narrativa foi atravessada por um raio de sol, que a doirou. Rasgaram-se as nuvens e appareceram as estrellas. Animou-se, affoitou-se, deixou ver os arcanos da sua alma, como se abre um cofre e mostra as perolas que contém. E o certo é que quasi tudo eram perolas, porque quasi tudo eram lagrimas.

Como os rouxinoes do salgueiral, haviam perdido o receio que os acobardara, e desdobravam as volatas argentinas, que só os namorados e os rouxinoes modilham.

— Que felicidade esta! — exclamara Alvaro Vaz depois de ouvir a longa narrativa da prima. — Que grande felicidade que eu desconhecia! Bem me dizia o rei, aquelle brilhante espirito que deixou um rasto de luz atravez dos nossos corações! Riqueza, a

unica da terra, é a que as desillusões de todos os dias não diminuem. Para ella queria viver o rei. Não invejava outra. E, se a idéa da morte lhe sorria, é porque tinha a convicção de continuar no céo o poema d'amor que se interrompera na terra. Tudo mais são flôres d'um dia. A mocidade é a rosa; desfolha-se, perde-se. Ficam petalas dispersas — as recordações, e de recordações não se póde viver, porque ellas são a vida que já se viveu. O canteiro do lar é o unico que o outomno respeita. Uma só arvore, robusta, profunda, copada, lhe dá sombra, — é a familia. Passam os temporaes da vida por ella, e ella resiste. Poderão agital-a mas não a prostram. Quem me disse isto tudo, Clarinha, isto tudo que eu tão erradamente interpretava? Foi o sino que chamava á oração, foi o cadaver do rei, a dôr da familia portugueza que o chorava, foi, mais que tudo isso, a alma do senhor D. Pedro V. Não sei se ha milagres, Clarinha, não quero sabel-o n'esta hora; o que sei é que basta um dia para dissipar as chimeras de muitos annos...

— Foi milagre, primo! eu presenti-o. Quando o sino do convento nos chamou ao côro para orarmos pela vida do rei, á tristeza que a todas nós despertou veiu juntar-se na minha alma não sei que vago pensamento de felicidade! Lembro-me bem da oração que estava lendo! Dobrei a pagina para marcar esse estranho lenitivo a que o destino

não me havia habituado. Eu lhe passo o meu livro, primo, para que veja por seus proprios olhos a dobra da folha...

Durou o silencio o tempo preciso para o livro das orações passar das mãos de Clarinha ás d'Alvaro.

— Cá está! disse elle recebendo-o e beijando a pagina! Cá está! Como eu quero a este livro em que tudo é sagrado... até este papel, decerto. Consente que o veja, Clarinha?

— Para que ha de vel-o o primo! atalhou pressurosa a menina. É mais uma oração...

— Quero conhecel-as todas. Clarinha, para um noivo não ha segredos!

— Não é segredo, primo. Póde ver. São...

— Os meus versos! escriptos pela sua mão na letra das cartas que eu recebia d'Alcobaça! Estes caracteres são os primeiros traços luminosos do seu espirito. Quero-os, estimo-os. Ha seis annos que a prima me pediu os versos que eu escrevi; agora lhe peço eu os versos que a prima copiou.

— Quem me dá a felicidade tem direito a pedir-me o que eu julgava minha unica esperança, disse Clarinha cada vez mais arroubada.

— E eu, peregrino da esperança, tudo devo a quem me dá a felicidade! Confirme-a, Clarinha. Quero ouvir dos seus labios a ultima palavra do prologo do nosso poema do lar. D'hoje em diante deixamos de ser primos para sermos noivos. Trate-

mo-nos como noivos... Comprehendes-me Clarinha?

Houve um momento de silencio em que as faces de Clarinha de novo se purpurejaram de sanguineo colorido de Rubens. Quem se vê de repente nas praias da felicidade, está ainda tão surprehendido, que receia dar um passo por se lembrar de que sob os pés se lhe cavará um abysmo.

Ia abrir-se a porta do locutorio. Clarinha, sentindo approximar-se gente, quiz dizer a palavra que tinha nos labios, mas, tanta era a sua commoção, que só pôde dizel-a depois da porta aberta:

— Alvaro!

Quem entrava era João Vaz. Ouviu e parou.

— Deus seja louvado, Clarinha! exclamou elle. Deus seja louvado! Já se não tornará a ouvir dizer na nossa casa d'Alcobaça: Primo d'alli, prima d'acolá! Agora é que lá se começa a viver! Deus louvado! Prohibo que se fale mais de tristeza e morte. Rasga o teu testamento, Clarinha. Tua prima, Alvaro, queria deixar-te rico, muito rico. Importa mais ser feliz do que rico, e tu agora és feliz... Fui tratar da licença para a saída de Clarinha e para o vosso casamento. Breve se conseguirá tudo. Gaste-se o que se gastar, mas que andem depressa, foi a ordem que eu dei ao procurador. No caminho passei por uma egreja. Entrava muita gente, sobretudo muitas senhoras. Eram missas pela alma d'el-rei. Os noivos que esperem! disse eu

com os meus botões. A alma do rei é que nos fez este milagre! Chorei, Clarinha, nem sei se chorava d'alegria, se de tristeza! Choravam todos, velhos e novos, senhoras e homens. Na egreja não cabia um alfinete. Custou-me a sair, porque havia á porta muita gente que queria entrar! Mas emfim lembrei-me de vocês e queria vir... que eu queria tambem ficar... Eu nem sei o que queria, eu nem sei o que hei de fazer!... O que sei é que sou feliz, porque vos vejo felizes...

Espalhada no convento de Santa Clara a boa nova, logo se tomou á conta de milagre que fizera a alma d'el-rei.

Clarinha passou d'uns braços a outros. A noiva do moço brazileiro disse logo que não queria esperar que o seu noivo acabasse o curso.

— As nossas grinaldas hão de ser eguaes, sim, Clarinha?

— Pois sim, minha amiga.

Outra menina, que não tinha ainda noivo nem grinalda, disse do lado:

— Como as meninas são felizes! Isso só por milagre!

E saíu da cella de Clarinha, e foi tirar todas as flôres do seu oratorio para engrinaldar com ellas um retrato d'el-rei.

EPILOGO

Requerida e concedida a licença para o casamento, saíu Clarinha do convento de Santa Clara e logo, por determinação d'Alvaro, jornadeou a osa venturosa familia para Alcobaça.

A noticia da chegada tinha-a mandado adiante João Vaz.

Não lhe permittiu o coração demoral-a.

Acudiu a felicitar os noivos toda a gente da villa. João Vaz estendia a mão, depois arqueava os braços para apertar contra o peito um amigo ou um conhecido, e dizia:

— Nós agradecemos muito. Eu tambem penso que sou noivo!

João do Couto quiz recitar discurso. João Vaz atalhou-o á segunda palavra e gritou:

— Eu não lhe dizia a você que o rapaz tinha bom coração? Olhe que nem mação se fez!

— Que me diz!

— Digo-lhe isto.

— Pois muito folgo! muito folgo! Então agora ficam por cá de vez?

— Que lhe importa a você onde nós ficámos, seu curioso?

— Não era curiosidade, amigo. Queria saber se teria ainda de ler alguma d'aquellas cartas...

— Isso já acabou, homem. O rapaz não torna a escrever; agora não importa que os mestres de Lisboa lhe estragassem... o que?...

— O cursivo. E é que estragaram!

— Bem estragada traz você essa cabeça!

O dia do casamento foi de festa. Ao entrarem na egreja, Alvaro Vaz comprimiu ternamente o braço de Clarinha e disse-lhe:

— Está-me a lembrar agora uma expressão do Dante, do poeta a quem el-rei mais queria: *la porta di San Pietro.*

— O que? perguntou do lado João Vaz.

— Queria eu dizer que vamos a entrar a PORTA DO PARAISO.

— Boa novidade me dás tu! replicou João Vaz. O senhor D. Pedro V era tão nosso amigo, que não quiz entrar n'um paraiso, sem nos abrir outro a nós! Pois, louvado Deus e o rei, entremos todos trez a PORTA DO PARAISO.

FIM.

ERRATAS ESSENCIAES

Além d'alguns erros de troca de letras, que o leitor facilmente corrigirá, alguns ha de palavras que, por alterarem o sentido, requerem errata. São essenciaes os seguintes :

Pag. 48, linha 22, onde se lê :

para tão ardentes devaneados,

leia-se :

para tão ardente devaneador.

Pag. 97, linha 25, onde se lê :

dos progressos individuaes.

leia-se :

dos progressos intellectuaes.

Pag. 142, linha 5, onde se lê :

afastando meigamente o aio,

leia-se :

afastando meigamente o conselheiro.

INDICE

Typ. Sousa & Filho — Rua do Norte, 145